

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras

A INTERAÇÃO PROFESSOR/ALUNO/TUTOR NA
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:
CARACTERÍSTICAS E
REPRESENTAÇÕES.

Luciana Cândido de Lima Diniz

Belo Horizonte

2009

Luciana Cândido de Lima Diniz

**A INTERAÇÃO PROFESSOR/ALUNO/TUTOR NA
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:
CARACTERÍSTICAS E
REPRESENTAÇÕES.**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Língua Portuguesa, elaborada sob a orientação da Professora Dr^a. Juliana Alves Assis.

Belo Horizonte

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

D585i Diniz, Luciana Cândido de Lima
A interação professor/aluno/tutor na educação a distância: características e representações / Luciana Cândido de Lima Diniz. Belo Horizonte, 2009. 181f. : il.

Orientadora: Juliana Alves Assis
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Ensino a distância. 2. Internet na educação. 3. Análise de interação em educação. 4. Representações sociais. I. Assis, Juliana Alves. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 37.018.43

Luciana Cândido de Lima Diniz

**A INTERAÇÃO PROFESSOR/ALUNO/TUTOR NA
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:
CARACTERÍSTICAS E
REPRESENTAÇÕES.**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Língua Portuguesa, elaborada sob a orientação da Professora Dr^a. Juliana Alves Assis.

Juliana Alves Assis (Orientadora) – PUC Minas

Jane Quintiliano Guimarães Silva – PUC Minas

Ana Elisa Ribeiro – Cefet

Belo Horizonte, 03 de agosto de 2009.

Dedico aos meus pais, Jair e Maria. O que realizo hoje é reflexo do amor, do cuidado e da confiança que vocês depositaram em mim. Por isso, pai e mãe, coloco neste trabalho toda a minha vontade de ver, em seus olhos, o orgulho por mais esta conquista.

Dedico também ao Wagner, que preencheu todas as lacunas de minha vida e, por cima de meus ombros, foi o primeiro a conhecer este trabalho.

Obrigada por tudo, meus amores.

AGRADECIMENTOS

À professora Juliana Alves Assis, pelo incentivo e pelas valiosas orientações, mas, sobretudo, pela confiança em mim depositada. Por ter me ensinado muito além das teorias que compõem este trabalho. Pela sutileza e grandeza de mestre que me fez chegar até aqui.

Aos professores do mestrado, Jane Quintiliano, Maria Angela, Hugo Mari, Marco Antônio e à saudosa Malu Matencio, pela disponibilidade e incentivos que contribuíram para aquisição de conhecimento.

Às professoras, tutoras e aos alunos da EAD, pela contribuição com a pesquisa.

Ao meu primo Breno, pela valiosa e prestativa ajuda.

Aos colegas Adilson, Maria Alzira, Jaqueline, Kariny e Helena, o meu muito obrigado, por todos os momentos que estarão imortalizados em minha memória.

Às queridas Vera e Berenice, por todo o carinho com que nos atendem na Secretaria do Programa de Pós-graduação e Letras.

Aos colegas de trabalho, o meu muito obrigado por compreenderem minhas ausências, mesmo que de corpo presente.

A Deus ... pelo dom da vida, e por tudo o que me tem proporcionado. Pelo amor, pela família, pelas amizades, por todas as pessoas que colocou em meu caminho. Obrigada também pelos tropeços que me fizeram aprender.

Meu obrigado a todos os que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

“Procuro despir-me do que
aprendi.

Procuro esquecer-me do modo de
lembrar que me ensinaram
e raspar a tinta com que me
pintaram os sentidos.

Desencaixotar minhas emoções
verdadeiras.

Desembrulhar-me e ser eu, não
Alberto Caeiro, mas um animal
humano que a natureza produziu.

Mas isso (triste de nós que
trazemos a alma vestida!).

Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de
desaprender...”

Alberto Caeiro

RESUMO

A educação a distância (EAD) vem se configurando como uma modalidade de ensino de crescente importância. Seu surgimento aconteceu, de forma ainda incipiente, no início do século XIX, marcado pelo material impresso e tendo o correio como meio de veiculação. Com o avanço das tecnologias, crescem as possibilidades e formatos de interação a distância, o que também se manifesta no campo educacional. Tendo em vista tal cenário, este trabalho busca compreender traços da educação a distância, através da análise do funcionamento *chat* educacional em disciplina de curso de graduação a distância bem como das representações sociais (MOSCOVICI, 2003) que os participantes dessa disciplina – professoras, alunos, tutoras – possuem da prática em que se engajam. Parte-se de um modelo teórico de descrição e análise do gênero aula (MATENCIO, 2001), concebido a partir da análise de aulas presenciais, de forma a flagrar pontos de convergência e especificidades entre a aula presencial e o *chat* educacional.

Palavras-chave: educação a distância, *chats* educacionais; interação; representações sociais.

ABSTRACT

The distance Education is becoming a teaching method of increasing importance. It appeared, still as a rudimental way, in the beginning of the 19th century, through printed material and using the mail as way of publishing. Due to the progress of technologies, the possibilities and forms of distance interaction increased, which also had impact in the educational field. Considering such scenario, this work aims to understand features of distance education through analysis of the operation educational *chat* in disciplines of distance graduation courses, as well as the social representation (MOSCOVICI, 2003) that the participants of those disciplines – teachers, students, tutors – have about the practice they are involved in. Starting from a theoretical model of description and analysis of the item class (MATENCIO, 2001), conceived from the study of presential classes, and thus, finding points of convergence and particularities between presential classes and educational chat.

Key-words: distance education, educational *chats*, interaction; social representations.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 2.1	Mapa de 4 lados das opções de tecnologia para a educação a distância	30
FIGURA 2.2	Telas de acesso.....	37
FIGURA 2.3	Telas de acesso.....	38
FIGURA 2.4	Telas de acesso.....	38
FIGURA 2.5	Telas de acesso.....	39
FIGURA 2.6	Telas de acesso.....	40
FIGURA 2.7	Telas de acesso.....	41
FIGURA 2.8	Telas de acesso.....	41
FIGURA 2.9	Telas de acesso.....	42
FIGURA 2.10	Telas de acesso.....	42
FIGURA 2.11	Telas de acesso.....	43
FIGURA 2.12	Telas de acesso.....	44
FIGURA 2.13	Telas de acesso.....	45
FIGURA 2.14	Telas de acesso.....	46
FIGURA 2.15	Telas de acesso.....	46
FIGURA 2.16	Telas de acesso.....	47
FIGURA 2.17	Telas de acesso.....	48
FIGURA 2.18	Telas de acesso.....	48
FIGURA 2.19	Telas de acesso.....	49
QUADRO 3.1	A organização global de uma aula.....	60

GRÁFICO 3.1	Número de intervenção por participante (1° chat).....	67
GRÁFICO 3.2	Número de intervenção por participante (2° chat).....	67
GRÁFICO 3.3	Número de intervenção por participante (3° chat).....	68
GRÁFICO 3.4	Número de intervenção por participante (4° chat).....	69
GRÁFICO 3.5	Tipo de intervenção por participante.....	70
FIGURA 4.1	Representação da Interação na EAD	89
FIGURA 4.2	Representação da Interação na EAD	90
QUADRO 4.1	Ensino a distância x Ensino presencial.....	96

LISTA DE ABREVIATURAS

EAD	-	Ensino a Distância
ed.	-	edição
n.	-	número
p.	-	página

LISTA DE SIGLAS

- ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
- IUB - Instituto Universal Brasileiro
- HTML - acrônimo para a expressão inglesa *HyperText Markup Language*, que significa Linguagem de Marcação de Hipertexto.
- MSN - programa de mensagens instantâneas
- ICQ - um programa de comunicação instantânea pela Internet
- CD - *Compact Disc*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Justificativa e Contribuições	15
1.2	Objetivos	16
1.3	<i>Corpus</i> Analisado	17
1.4	Organização do Trabalho.....	18
2	A INTERAÇÃO NO ENSINO A DISTÂNCIA.....	19
2.1	O Histórico da Educação a Distância	19
2.2	A Interação a Distância e Novas Tecnologias.....	21
2.3	Gêneros Textuais, Tecnologias e Práticas Sociais	24
2.4	As Ferramentas Interativas na Educação a Distância	27
2.5	O <i>Chat</i>, do Social ao Educacional: funções, traços e características	34
2.6	Características Tecnológicas do Curso de EAD em Foco	37
3	A INTERAÇÃO EM PRÁTICAS EDUCATIVAS: DA SALA DE AULA AO <i>CHAT</i> EDUCACIONAL	50
3.1	A Interação	50
3.2	A Interação em Práticas de Ensino Presencial: modelos e análises da interação em sala de aula presencial.....	55
3.3	Funcionamento do <i>Chat</i> Educacional: formas de participação do professor, alunos e tutores (1º movimento de análise dos dados da pesquisa)	62
4.	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM PRÁTICAS DE EAD.....	84
4.1	A Noção de Representação Social.....	84
4.2	Representações sobre a EAD e o <i>Chat</i> Educacional (2º movimento de análise dos dados da pesquisa).....	88
4.3	A Visão das Professoras nas Entrevistas	91
4.4.	As Visão das Tutoras nas Entrevistas.....	100
4.5.	As Visão dos Alunos nas Entrevistas	105
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
	REFERÊNCIAS.....	113
	ANEXOS	119

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce do interesse pela educação a distância (EAD), suas características e principais representações por parte daqueles que nela se envolvem. De modo particular, busca focalizar as propriedades do *chat* na modalidade da educação a distância, tendo em vista a interação entre professor, aluno e tutor nesse tipo de evento, bem como a forma pela qual esses sujeitos percebem essa experiência de interação.

A interação ocorre entre pessoas que estabelecem a comunicação para os mais diversos fins. Como sabemos, para que haja interação, não há a necessidade de os sujeitos ocuparem o mesmo espaço físico, isto é, para que a interação ocorra, a presença física não é primordial.

É bastante claro que há diferenças entre os vários tipos de interação, seja face a face, seja mediada por telefone, por carta ou pelo computador, caracterizadas, essas últimas, de modo geral, pela ausência do contato físico, da expressão facial, da ocupação do mesmo espaço etc. O avanço da tecnologia já permite a utilização do telefone e do computador associado à imagem, porém são tecnologias de custo ainda alto e ainda distante de uma grande camada da sociedade.

Fique claro que não se está, aqui, defendendo uma ou outra forma de interação; busca-se, apenas, refletir sobre as principais características desses formatos e, no caso das práticas de ensino a distância, de algum modo, contribuir para seu aprimoramento, uma vez que, na atual sociedade, o ensino a distância pode não ser apenas mais uma possibilidade; diferentemente, pode ser uma solução para aqueles que necessitam de flexibilidade de tempo e espaço, ou mesmo para aqueles que residem em local de difícil acesso aos pólos onde cursos superiores são oferecidos.

Segundo Vygotsky (1989), para que o indivíduo se constitua como pessoa, é fundamental que ele se insira num determinado ambiente cultural. As mudanças que ocorrem nele, ao longo de seu desenvolvimento, estão ligadas à sua interação com a cultura e à história da sociedade da

qual faz parte. Por isso, de acordo com o pensamento desenvolvido pelo estudioso, o aprendizado envolve sempre a interação com outros indivíduos e a interferência direta ou indireta deles.

É nesse sentido que Vieira (2002), assumindo a importância fundamental da interação para o ser humano, destaca a necessidade de que este possa estabelecer vínculos e compromissos antes inexistentes e pertencer a um lugar, a uma sociedade. Esses dois elementos – interagir e pertencer – proporcionam um ambiente mais seguro para uma pessoa. Nessa medida, portanto, os programas de educação a distância procuram encontrar mecanismos ou ferramentas que proporcionem ao aluno a possibilidade de interagir com o professor, com o tutor e com outros alunos, bem como que propiciem a ele (o aluno) a sensação de que faz parte de um grupo.

A interação *in praesentia* vem ganhando, assim, um novo formato no meio digital, o que pode facilitar a interação entre pessoas dos mais diversos lugares e com várias finalidades e o que pode, ainda, trazer a sensação de face a face para a comunicação mediada via computador; a exemplo disso, já se dispõe de tecnologias como a *webcam* e práticas como a videoconferência.

No ambiente virtual da educação a distância, a ausência do contato físico entre os membros da comunidade forma uma das maiores diferenças entre este e a tradicional sala de aula. Tal fator pode gerar para o aluno uma ideia de isolamento; porém, o sujeito não está necessariamente isolado, pois a interação ocorre em um ambiente em que se forma uma comunidade em busca de um mesmo objetivo. Desse modo, creio ser possível defender que, à medida que a tecnologia da comunicação avança e conecta pessoas que estão distantes através da internet, a interação professor/tutor/aluno vem sendo facilitada e o aluno consegue sentir que pertence a um grupo por meio da comunidade que se forma com a presença do próprio aluno, de outros alunos, do professor e do tutor.

Por meio deste estudo, portanto, pretendemos identificar particularidades do *chat* educacional, compreendendo a interação professor/aluno/tutor no âmbito das ações didáticas e discursivas que acontecem nesse novo formato de ensino/aprendizagem, em comparação com o que se realiza na sala de aula presencial.

1.1 Justificativa e contribuições

No início do século XIX e por muitas décadas, a EAD teve sua organização marcada pelo material impresso - dada a elaboração de seu material didático - e pelos Correios - como meio para veiculação desse instrumento pedagógico.

De outro modo, a evolução da tecnologia veio facilitar a produção e a distribuição do material didático bem como facilitar a interação entre alunos, professores e demais agentes do ensino, através da grande diversidade de ferramentas que abrem novas possibilidades para a educação a distância.

O surgimento da internet, por meio da tecnologia do computador, deu abertura à criação de uma imensa rede social (virtual), em que indivíduos de diversos lugares e sob diversas formas estão interligados, estabelecendo comunicação com objetivos diversos. Nesse cenário, a educação a distância vem ocupando seu espaço com uma demanda sempre crescente e com fronteiras cada vez mais elásticas. Sendo a linguagem responsável pela disseminação das transformações sociais, políticas e culturais, acreditamos que este estudo tem enorme importância devido à veloz penetração da rede mundial de computadores no dia a dia das pessoas, bem como devido ao rápido avanço tecnológico que vem criando um novo momento em nossa história.

No campo da educação a distância, especialmente, é fato que as novas tecnologias de informação oferecem variadas formas de interação entre professor, tutor e aluno; nessa medida acreditamos que também poderá oferecer maior interatividade com o material didático. Dentre essas formas de interação, citem-se aquelas promovidas através do *chat*, do *e-mail*, das listas e dos grupos de discussão, além de outros gêneros de atividade que permitem combinar a interação humana com a independência no tempo e no espaço.

Considerado esse quadro, podemos defender a relevância de se desenvolver um trabalho voltado para a análise da interação professor/tutor/aluno no ambiente digital, sobretudo por acreditarmos que esse modo de interação deve ser uma preocupação constante daqueles que trabalham com a educação.

Devido à crescente oferta de cursos na modalidade a distância, acreditamos que o estudo que ora se descreve tem significativa importância, uma vez que permitirá a percepção de características próprias da interação no ambiente virtual de ensino/aprendizagem. Defendemos, assim, a ideia de que seja necessário investigar como ocorre o processo de interação entre o professor, o tutor e o aluno na educação a distância, de forma a contribuir com os cursos oferecidos nesse formato, tendo em vista a estreita relação entre a interação e os processos de ensino/aprendizagem.

Intencionamos, desse modo, apresentar e discutir resultados que possam orientar as práticas didáticas dos professores da educação a distância, além de enriquecer os estudos escassos acerca da interação professor/aluno/tutor nesse campo.

1.2 Objetivos

Com base na discussão apresentada, buscamos, neste trabalho, entender os processos de interação entre professor, tutor e aluno no ambiente virtual do ensino a distância, especificamente no que toca ao *chat* educacional, bem como as representações dos sujeitos envolvidos nessa interação acerca da educação a distância.

Para viabilizar essa pretensão, apresentamo-la desdobrada nos seguintes objetivos:

- identificar e descrever as práticas de interação professor/tutor/aluno em disciplina de curso de graduação a distância;
- descrever e analisar o funcionamento do *chat* educacional nas práticas de ensino/aprendizagem da disciplina de EAD em foco;
- verificar a pertinência de um modelo de interação professor/aluno descrito para aulas presenciais na situação de interação flagrada nos *chats* realizados na disciplina de EAD pesquisada;
- descrever e analisar as representações dos alunos, tutores e professores da disciplina sobre a interação a distância, especificamente com relação à participação em *chats* educacionais.

1.3 *Corpus* analisado

Para o desenvolvimento da pesquisa ora proposta tomamos como *corpus* o material publicado no *site* de um curso de graduação a distância de uma universidade particular, o qual reúne as formas de interação entre professor, tutor e alunos. Os dados a serem usados reportam-se a uma única disciplina – “Produção e compreensão de texto” –, ofertada no 1º período do Curso de Ciências Contábeis, em duas realizações: 1º semestre de 2007 e 2º semestre de 2008.

Esse material compõe-se de quatro encontros *on-line*, sendo três ocorridos no 2º semestre de 2007 e o quarto no 2º semestre de 2008, todos registrados no *site* da instituição que nos cedeu o material, tornando possível a pesquisa. Os textos, portanto, reportam-se a duas turmas diferentes da mesma disciplina, variando, ainda, a professora em cada uma das duas realizações. Nas duas realizações, atuaram duas tutoras (sempre as mesmas).

Apesar de a modalidade de ensino a distância oferecer outras formas de interação, como, por exemplo, o correio eletrônico e as listas de discussão, optamos por analisar os encontros *on-line*, exatamente por ser um espaço em que estão “presentes”, ao mesmo tempo, professor, tutores e alunos, todos formando uma comunidade e envolvidos numa mesma tarefa.

Além do material descrito, também integram o *corpus*¹ do trabalho: (i) a filmagem do quarto encontro *on-line*, ocorrido no 2º semestre de 2008, realizada com o objetivo de captar/registrar as ações e reações da professora no momento do *chat*; (ii) entrevistas com as professoras da disciplina, as tutoras e alunos, de forma a mapear a experiência desses sujeitos com práticas de interação envolvendo a tecnologia digital, bem como apreender suas representações sobre a natureza da interação em foco, no curso a distância.

¹ Todo o *corpus* deste trabalho – material transcrito, *chats* registrados, bem como os questionários aplicados – encontra-se nos anexos.

1.4 Organização do trabalho

Além deste capítulo introdutório e da conclusão, este trabalho é composto por outros quatro capítulos.

No capítulo 2, é apresentada uma discussão em torno da Educação a Distância, considerando seu histórico no Brasil; além disso, esse capítulo se dedica a refletir sobre o impacto da tecnologia nas práticas de uso da linguagem, discorrendo, ainda, acerca das ferramentas interativas na educação a distância. O capítulo se encerra com a descrição geral das características operacionais e tecnológicas do curso/disciplina em que os dados da pesquisa em questão foram gerados/coletados.

No capítulo 3, a discussão toma como centro as práticas de ensino presencial bem como a descrição de modelo para sua análise. A partir desse modelo, é examinado o *chat* educacional, consideradas, sobretudo, as formas de participação de professores, alunos e tutores nesse tipo de interação.

No capítulo 4, a discussão se dá em torno das representações sociais das professoras, dos alunos e das tutoras da disciplina em foco - tendo em vista a modalidade de EAD - e, sobretudo, sua participação nos *chats* educacionais, a partir da análise das entrevistas realizadas com esses informantes.

O capítulo 5 traz as considerações finais, apresenta informações sobre o trajeto da pesquisa e, devido à importância creditada na linha de pesquisa deste trabalho, propõe investir em pesquisa e projeto de trabalhos futuros.

2 A INTERAÇÃO NO ENSINO A DISTÂNCIA

Este capítulo focalizará, inicialmente, o histórico da EAD, a fim de buscarmos compreender esse formato de ensino. Trataremos de forma genérica a interação a distância e as novas tecnologias, buscando a compreensão das mudanças que a tecnologia vem causando em nossa sociedade. Em seguida, passaremos também por uma breve discussão sobre os gêneros textuais, esses fenômenos históricos pertencentes à nossa vida cultural e social.

Na sequência, passaremos a estreitar nosso discurso com a EAD, tratando mais especificamente das ferramentas interativas na EAD, trazendo também as funções, os traços e as características do *chat* educacional e, por fim, analisando mais detidamente a tecnologia encontrada no curso de EAD em foco.

2.1 Histórico da Educação a Distância

Não há como discorrer sobre a história² da educação a distância (EAD) no Brasil sem citar o Instituto Universal Brasileiro (IUB) - pioneiro em cursos técnicos a distancia, via correio - o qual possibilitou o ingresso de muitos jovens no mercado de trabalho.

Conforme informações da Fundação Joaquim Nabuco (Ministério da Educação), essa primeira geração da EAD foi marcada pelas cartas e livros; a educação acontecia por correspondência. Segundo essa instituição, há dados históricos que mencionam o surgimento do ensino por correspondência no Brasil no ano de 1904, nas dependências dos serviços dos Correios.

² Informações encontradas no *site* da Fundação Joaquim Nabuco, Ministério da Educação. <http://www.fundaj.gov.br>, acesso em: 22 jan. 2008.

Por volta de 1970, a segunda geração da educação a distância foi marcada pelo uso de tecnologias como a televisão, as videoaulas, o audiocassete, além do material impresso. Os meios tecnológicos eram usados para passar a informação aos aprendizes, não havia nenhum tipo de contato verbal – oral ou escrito – entre professores e alunos.

Na década de 70, o governo militar criou o projeto Minerva, para atender os seus objetivos, já que, desde 1964, se propunha mudança radical no processo educativo com a utilização do rádio e da televisão. Nesse contexto, a proposta era solucionar os problemas educacionais existentes com a implantação de uma cadeia de rádio e televisão educativa para a educação de massa, por meio de métodos e instrumentos não convencionais de ensino. O projeto Minerva foi implementado como uma solução a curto prazo aos problemas do desenvolvimento do país, que tinha como cenário um período de crescimento econômico, em que o pressuposto da educação era o de preparação de mão de obra. Esse projeto foi mantido até o início dos anos 80, apesar do baixo índice de aprovação (77% dos inscritos não conseguiram aprovação) e das severas críticas sobre currículos, tomados como extremamente simples e elaborados por pessoas pouco qualificadas. Além disso, as horas destinadas à programação do projeto de radiodifusão não foram cumpridas: as pessoas não reconheciam as tecnologias utilizadas, como a televisão e o rádio, como meio educativo, os conteúdos não eram adaptados à realidade do país e as equipes regionais para o atendimento sistemático aos alunos não foram suficientes para suportar a demanda de solicitações.

De qualquer forma, pode-se dizer que o projeto Minerva contribuiu para a compreensão e para a proposição de novas tecnologias educacionais. As críticas que apontam o fracasso do projeto, como o baixo índice de aprovação e outros aspectos já citados, também indicam os cuidados a serem tomados em novas propostas em que venha ocorrer a EAD.

A terceira geração da EAD surgiu na década de 90, caracterizada pelo uso do computador, da internet e dos sistemas de videoconferência. Com o surgimento dessa rede de comunicação vieram também diversos tipos de ambientes interativos e colaborativos.

Atualmente, a EAD dá oportunidade de se fazer um curso independentemente de sua localização geográfica e do tempo e do horário que se tem para os estudos. Pode-se dizer que, apesar de a educação a distância existir desde a invenção da escrita, as iniciativas do passado

não alcançaram as vantagens que, hoje, as tecnologias da comunicação mediada por computador proporcionam desde o acesso ao material didático até a interação professor/aluno.

Embora saibamos que o surgimento da internet abriu portas para o uso mais intenso da escrita e da interação entre as pessoas, Warschauer (1999), citado por Braga (2005), entende que as novas mudanças tecnológicas, se isoladas, não são responsáveis por esse impacto causado nas formas como nós experienciamos o letramento e a educação. As mudanças tecnológicas interagem com outros fatores, sociais, econômicos e políticos, de modo a determinar novas formas de práticas letradas. Logo, entendemos que, devido à realidade econômica da população de nosso País, poucas seriam as mudanças em novas práticas letradas, sendo alcançadas apenas por uma camada da população. Para que essas novas práticas atinjam outro patamar é preciso que seja feito um trabalho social nas classes menos favorecidas e com apoio político.

2.2 A interação a distância e as novas tecnologias

Sabemos que novas formas de convivência e de comunicação surgiram com as mudanças tecnológicas dos últimos 30 anos, as quais passaram a fazer parte da vida e do cotidiano de um grande número de pessoas. Tais mudanças são responsáveis pelo aumento de possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua. Nesta época de inovações, os educadores precisam descobrir como integrar esta nova forma de pensar aos atos de ler, escrever e, sobretudo, de interagir.

Com o advento da internet surgiram novos e variados gêneros textuais, bem como novas formas de expressão. Isso vem despertando o interesse de muitos pesquisadores, nas mais diversas áreas do conhecimento.

A internet, no que diz respeito à recepção e à popularização de sistemas de bate-papo, tem contribuído para a realização de novas formas de interação, através dos *chats*, *e-mails*, *blogs*, videoconferências, listas de discussão, entre outras. Sistemas interacionais na internet contribuem para a formação de um novo estilo de linguagem, como também novas formas e

objetivos de comunicação e interação interpessoal. Tanto jovens quanto adultos mantêm diálogos com colegas reais ou virtuais através de sistemas como o *chat*.

Os novos gêneros que surgiram com o advento da internet e que promovem a comunicação entre pessoas distantes têm características próprias, entretanto possuem similares em outros ambientes. Analisando, por exemplo, a conversação face a face, um dos gêneros mais praticados por nós em nosso dia a dia, e se a compararmos com um bate-papo *on-line*, veremos que esse último é um novo gênero, que possui características próprias, tal como o tempo de acontecimento, que é síncrono como o face a face, mas que acontece essencialmente na forma escrita, o que o diferencia do similar que o antecedeu.

Do ponto de vista técnico, a internet integra milhares de redes eletrônicas e cria uma comunicação global de alcance planetário; nessa medida a internet é um espaço sociodiscursivo onde as possibilidades de interação são continuamente ampliadas.

Com essa larga capacidade comunicativa, podemos dizer que, atualmente, a sincronia, a velocidade e a dinamicidade marcam, sobremaneira, a interação a distância possibilitada pela internet e geram usos languageiros sustentados por escolhas linguísticas e de outros sistemas semióticos que buscam atender à lógica da rapidez e da imediatez de sua natureza conversacional.

No que tange especificamente ao escopo da expressão “interação” nesse contexto, o uso do computador como ferramenta mediadora da comunicação leva-nos a considerar textos que contemplam tanto a “interatividade tecnológica”, em que prevalece o diálogo, a comunicação e a troca de mensagens, quanto a “interatividade interacional”, definida pela possibilidade de o sujeito agir e interferir no programa ou no conteúdo (SILVA, 2000, p. 87).

A distinção elaborada por Silva (2000) estabelece uma diferença entre os textos produzidos de forma síncrona, os que contemplam a interatividade tecnológica (bate-papos, listas de discussão, correio eletrônico etc.) e os demais textos disponibilizados na rede para leitura e cujo acesso depende das escolhas do leitor, relativamente aos caminhos a serem percorridos no texto.

Essa organização textual não depende de um eixo central que sustente um conjunto hierarquicamente organizado de informações secundárias e que exige do leitor fazer escolhas e também determine a ordem de acesso aos diferentes segmentos disponibilizados no hipertexto³, que é, na verdade, uma cadeia de textos que se relacionam e se completam, mas não linearmente.

Ribeiro (2005), discorrendo sobre o hipertexto, informa-nos que seu surgimento se deu nos Estados Unidos, na década de 1940, antes mesmo do surgimento da internet, como tecnologia de armazenagem, busca e transferência de dados que só aconteceu cerca de 30 anos após tal surgimento.

Ainda segundo Ribeiro (2005), o hipertexto passou a ser um sinônimo de texto não linear no ambiente digital, porém a autora adverte que os hipertextos, apesar de sua história recente, são fundamentados nas antigas enciclopédias, coleções e bases de dados. Nessa medida, seria necessário questionar a ideia de linearidade ligada à prática de leitura de texto impresso.

As mudanças tecnológicas ocasionaram mudanças nas práticas sociais, afetando diretamente as práticas letradas. Marcuschi (2005) lembra Bolter (1991), que discute o uso excessivo da escrita no ambiente virtual, o que levou ao que denominamos escrita eletrônica, cuja importância conduziu a uma cultura eletrônica, em que se valoriza a economia na escrita. Marcuschi cita ainda Crystal (2001), que apresenta como exemplo dessa mudança a grande quantidade de expressões que passaram a surgir com o prefixo “e-”⁴. Crystal (2001) menciona outros três aspectos característicos dessa mudança: o primeiro aspecto diz respeito ao uso da linguagem marcado pela pontuação minimalista, abundância no uso das siglas, abreviaturas pouco convencionais etc.; o segundo aspecto reporta-se à natureza enunciativa dessa linguagem, por meio de múltiplas semioses e da integração da imagem e do som; por

³ A complexa noção de hipertexto trazida por Xavier (2005, p. 172) nos mostra que “o hipertexto concretiza a possibilidade de tornar seu usuário um leitor inserido nas principais discussões em curso no mundo ou, se preferir, fazê-lo adquirir apenas uma visão geral das grandes questões do ser humano na atualidade.” Cavalcante (2005) assume a posição de Possenti (2002), Marcuschi (2000) e Koch (2000), não tomando o hipertexto como um funcionamento textual exclusivo dos ambientes virtuais, uma vez que o mesmo sempre esteve presente em nossa escrita, nas iluminuras dos textos medievais, ou nas notas de rodapé em textos científicos, por exemplo. “Uma tecnologia enunciativa que viabiliza a emergência de uma nova forma de acessar, produzir e interpretar informações de maneira multissensorial que se constitui no modo de enunciação digital.” (XAVIER, 2002, p. 100).

⁴ Segundo Crystal (2001), a expressão “e-” foi a expressão do ano de 1998; apareceu em *e-mail* (correio eletrônico); *e-book* (livro eletrônico); *e-manager* (negócios eletrônicos) e em uma infinidade de outras. A expressão eletrônico ou virtual passou a fazer parte do dia a dia de quase todos nós. Em especial, o caso dos *e-mails*, que se tornou uma expressão já bastante disseminada.

fim, o terceiro aspecto refere-se à transmutação dos gêneros já existentes, desenvolvendo gêneros realmente novos e mesclando vários outros.

Com relação ao uso dos bate-papos, *e-mails* e lista de discussão, parece que ainda não há um consenso quanto a serem positivas ou negativas as mudanças observadas nas práticas letradas no universo digital. Braga (2005) lembra que alguns autores, como Levy (1999), Landow (1997) e Xavier (2002), consideram tais gêneros potencialmente mais democráticos e centrados no leitor. Outros autores temem que a navegação pela página digital possa gerar interações bastante superficiais com a informação textual (POSTAM, 1995; BIKERTS, 1994). Para Marcuschi (2004), a compreensão das comunidades virtuais é um desafio que surgiu da rede internetiana para fins específicos.

Ainda que não tenhamos consenso com relação às práticas de uso da linguagem no meio digital, podemos afirmar que, com o avanço tecnológico, o crescimento e a disseminação das tecnologias de informação e comunicação, novas formas de convivência, novos textos, novas leituras, novas escritas e novas maneiras de interagir estão sendo criadas a cada dia, a cada momento de interação que o indivíduo vivencia, o que também repercute nas práticas de ensino e de aprendizagem.

2.3 Gêneros textuais, tecnologias e práticas sociais

Os gêneros textuais, segundo Marcuschi (2002), são fenômenos históricos ligados à nossa vida cultural e social, uma vez que eles ordenam e estabilizam as atividades comunicativas do nosso cotidiano. Tidos como eventos altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, os gêneros surgem de acordo com as necessidades e atividades socioculturais, o que é perceptível devido à quantidade de gêneros textuais hoje existentes, comparada com a quantidade de sociedades anteriores.

As funções comunicativas, cognitivas e institucionais são as principais formas de caracterização dos gêneros, por isso, na descrição dos gêneros, devemos nos ater ao uso e condicionamento sociopragmático, e não apenas à definição formal (SILVA, 1999).

Se nos remetermos à história, veremos que povos de cultura essencialmente oral apresentavam limitados gêneros; com a invenção da escrita, os gêneros se multiplicaram, passando, então, a existir gêneros típicos da escrita. Em uma fase seguinte, a cultura impressa introduziu uma grande ampliação dos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita. Esse pequeno histórico do surgimento dos gêneros textuais nos mostra que os eles surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem, o que justifica caracterizarem-se mais por suas funções comunicativas do que por suas funções linguísticas e estruturais. Contempladas em seu uso, são de difícil definição e, assim como surgem, podem desaparecer.

Novas tecnologias ligadas à área da comunicação propiciam o surgimento de novos gêneros, mas o que origina, de fato, os gêneros não são as tecnologias em si mesmas e sim o uso intenso dos suportes tecnológicos e suas inferências nas atividades comunicativas. Dessa forma, suportes tecnológicos - como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet -, por fazerem parte das atividades comunicativas da sociedade, acabaram contribuindo para o surgimento de novos gêneros - como editoriais, artigos, notícias, telefonemas, telegramas, teleconferência, videoconferência, cartas eletrônicas (*e-mails*), bate-papos virtuais (*chats*) etc.

Apesar disso, podemos afirmar que, por mais novos que sejam esses gêneros, não são distantes dos já existentes. Bakhtin (1979) já afirmava que o gênero passa por uma transmutação, ou seja, um gênero já existente passa a ser assimilado por outro, gerando, então, novos gêneros.

Baseados no raciocínio da transmutação dos gêneros de Bakhtin (1979), veremos que as novas tecnologias vão favorecer formas inovadoras de comunicação, mas não essencialmente novas. A título de exemplo, vejamos o caso do *e-mail*, que apresenta similaridade com a carta e com o bilhete (ASSIS, 2002) – cuja existência é anterior – porém, no suporte tecnológico, apresenta características próprias. Cada gênero está relacionado a um segmento da atividade humana na sua relação de aplicabilidade e apropriação por parte do indivíduo, por isso são inúmeras as formas de gênero.

Voltando a Bakhtin (1979), é conveniente destacar que esse autor define gênero como tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados em cada esfera de utilização da língua na

atividade humana, e que retratam as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e/ou por seu estilo verbal,

O autor postula, ainda, que os enunciados são constituídos de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo, apreendidos pelos sujeitos ao mesmo tempo e similarmente à aquisição da língua materna, ou seja, os gêneros, assim como a língua, fazem parte da cultura. Marcuschi (2006) lembra, a esse respeito, que Bakhtin frisa o aspecto “relativo” do gênero como sendo mais importante que o aspecto da “estabilidade”, mesmo que para muitos pesquisadores a estabilidade seja essencial para a afirmação da forma.

Os gêneros possuem, então, características próprias que delimitam o enunciado (SILVA, 1999). Sabe-se quem fala e para que fala, a partir do gênero que é empregado:

Para falar utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). (BAKHTIN, 1992 p. 301)

A partir da citação de Bakhtin, podemos concluir que os gêneros podem ser considerados como instrumentos que fornecem suporte para a atividade nas situações comunicativas e, nessa medida, são uma referência para os aprendizes.

Schneuwly (1994), ao tratar da questão, alerta para a dinamicidade do gênero, que sofre adaptações a cada nova situação. Há gêneros que são transpostos de um ambiente social para um ambiente escolar e, assim, transformam-se em ferramentas para a realização de um trabalho, passam a ter novo objetivo e nova temática. A fim de entendermos melhor essa transformação, vejamos como Schneuwly apresenta a noção de gênero como ferramenta:

A apropriação é o desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes às ferramentas materiais de produção. A apropriação de uma totalidade de ferramentas de produção é o desenvolvimento de uma totalidade de capacidade nos indivíduos. (SCHNEUWLY, 1994 p. 157)

A partir do trecho citado, podemos inferir que as ferramentas fazem parte do desenvolvimento das capacidades do indivíduo e encontram-se entre o sujeito e a situação em que estão

inseridos, determinando e guiando seu comportamento. A ferramenta, nesse sentido, não só medeia como também é responsável pela materialização da atividade.

2.4 As Ferramentas interativas na Educação a Distância

Marcuschi (2005) lembra que a linguagem é uma das faculdades cognitivas mais adaptáveis a mudanças e também a responsável pela disseminação das transformações sociais, políticas e culturais, sendo a tecnologia, incontestavelmente, responsável por inúmeras possibilidades de sua utilização. Uma das transformações que a linguagem, associada ao desenvolvimento tecnológico, nos proporcionou é o avanço na educação.

A EAD é um processo educativo organizado que exige não somente a dupla via de comunicação, mas também a instauração de um processo continuado, em que os meios devem estar presentes na estratégia de comunicação, pois se caracteriza pelo processo de ensino/aprendizagem no qual o professor e o aprendiz estão separados espacial e/ou temporalmente durante a maior parte do processo. Nessa situação, é necessária a mediação de ferramentas de comunicação para manter a interação entre professor e aluno.

A EAD busca reduzir a distância interpessoal, promovendo a interação entre professor/aluno, aluno/aluno e aluno/tutor. Podemos esclarecer, a esse respeito, que, nesse tipo de prática, o tutor é, normalmente, figura que possui formação na área da disciplina e tem a função de atuar ao lado do professor no ensino a distância, auxiliando-o em suas atividades acadêmicas, respondendo às questões que os alunos deixam no correio acadêmico, participando dos encontros *on-line* junto com o professor, enfim, atuando de forma a garantir a aprendizagem, a troca de informações, a comunicação dinâmica e a colaboração entre os alunos. Nesse sistema, a aprendizagem é consolidada por meio de atividades individuais ou em grupo, que podem ser realizadas em espaços de encontros *on-line*, como o *chat*, ou *off-line*, como o *e-mail*, disponíveis no ambiente virtual.

Não há como negar que a interação na educação a distância vem sendo facilitada pelo desenvolvimento tecnológico, que põe à disposição do professor e do aluno ferramentas, a nosso ver, seguras e eficientes para a interação. Assim, a evolução da história da educação a

distância está diretamente ligada ao desenvolvimento tecnológico, à medida que as tecnologias de comunicação virtual conectam pessoas distantes temporal e geograficamente. A internet é o espaço em que a troca de informações, a produção coletiva de conhecimento e a interação entre os professores e alunos vão acontecer. Nesse ambiente, devem estar disponíveis as ferramentas necessárias para o aluno se comunicar com os professores e com os outros alunos, questionar e discutir temas relacionados ao curso, enviar sua produção, acessar a biblioteca virtual e outras informações importantes para a disciplina. *E-mail, chats* e fóruns de discussões são, nessa medida, ferramentas/práticas importantes para promover e facilitar a interação entre todos os indivíduos que formam essa comunidade virtual.

Novas ferramentas/recursos de comunicação, como a videoconferência e redes de alta velocidade, estão sendo disponibilizadas e incorporadas pelos programas de EAD. Assim, o conceito de presencialidade também se altera. A interação entre professor/aluno e aluno/instituição passa a ser facilitada pela tecnologia e torna possível que o aluno tenha a sensação psicológica de pertencer a um grupo, o que pode inibir ou alterar a sensação de isolamento que muitos alunos descrevem sentir.

As ferramentas que proporcionam a comunicação mediada pelo computador podem proporcionar a interação síncrona ou assíncrona. As ferramentas classificadas como síncronas são aquelas que, para estabelecer comunicação, exigem a participação dos estudantes e professores em eventos marcados previamente, com horários específicos, como, por exemplo, o *chat*, as videoconferências ou as audioconferências. Essas ferramentas transportam no espaço estruturas de comunicação presenciais; assim, os alunos de EAD e os professores podem ter a sensação de pertencerem a um grupo ou comunidade.

O *chat* apresenta o estilo de uma conversação em tempo real face a face entre várias pessoas, simultaneamente ou em ambiente reservado. O ambiente de videoconferência apresenta vídeo e voz síncronos e serve a várias finalidades; provavelmente, seu uso mais restrito, no curso que serviu de parâmetro para a pesquisa que ora se descreve, deve-se ao fato de ser uma tecnologia mais sofisticada. Entretanto, deve-se ressaltar que pode trazer grandes novidades, como mudar as relações de interactantes anônimos ou desconhecidos.

As ferramentas síncronas podem apresentar como benefícios, considerado o contexto educacional, além da interação em tempo real, a possibilidade de os interactantes poderem receber um *feedback* de imediato.

As ferramentas classificadas como assíncronas são as que independem de tempo e lugar, como, por exemplo, listas e fóruns de discussão e correio eletrônico; há ainda, a possibilidade de se realizarem trocas de trabalhos através da rede. Essas ferramentas geram maior flexibilidade de acesso, uma vez que o aluno pode fazê-lo de qualquer local e em qualquer horário; assim, supõe-se que o aluno terá mais tempo para refletir sobre sua produção.

Dentre as ferramentas assíncronas disponíveis na internet, o *e-mail*, conhecido também por correio eletrônico, apresenta-se como a forma mais popular, lembrando um correio tradicional, que permite o envio e o recebimento de mensagens e arquivos. É uma forma de comunicação que possibilita uma reflexão sobre a mensagem recebida e, conseqüentemente, pode proporcionar uma resposta mais consistente, uma vez que o interactante dispõe de tempo para refletir sobre sua resposta e, numa troca sucessiva de mensagens, sobre um determinado tema, entre duas ou mais pessoas, tem-se um processo contínuo de reflexão e depuração das mensagens. É uma ferramenta que, se bem utilizada, pode proporcionar um bom grau de interatividade entre um grupo de pessoas.

Uma lista de discussão é composta por um grupo de pessoas cadastradas em um servidor na internet. A mensagem é enviada por um participante ao endereço do servidor, que realiza a distribuição da mensagem para todos os usuários cadastrados nessa lista. Existem, também, os fóruns de discussão, modalidade de interação em que as mensagens não são enviadas automaticamente aos participantes e, sim, postadas em um *site* para consulta. Tanto as listas de discussão quanto os fóruns podem ser abertos ou restritos a um determinado grupo de pessoas, podendo, ainda, existir a figura do mediador, que vai julgar a pertinência das contribuições.

As ferramentas assíncronas podem apresentar como benefícios a possibilidade de o interactante poder acessar a rede a qualquer momento, dispor de mais tempo para refletir e poder checar suas contribuições.

McIssac⁵ (1996) descreve as tecnologias usadas na educação a distância utilizando o “mapa de 4 lados das opções de tecnologia para a educação a distância”, trazido na Figura 2.1, apresentada a seguir:

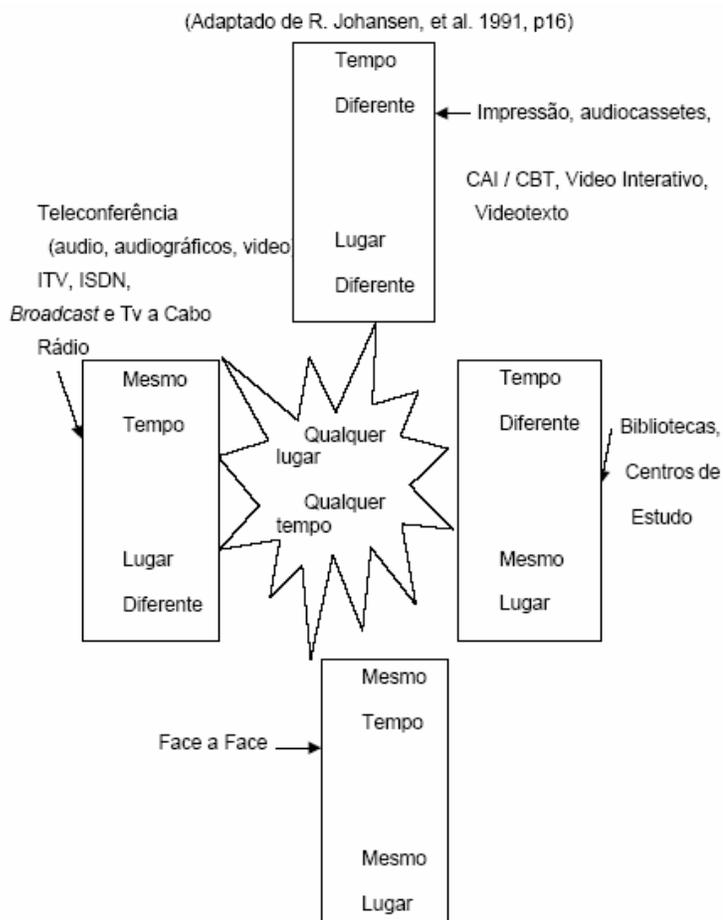


Figura 2.1 - Mapa de 4 lados das opções de tecnologia para a educação a distância
Fonte: McIssac, 1996

O mapa de 4 lados de McIssac (1996) exemplifica que pode haver a comunicação na educação a distância em quatro situações: ao mesmo tempo e lugar; ao mesmo tempo e em lugar diferente; em tempo diferente e no mesmo lugar; e em tempo e lugar diferentes.

⁵ Disponível em <<http://seamonkey.ed.asu.edu/~mcisaac/dechapter>>. Acesso em 10 de janeiro de 2008.

A situação “ao mesmo tempo e lugar” refere-se à interação face a face. Algumas instituições de educação a distancia projetam encontros presenciais durante o curso como forma de melhorar a interação entre professor e aluno ou mesmo para a realização de algumas atividades.

O formato “ao mesmo tempo e em lugar diferente” prevê dois tipos de interação. Uma é a que ocorre quando o aluno e o professor estão separados geograficamente, mas a interação acontece simultaneamente. Nesse formato, a interação pode acontecer através de videoconferência, que permite a transmissão de áudio e vídeo pela rede de computadores e/ou via satélite, possibilitando a interatividade no momento em que a transmissão ocorre. Outras formas são as teleconferências, os *chats*, as listas de discussão e o rádio.

O formato “em tempo diferente e no mesmo lugar” ocorre principalmente em laboratórios, bibliotecas e centros de estudos. Muitos experimentos e pesquisas são desenvolvidos individualmente ou em grupo no mesmo laboratório, o qual os alunos utilizam em momentos diferentes.

Finalmente, o formato “em tempo e lugar diferentes” é propiciado pelas tecnologias que oferecem recursos impressos, fitas de vídeo e audiocassetes, que transmitem a informação unidirecionada.

Nesses quatro formatos de comunicação apresentados por McIssac (1996), podem ser identificados os formatos utilizados pela EAD e quais são as tecnologias que essa modalidade de ensino tem à disposição. Por exemplo: a situação “ao mesmo tempo e lugar” vai caracterizar as aulas presenciais que podem acontecer nos encontros presenciais previstos em alguns cursos de EAD. Já o formato “em tempo e em lugar diferente” vai caracterizar o método que era usado na criação do ensino a distância, numa época em que ainda não havia um grande avanço tecnológico. O formato “mesmo tempo e lugar diferente” vai caracterizar o ensino a distância atual, apoiando-se na tecnologia da comunicação via computador. Temos ainda o formato “em tempo diferente e mesmo lugar”; nele, as instituições oferecem espaços próprios para estudo, tais como as bibliotecas, que podem ser frequentadas pelos alunos, conforme a disponibilidade de cada um.

Segundo Vieira (2002), fazendo referência à pesquisa realizada sobre a EAD na PUC Rio, a atual conjuntura econômica mundial exige que o sujeito se atualize e a EAD aparece como uma opção real devido principalmente à flexibilidade de horários para o acompanhamento do curso, o que não se encontra em cursos presenciais. A internet oferece um ambiente em que uma série de ferramentas são disponibilizadas para que o aluno possa acessar textos, imagens, sons, animações e interagir com colegas e professores; isso faz com que a internet seja um ambiente propício para a realização de cursos.

Para explorar a questão, Vieira (2002) apresenta um estudo feito por Santos (2001), do Laboratório de Engenharia de *Software* da PUC Rio, sobre o uso educacional das tecnologias de rede, que poderia ser reunido em seis modalidades ou aplicações hipermídias para fornecer instrução distribuída; *sites* educacionais; sistemas de autoria para curso a distância; salas de aulas virtuais; *frameworks* para aprendizagem cooperativa; e ambientes distribuídos para aprendizagem cooperativa.

Entre as aplicações hipermídia para instrução distribuída, encontram-se: (i) cursos multimídia com objetivos educacionais definidos, tarefas a serem realizadas pelos alunos, formas de avaliação e suporte para comunicação com os pares e com o professor, e (ii) cursos no formato hipertexto, composto de páginas da *web*, seguindo o modelo de livro-texto, normalmente sem tutoria. De um modo geral, tais cursos não são oferecidos gratuitamente.

Os *sites* educacionais reúnem um conjunto de funcionalidades, tais como biblioteca de *softwares* educacionais, espaços para comunicação, *software* para *download*, *links* para outras páginas da *Web* e jornais. Esses *sites* podem ser de grande valia para professores interessados em localizar fontes de informação para complementar a aprendizagem de seus alunos. O professor pode, por exemplo, fornecer um tema e solicitar que os estudantes localizem, individualmente ou em grupos, as informações colhidas nesses *sites* e, a seguir, usem os espaços de comunicação para discussões e debates. O ponto forte desses sites na *Web* não é, seguramente, o apoio ao professor para a criação de cursos, já que os *sites* não são espaços de autoria. Os usuários podem construir cursos, a serem inseridos no *site*, com ferramentas de autoria ou de criação disponíveis na internet; podem, também, desenvolver páginas da *Web*, usando editores HTML. Esse material é posto *on-line* pelo *webmaster* do *site*. Não há suporte para a avaliação do aluno. Tais *sites*, em geral, fornecem aos estudantes ferramentas de

comunicação e de cooperação, fóruns de debates e *chats*, blocos de anotações e recursos de orientação ao processo de navegação.

Esses sistemas atendem melhor ao enfoque pedagógico instrucionista (transferência de conhecimentos), sendo um dos pontos-chave dessa modalidade a apresentação de conteúdos curriculares. A forma de comunicação entre participantes é fortemente centrada em ferramentas assíncronas e não há necessariamente ênfase em atividades de trabalho colaborativo. Os ambientes fornecem bom suporte ao professor na construção e aplicação de cursos. Há facilidades multimídia para a apresentação de atividades educacionais, apoio para propostas de trabalhos em grupo, suporte para desenvolvimento de atividades usando recursos didáticos variados (*slides*, textos, imagens). Os sistemas de autoria oferecem ao professor um conjunto integrado de ferramentas para criação e aplicação de cursos, fáceis de usar e baseadas na melhor tecnologia disponível na internet.

As salas de aula virtuais estendem o conceito dos sistemas de autoria ao ampliarem o espaço de interatividade e de comunicação e cooperação (ex: AulaNet20, Classe Virtual). Com relação ao AulaNet, a interatividade do curso é garantida por uma série de serviços internet de comunicação e cooperação, entre alunos e entre alunos/professor, simultâneos ou não, tais como correio eletrônico, listas de discussão, grupos de discussão, sessões de *chat* e videoconferências.

Os *frameworks* permitem o desenvolvimento de ambientes (ou locais) customizáveis, integrando ferramentas disponíveis. Unindo ferramentas para aprendizagem cooperativa ou para trabalho cooperativo, os *frameworks* podem ser usados para fins educacionais. Eles são flexíveis, permitindo, a partir de componentes básicos de interface e de objetos fornecidos pelo *software*, o desenvolvimento de aplicações cooperativas personalizadas. Observe-se que tal customização parece requerer um esforço implementacional considerável. Ainda segundo Santos (1999), os *frameworks* fornecem ao professor tão somente um conjunto de ferramentas para o desenvolvimento de aplicações cooperativas. As ferramentas de apoio ao aluno são as mesmas que estão disponíveis para o professor-coordenador da sessão cooperativa, sendo que há uma ênfase em ferramentas de comunicação e cooperação síncronas.

Os ambientes distribuídos para aprendizagem cooperativa adotam o paradigma construcionista (construção do conhecimento), sendo voltados para o desenvolvimento de meta-habilidades cognitivas:

(...) os ambientes desenvolvidos para apoiar cursos à distância na rede também têm privilegiado o lado informativo. Ao entrar em qualquer um desses ambientes, o aluno ou professor não "enxerga" outras pessoas compartilhando o mesmo espaço, mas vê apenas um conjunto de ferramentas que apresenta e organiza a informação gerada nos cursos. (...) ao longo do tempo, o elemento humano foi esquecido e o foco principal do desenvolvimento dessas aplicações se concentrou na tecnologia para criar, apresentar e tornar disponível de uma forma cada vez melhor a informação, ou seja, o conteúdo dos cursos. (...) Um espaço virtual de ensino/aprendizagem não é apenas um conjunto de objetos ou atividades, mas um meio pelo qual as pessoas experimentam, agem e vivem. Assim, a consciência social da necessidade de se formar essas comunidades através da rede e de participar nesse processo é essencial para assegurar que as redes habilitem as pessoas a se expressarem em novos e melhores meios. (HARASIM, 1989)⁶

2.5 O *Chat*, do social ao educacional: funções, traços e características

Apesar de recente em nossa literatura, o termo *chat* já se incorporou à língua portuguesa e já pode ser encontrado em dicionários como o Dicionário Aurélio Século XXI ou o Dicionário Eletrônico HOUAISS da Língua Portuguesa, como exemplificado a seguir:

Forma de comunicação através de rede de computadores, similar a uma conversação, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas: bate-papo online, bate-papo virtual, papo online, papo virtual. (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa).

Forma de comunicação a distância utilizando computadores ligados à internet, na qual o que se digita no teclado de um deles aparece em tempo real no vídeo de todos os participantes do bate-papo. (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa)

Forma de comunicação através de rede de computadores (ger. a internet), similar a uma conversação, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas; bate-papo online, bate-papo virtual, papo *online*, papo virtual. (Novo Aurélio - Século XXI)

Podemos encontrar definições para o termo *chat* também em pesquisas realizadas na área da Linguística. Abreu (2002, p. 88) define *chat* como um “instrumento do sistema da rede que permite uma forma de comunicação síncrona entre os participantes”. Já Marcuschi (2004, p.

⁶ Disponível em: <<http://www-icdl.open.ac.uk/mindweave/mindweave.html>>. Acesso em 10 de janeiro de 2008.

28), em sua definição, distingue o *chat* aberto do *chat* educacional; o primeiro é definido pelo autor como “um gênero que permite a interação em tempo real de inúmeras pessoas que, em uma relação síncrona, usam várias semioses, especialmente a escrita, para teclar com outras pessoas sem restrição de tempo e de temas”. Quanto ao *chat* educacional o autor o define como “interações síncronas no estilo de *chats* com a finalidade educacional, geralmente para tirar dúvidas, dar atendimento pessoal ou em grupo e com temas prévios”.

Nos dias de hoje, encontramos o *chat* com finalidades e propósitos diferentes. A exemplo de *chats* sociais temos o bate-papo virtual aberto, que conta com a apresentação de muitos usuários que interagem de maneira simultânea; o bate-papo virtual reservado, uma variação do bate-papo virtual aberto, que possibilita a interação em particular entre dois usuários, embora estes continuem observando os demais participantes. Um exemplo desse evento é o *Messenger* (MSN); o bate-papo agendado, também conhecido como ICQ, que tem como característica principal a possibilidade de agendamento; o bate-papo em salas privadas, que é uma variação do bate-papo virtual em aberto, porém com apenas dois participantes na interação.

No contexto acadêmico de EAD, encontramos o *chat* educacional, cujo propósito é o ensino. Essa modalidade de interação segue o estilo dos *chats* sociais, porém com finalidade distinta, a educação, e com definição prévia do tema, o que favorece aos alunos a possibilidade se prepararem para o encontro por meio, por exemplo, da leitura de materiais.

Marcuschi (2005) faz a seguinte observação quanto aos programas de *chat* educacional, por ele denominado bate-papo educacional:

É relativamente recente e data do início dos anos 90, segundo observam Murphy & Collins (1997). Uma diferença básica do gênero *bate-papo educacional* na relação com os *bate-papos virtuais* em salas abertas é o fato de os participantes se conhecerem ou serem identificados por seus nomes. Não é comum que nesse ambiente se usem *nicknames* ou máscaras para se esconder e ficar no anonimato. Por outro lado, esses encontros têm uma estrutura relativamente clara que determina relações interpessoais e conteúdos sancionados. Não é tudo que vale nesses contextos de interlocução educacional. (MARCUSCHI, 2005, p. 53-54)

Buscar a compreensão do gênero *chat* educacional como ferramenta significa compreender também a modificação do professor no ensino a distância, uma vez que a ferramenta é responsável pela ação e comportamento do sujeito. Na situação educacional, o *chat* é um instrumento da ação do professor e dos alunos; para que a comunicação aconteça de forma

eficaz, faz-se necessário que haja o conhecimento prévio da ferramenta, o que certamente pode influenciar na construção da identidade de professores e alunos de EAD.

Sendo o *chat* educacional um gênero em construção, é preciso compreender esse novo gênero, exatamente focalizando as condições de seu funcionamento. Horton (2000), citado por Abreu (2002), assim como Marcuschi (2005), defendem a idéia de haver diferenças entre o *chat* com finalidade educacional e o de finalidade social; assim, ainda que o indivíduo já esteja habituado ao *chat* social, terá de se ajustar ao chat educacional para que o objetivo desse último seja alcançado.

Ainda segundo Horton (2000), o *chat* educacional apresenta, como objetivos mais comuns, o momento de atendimento do professor para tirar as dúvidas dos alunos, uma situação em que os alunos colocam seus questionamentos e têm suas respostas em tempo real. Outros objetivos também encontrados são a realização de entrevistas e formação de grupos de estudos entre alunos.

O autor afirma que o *chat* não é o instrumento indicado para o professor fazer explicações longas, porque, em um raciocínio muito longo, o tópico ou o objetivo do encontro poderá mudar e, assim, o encontro pode perder seu foco. O autor sugere, também, algumas regras de polidez para os participantes do evento, propondo que tais regras sejam divulgadas para leitura prévia dos participantes: os participantes devem manter o assunto proposto para o encontro; devem evitar escrever o que não querem que seja lembrado, uma vez que o evento fica registrado; ao entrar em um ambiente de *chat* educacional, não devem cumprimentar todos os participantes individualmente e, sim, cumprimentar os participantes de maneira geral; e devem deixar claro para os participantes do evento qual pergunta está sendo respondida.

Outra advertência que Horton (2002) faz com relação às sessões de *chats* educacionais focaliza os objetivos claros e definidos para sua ocorrência, ou seja, deve haver um planejamento da atividade, definindo-se tema, data e horário de realização do evento, e esse planejamento deve ser informado aos participantes do *chat*, para que possam se preparar. A ausência desse contato pode acarretar a falta de preparação dos usuários e resultar em baixa qualidade do resultado esperado.

Pode-se dizer que, de certa forma, algumas das advertências feitas procuram modelar o *chat* na EAD segundo contornos próprios de práticas educativas presenciais. Devemos nos lembrar, ainda, que, como essa ferramenta nos fornece registros escritos instantâneos das interações, este pode ser um aspecto negativo para a adesão dos alunos a tais práticas, uma vez que os usuários podem se sentir constrangidos pela exposição.

2.6 Características tecnológicas do curso de EAD em foco

Ofertada em curso de graduação a distância, logo no 1º semestre do curso, a disciplina que possibilitou a geração e coleta de dados para a pesquisa aqui apresentada possui um sistema tecnológico que possibilita ao aluno acessar seu curso ou disciplina; para tal, o aluno deve dirigir-se ao *site* da instituição, identificar o *link* “aluno” e, clicando sobre ele, abrir outro *link* que indicará o acesso às disciplinas. Veja-se, na Figura 2.2, a tela de acesso da instituição de ensino.



Figura 2.2 - Telas de acesso

A instituição de ensino fornece, por *e-mail*, um número de identificação, denominado *login*, e uma senha para cada aluno matriculado. São dados indispensáveis para que o aluno tenha acesso ao ambiente de EAD da instituição. Com esses dados, o aluno entra na tela de acesso aos cursos, em que se encontram todos os cursos ou disciplinas em que estiver matriculado. Ao identificar o curso ou disciplina que quiser acessar, o aluno deve clicar em “conteúdo”,

como está sendo apresentado na Figura 2.3. Seguindo esses passos, o aluno estará em contato com o ambiente específico de seu curso.

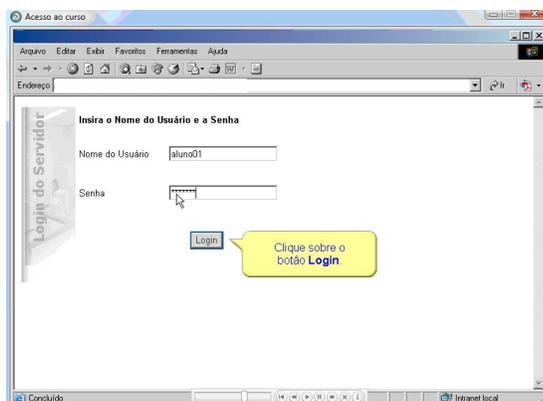


Figura 2.3 - Telas de acesso

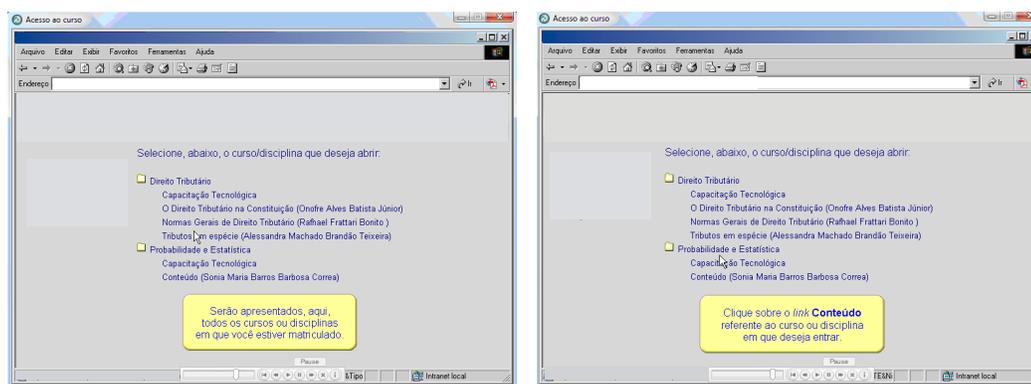


Figura 2.4 - Telas de acesso

A instituição fornece, também, nos primeiros contatos com a plataforma virtual, um CD apresentando, de forma interativa, o sistema de ensino a distância do qual o aluno começa a participar. Esse material proporciona ao participante a possibilidade de conhecer a fisionomia de seus professores, pois consta de um vídeo em que cada um deles se apresenta, dá as boas-vindas aos alunos e discorre sobre a disciplina que irá lecionar.

Na disciplina foco deste trabalho, o aluno encontra, em uma das telas iniciais, um jogo, que foi criado, a pedido da professora responsável por planejar o curso, pelos técnicos de informática da instituição de ensino. O jogo tem caráter interativo e apresenta duas sequências de fotos, uma na parte superior e outra na parte inferior do vídeo. As fotos formam pares, ou

seja, para cada figura localizada no campo superior há uma que forma seu par na sequência de fotos no campo inferior do vídeo. Para jogar, o aluno deve arrastar as figuras uma ao encontro da outra, formando os pares. O sistema emite um som indicando o erro ou o acerto do aluno na ligação das figuras. Ao que tudo indica, essa tela tem dupla função: a de propiciar ao aluno contato com os recursos do computador e também permitir que o aluno amplie sua concepção sobre a interação; mostra-se ao aluno, de forma didática e lúdica, que a interatividade a distância, na verdade, está presente em sua vida, por exemplo, quando fala com um amigo, seja por telefone seja por carta. O aluno, desse modo, é convidado a conhecer mais sobre a interatividade, bem como a redimensionar prováveis crenças que traz sobre a EAD. A Figura 2.5 apresenta a tela a que me refiro.

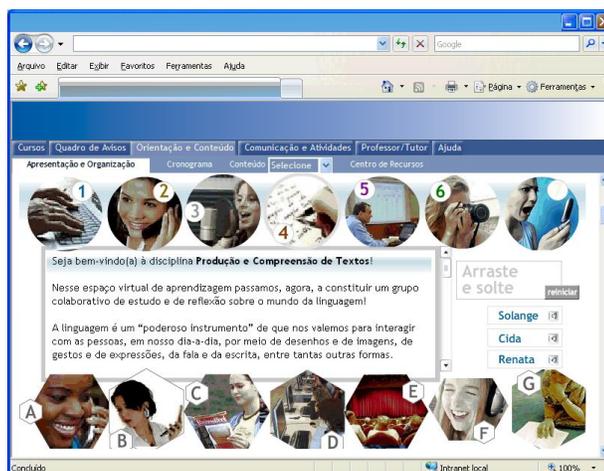


Figura 2.5 - Telas de acesso

Fica claro que, desde o início do acesso, várias etapas e recursos marcam a interação entre o aluno e os demais atores do curso - como o professor, o coordenador e o tutor. Concluído o acesso, o aluno estará no ambiente de ensino e aprendizagem, o qual integra todos os recursos necessários para a comunicação entre os atores da aula e para a transmissão do “conteúdo” da disciplina; dessa forma, constitui-se o que se pode chamar de sala de aula virtual.

A estrutura da disciplina em foco, na página da internet, é composta por itens que dão acesso às atividades que deverão ser desenvolvidas e às ferramentas de comunicação e interação entre alunos, professores e tutores.

As ilustrações apresentadas foram extraídas de um *CD-Rom* de treinamento e são comuns a todas as disciplinas ofertadas na modalidade da EAD pela instituição em que os dados foram investigados. O ambiente virtual da instituição que oferece o curso apresenta ao aluno três itens principais: “orientação e conteúdo”, “comunicação e atividades” e “serviços acadêmicos”. Cada um deles dá acesso a um subconjunto de itens, que é sempre mostrado no quadro da esquerda:

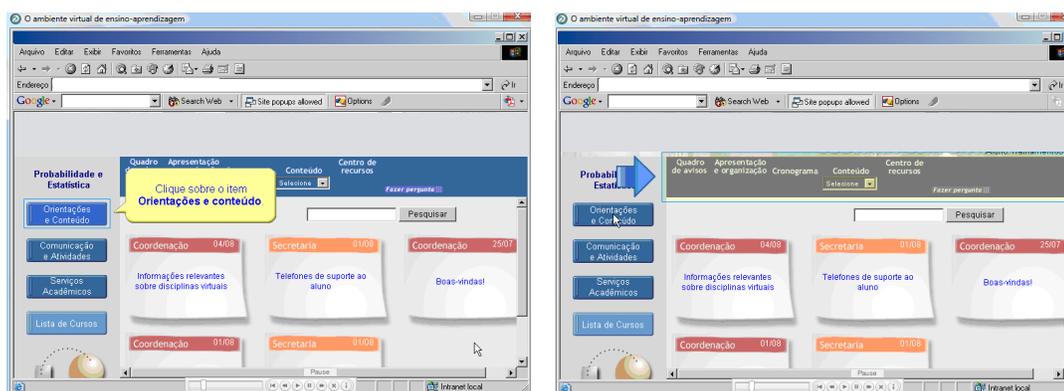


Figura 2.6 - Telas de acesso

A figura 2.6 apresenta o item “orientações e conteúdo”, no qual o aluno encontra orientações para o desenvolvimento da disciplina, sua estrutura, seu cronograma e seu conteúdo, além do quadro de avisos que é apresentado assim que o aluno entra nesse espaço. Trata-se de um espaço que o aluno é orientado a visitar com frequência, pois ali estarão disponíveis informações, dicas e comunicados oficiais a respeito da disciplina.

Na área de “apresentação e organização”, ainda disponível dentro do item “orientação e conteúdo”, geralmente aparecem informações sobre a dinâmica da disciplina, os tipos de interações previstas, seu material didático, bibliografia e critérios de avaliação; isso pode ser visualizado na Figura 2.7. Já o “cronograma”, apresentado na Figura 2.8, indica todos os eventos importantes, datas de entrega de atividades, provas presenciais, datas dos encontros *on-line*, entre outras informações.

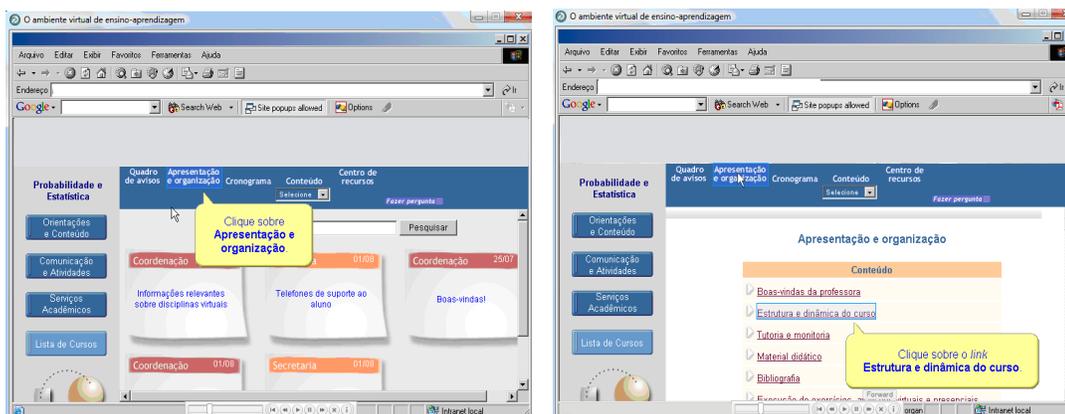


Figura 2.7 - Telas de acesso

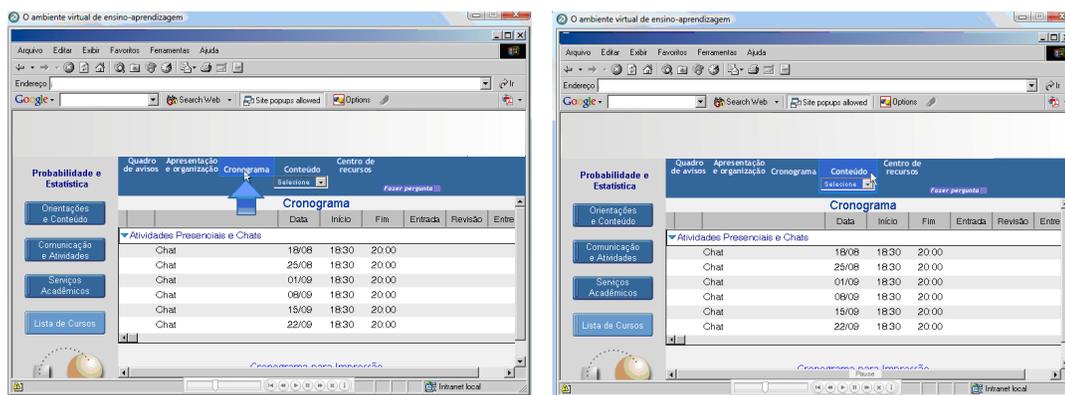


Figura 2.8 - Telas de acesso

Na área de “conteúdo”, o aluno encontra o material didático de referência – textos, notas de aula, apostilas etc. – que é geralmente distribuído em unidades (o aluno pode acessar o material da unidade que escolher).

Há ainda a opção “centro de recursos”, que reúne os acessos a praticamente todo o material da disciplina, incluindo *links*. Essa opção funciona como se fosse uma biblioteca digital multimídia, facilitando o acesso a todos os recursos utilizados, desde informações sobre a disciplina virtual até conteúdos das disciplinas. Veja-se, a seguir, a tela a que me refiro na Figura 2.9:

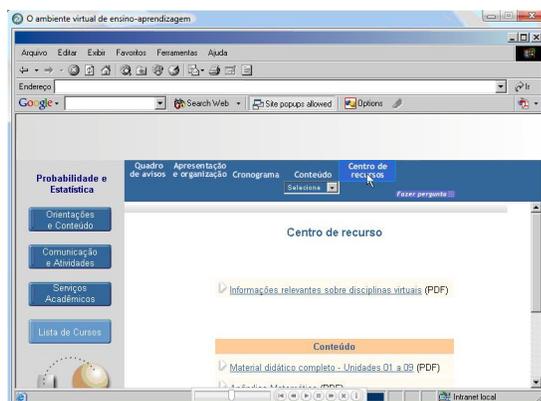


Figura 2.9 - Telas de acesso

O segundo item apresentado ao aluno no ambiente virtual é o *link* “comunicação e atividades”, que congrega todas as atividades de interação ofertadas para os participantes da aula virtual – alunos, professores, coordenadores, tutores e pessoal administrativo. Por ser muito importante e para a conveniência do aluno, o quadro de avisos pode ser acessado também nesse segundo item.

Na tela apresentada na Figura 2.10, ao passar o cursor do mouse sobre os itens do *menu*, o sistema apresenta um *submenu* ao aluno, com as opções “orientações” e “acesso”. Assim o estudante pode escolher entre entrar nos ambientes disponíveis (quadro de avisos, correio acadêmico, discussões, reuniões, atividades abertas e atividades objetivas) ou, ainda, visualizar uma breve descrição sobre cada um deles.

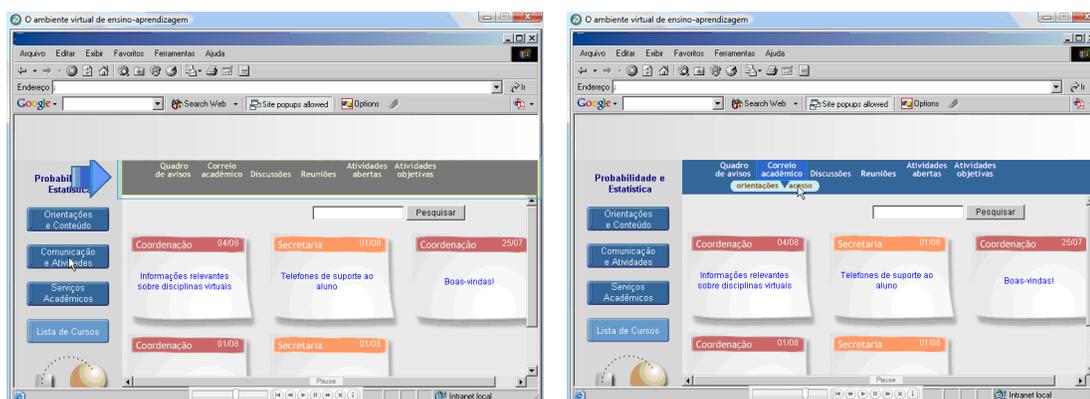


Figura 2.10 - Telas de acesso

O correio acadêmico é um dos principais meios de comunicação entre o aluno e a instituição de ensino pesquisada. Trata-se de uma ferramenta muito semelhante ao correio eletrônico tradicional, porém restrito à comunicação da disciplina em que o usuário está matriculado. Por meio dele o aluno pode pedir ajuda ao suporte tecnológico ou interagir com o professor ou tutor. Ao selecionar a opção “acesso em correio acadêmico”, conforme apresentado na Figura 2.11, uma nova janela se abre para a utilização dessa ferramenta e, então, é possível ao usuário enviar mensagens, verificar respostas bem como visualizar possíveis comunicados enviados pela instituição de ensino.

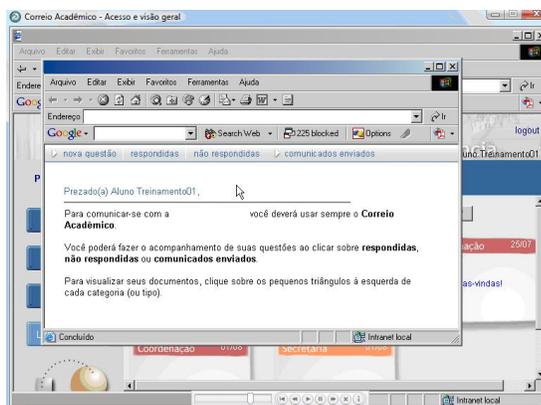


Figura 2.11 - Telas de acesso

A instituição de ensino pesquisada orienta os alunos a respeito de que o correio acadêmico é a forma mais indicada para se enviarem mensagens aos diversos setores da instituição, pois esse formato facilita muito a organização e o controle para todos – alunos, professores, tutores etc.

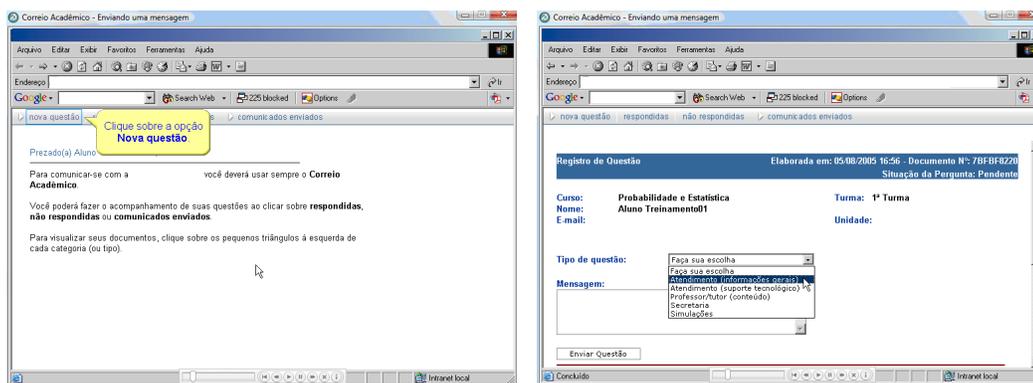


Figura 2.12 - Telas de acesso

O usuário possui como opção para destinatário “atendimento ao aluno”, “suporte tecnológico”, “professor”, “tutor” e “secretaria” (Ver Figura 2.12). As questões direcionadas ao “atendimento” devem ser relativas às informações gerais, atualização de cadastro, inclusive de *e-mail*, informações de caráter geral. Por exemplo, as alterações de *e-mail* devem ser informadas imediatamente a essa equipe para evitar que o aluno deixe de receber comunicados e notificações; esse setor tem o prazo de um dia útil para resposta. A opção “suporte tecnológico” ajuda o aluno a resolver questões sobre o uso das ferramentas de ensino/aprendizagem, como problemas de acesso à disciplina, configurações do computador, navegação e utilização dos aplicativos que integram um ambiente virtual. Quando enviadas ao “professor” e ao “tutor”, as mensagens devem ser relativas a questões de conteúdo do curso ou disciplina; o prazo para a resposta é de três dias úteis. Quando direcionadas à “secretaria”, as questões devem abordar assuntos como o envio de material do curso ou disciplina; o prazo para resposta é de um dia útil.

Pode-se dizer que os prazos institucionais estabelecidos para envio de respostas às mensagens dos alunos indicam a preocupação em se construir uma imagem de agilidade, proximidade, presença e forte interatividade para a EAD.

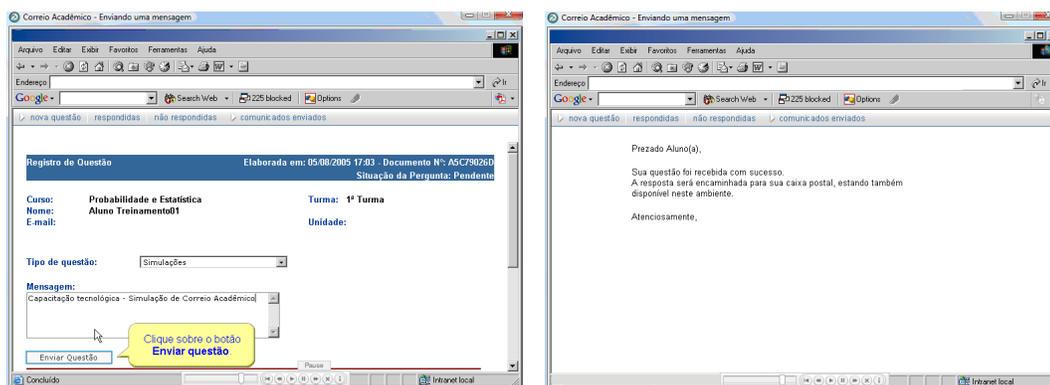


Figura 2.13 - Telas de acesso

No correio acadêmico, o aluno também pode verificar as respostas para a questão que enviou; além disso, todos os comunicados ou notificações enviadas pela instituição também estão disponíveis nesse espaço.

O fórum de discussão é o espaço aberto para o debate de questões relativas ao conteúdo da disciplina: um espaço de colaboração coletiva que possibilita a realização de discussões assíncronas entre alunos, tutores e professores. É também muito útil para o esclarecimento de dúvidas, de maneira que uma resposta a um aluno pode ser compartilhada por todos; assim, permite a troca de experiências entre os próprios alunos.

É possível, também, realizar reuniões virtuais síncronas, isto é, com todos os participantes conectados simultaneamente. Essas reuniões podem ser limitadas a simples bate-papos por texto, os tradicionais *chats*, que, nessa instituição de ensino, é chamado de *encontro on-line*, ou podem, ainda, incluir apresentações em quadro branco, áudio e até vídeo.

As discussões no fórum são compostas por documentos individuais agrupados em categorias. Ao participar de uma discussão, o aluno cria um novo documento que pode ser um tópico ou um comentário sobre um documento criado por outro aluno da disciplina ou curso. A figura 2.14, a seguir, mostra como os documentos são organizados. Os nomes localizados à esquerda são as categorias utilizadas para agrupar os tópicos de discussão que se encontram recuadas à direita. Esses tópicos são os documentos principais, que, geralmente, provocam respostas ou comentários.



Figura 2.14 - Telas de acesso

Uma resposta a um documento é posicionada abaixo dele, recuado para a direita, da mesma forma que um comentário feito para uma resposta também é, respectivamente, recuado, indicando sempre a que documento se refere. Os interactantes podem ter várias respostas ou comentários para um mesmo documento que segue sempre o mesmo alinhamento, como se exemplifica com a Figura 2.15, a seguir:

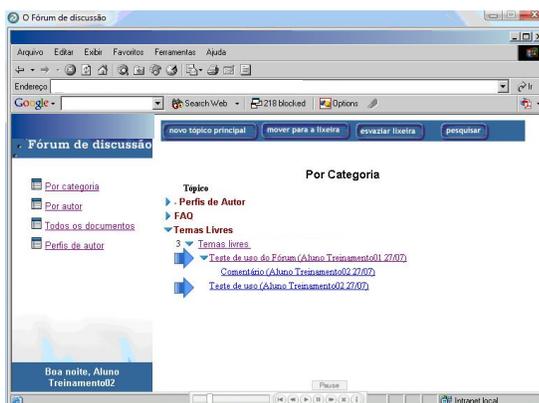


Figura 2.15 - Telas de acesso

Um triângulo azul à esquerda do documento indica que o interactante teve sua questão respondida e, clicando sobre esse triângulo, pode contrair ou expandir todas as respostas abaixo daquele documento. O número indicado abaixo de um tópico de discussão indica o número de documentos existentes abaixo daquele tópico. Abaixo do texto do conteúdo é apresentada uma visualização de toda a linha de discussão daquele tópico com a indicação de

onde se encontra o documento que o usuário está lendo. Todos os documentos apresentados são *links* ativos, isto é, o usuário pode clicar em seus títulos para navegar em todos eles.

Para inserir um comentário relativo ao texto que está sendo lido, deve-se clicar sobre o botão “nova resposta”, preencher o campo “assunto” e escrever o comentário. É possível, também, anexar um documento a esse comentário; basta clicar em procurar e selecionar o arquivo desejado. A qualquer momento, o usuário pode cancelar um comentário criado e ainda é possível interromper o seu trabalho criado, salvá-lo sem torná-lo visível aos demais componentes desse grupo e retomá-lo mais tarde, marcando como “particular”.

Também é possível agrupar os documentos por autor ou ainda visualizar as produções ordenadas cronologicamente clicando em todos os documentos, conforme apresentado nas Figuras 2.16 e 2.17:

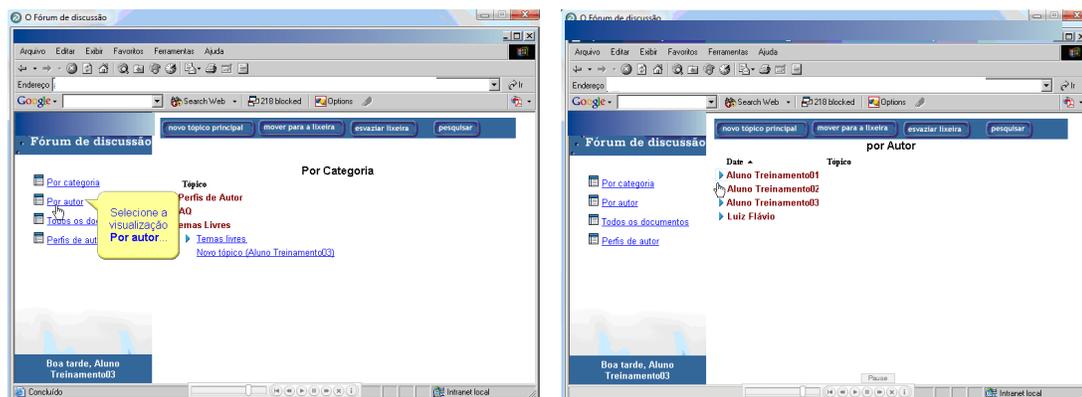


Figura 2.16 - Telas de acesso

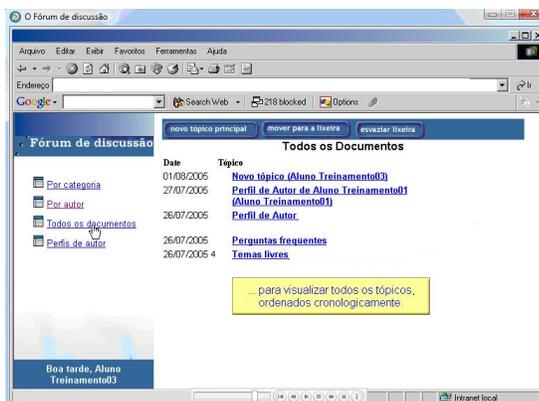


Figura 2.17 - Telas de acesso

Há, por fim, a opção “perfis dos autores” (Cf. Figura 2.18), de preenchimento opcional, em que documentos podem ser criados pelos participantes a fim proporcionar sua identificação pelo grupo. Esses documentos têm o objetivo de propiciar a socialização entre os participantes do fórum. Neles, o autor pode inserir, além de seu nome e sua foto, seu *e-mail*, telefone, objetivos e outros assuntos de seu interesse.



Figura 2.18 - Telas de acesso

O terceiro item apresentado no ambiente virtual é “serviços acadêmicos”, apresentado na Figura 2.19. Nesse espaço, o aluno tem acesso a um resumo de suas notas, a um formulário para alteração de cadastro, à área de *download* de aplicativos que poderão auxiliá-lo em seu trabalho, ao *site* da biblioteca da instituição e ao Sistema de Gestão Acadêmica.

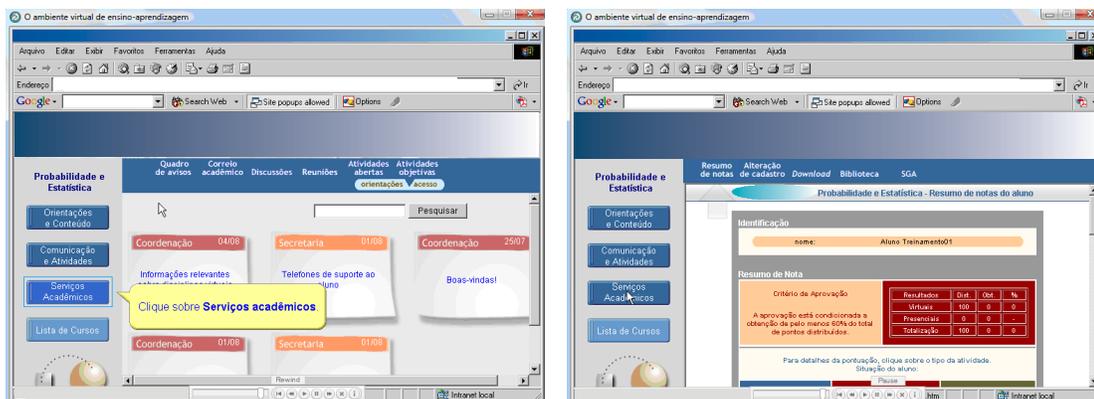


Figura 2.19 - Telas de acesso

Ao término deste capítulo, esperamos ter proporcionado uma visão mais clara de como a instituição de ensino a distância se organiza e se prepara para proporcionar a interação necessária aos participantes dos eventos institucionais.

Podemos ver que não é simples, mas totalmente possível – cremos – alcançarem-se os objetivos educacionais utilizando as ferramentas que hoje, com todo o avanço tecnológico, temos à nossa disposição.

3 A INTERAÇÃO EM PRÁTICAS EDUCATIVAS: DA SALA DE AULA AO *CHAT* EDUCACIONAL

Tendo em vista os objetivos traçados para a pesquisa, este capítulo focalizará, inicialmente, a noção de interação, numa discussão sobre as principais vertentes nos estudos da linguagem. Em seguida, com o olhar voltado para as práticas de ensino/aprendizagem em EAD, apresentaremos, com base em estudos realizados por Matencio (2001), os processos interativos nas etapas de uma aula presencial. Por fim, fecharemos o capítulo apresentando a primeira parte da análise deste trabalho, dedicada ao exame do funcionamento do *chat* educacional.

3.1 A interação

Matencio (2001), discorrendo sobre as concepções de língua e de linguagem que têm circulado nos meios acadêmicos, apresenta as principais vertentes nos estudos da linguagem. Dentre elas, duas vertentes trazem como objeto de estudo a interação. A primeira vertente linguística, segundo a autora, é o dialogismo como manifestação do sistema linguístico, que tem como objeto de estudo a interação verbal e toma o sujeito como ser social e histórico. Nessa vertente, a linguagem é vista como atividade constitutiva do sujeito e manifesta-se no processo de interação. A segunda vertente, a análise da interação, tem igualmente como objeto de estudo a interação, ou seja, o dialógico, e aborda o sujeito de uma perspectiva psicossocial e “busca compreender a lógica do funcionamento social da interação, manifestação da linguagem como capacidade humana” (MATENCIO, 2001, p. 47).

No que tange às reflexões acerca dos sujeitos (falantes de uma dada língua), Matencio (2001) lembra que esses já eram objeto de estudo de pesquisadores do início do século, a exemplo de Bakhtin, que acreditava na língua como um fator social, mas também na interação verbal como constitutiva do significado.

A autora ressalta ainda que, nesse estudo inicial sobre a interação, podemos dizer que não é possível separar o verbal do social; esse, aliás, é um dos princípios básicos das vertentes que se unem para formar a Análise da Interação, uma vez que a identidade do sujeito e a ordem social são construídas nesse ambiente. Sob essa perspectiva, o processo interpretativo é coconstruído pelos sujeitos, isto é, um falante age sobre e com o outro; dessa forma, o sujeito participa da construção da situação de interação, ele atualiza imagens e representações sem as quais não haveria interação. Esse mesmo sujeito interioriza e produz suas representações da realidade.

Partindo, ainda, da discussão desenvolvida por Matencio (2001), podemos assumir com relação à noção de linguagem que esta recobre tanto a capacidade humana de representar o mundo como a de simbolizá-lo na interação. Nessa medida, a linguagem é concomitantemente re(a)apresentação e interação. Conforme assinala a autora, não há anterioridade e, sim, reciprocidade de constituição do sujeito e das relações sociais que se manifestam na atualização do sistema.

A análise da conversação sob a perspectiva de Kebrat-Orecchioni (2006) nos mostra que o exercício da fala implica uma alocação, uma interlocução e uma interação. Para a alocação temos a existência de um destinatário distinto do falante. Para a interlocução – troca de palavras – presente na forma mais comum do exercício da linguagem, em que a fala circula e envolve a troca, há o diálogo, momento em que ocorre a constante troca de papéis entre o emissor e o receptor. Temos ainda a interação ao longo do desenrolar-se de uma troca de comunicação, em que qualquer um dos interactantes exerce um sobre o outro uma rede de influências mútuas.

Sobre a noção de interação, Kebrat-Orecchioni (2006) assinala que não basta que dois interactantes falem alternadamente, é preciso que os participantes da interação estejam engajados na troca e mostrem sinais desse engajamento através do que chama de validação interlocutória. Nesse caso, o locutor deve deixar claro que fala com alguém através da postura de seu corpo, da direção de seu olhar ou mesmo pela forma de tratamento. O alocutário também produzirá alguns sinais que vão confirmar ao locutor que está participando ativamente do evento, dando sinais de compreensão, que podem ser dados através de gestos e até mesmo do olhar.

A autora descreve, ainda, os meios pelos quais os membros de uma sociedade podem interagir e lembra que eles nem sempre são de natureza linguística. A pesquisadora lembra também que, no cotidiano das comunidades, há ocasiões em que as pessoas se comunicam de forma não verbal, como, por exemplo, no trânsito, em que as pessoas, por meio de sinais, estabelecem uma analogia com o funcionamento das conversações.

De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2006), a interação, em sua forma mais genérica, é uma ação recíproca, troca entre dois ou mais sujeitos. É um conceito que surgiu nos estudos das ciências da natureza, passou pelas ciências humanas para qualificar a interação comunicativa definida por Vion (1992), como toda ação conjunta, conflituosa ou cooperativa, que coloca em presença dois ou mais atores. Nesse sentido, recobre desde trocas conversacionais, passando por transações financeiras, jogos amorosos até lutas de boxe. A perspectiva de Goffman (1973) restringe essa noção ao campo da interação face a face, em que há a reciprocidade na ação dos participantes, um diante do outro.

Lembremos que o campo teórico bakhtiniano tem o caráter interativo da linguagem como a base de suas teorias, e a linguagem, sob o ponto de vista desse autor, é compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica. Partindo desse pensamento, Bakhtin (1997, p.41) afirma que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Isso significa que, para Bakhtin, a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais.

Para o estudioso, o ato de fala ou, mais precisamente, o seu produto, a enunciação, é de natureza social. Quanto à enunciação, esta acontece sempre numa interação. A verdadeira substância da língua é constituída, desse modo, “pelo fenômeno social da interação verbal, realizada por meio da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 1997, p.123).

A enunciação é o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados. A palavra dirige-se de um locutor a um interlocutor e pode variar em função do grupo social a que ele pertence, dos laços sociais etc., e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído por um representante ideal, mas que “não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas” (BAKHTIN, 1997, p. 112).

Conforme ressalta Bakhtin (1997, p. 124), a língua vive e evolui historicamente na comunicação social concreta. Dessa forma, para ele, a língua é vista a partir de uma perspectiva de totalidade, integrada à vida humana. A palavra se orienta em função do interlocutor, procede de alguém e se dirige para alguém. Ela é o produto da interação do locutor e do interlocutor; ela serve de expressão de um em relação ao outro, em relação à coletividade:

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1997, p.113).

Assumindo-se o que há de comum nas concepções até então esboçadas, podemos dizer que uma interação é um encontro, ou melhor, um conjunto de acontecimentos que compõem uma troca comunicativa; além de ser esse processo de influências mútuas que os participantes exercem uns sobre os outros na troca comunicativa, é, também, o lugar em que se exerce esse jogo de ações e reações.

Sob o ponto de vista de Geraldi (1990), a interação é uma relação entre um eu e um tu, é uma relação intersubjetiva através da qual se tematizam representações das realidades, sejam elas factuais ou não. Quando se utiliza a língua para se comunicar, há uma ação de um com o outro, uma ação entre aquele que produz e aquele que recebe e vice-versa.

Na construção e produção de um texto, em qualquer que seja sua forma de comunicação, leitores e ouvintes são participantes ativos, portanto sua produção prevê que o destinador tenha conhecimento prévio sobre seu destinatário para, assim, atribuir à sua criação características em função de seu interlocutor.

Em qualquer interação, desse modo, é imprescindível que haja a colaboração entre os interlocutores; por exemplo, nas interações face a face, a conversação só se estabelece com base no princípio da colaboração. Por isso Marcuschi (1987) afirma que o caráter cooperativo de um comportamento interacional não é um traço de estratégia interacional, mas um requisito de necessidade lógica para que se constituam ações coordenadas.

No que respeita à relação entre a interação verbal e a dimensão social, Matencio (2001) assinala:

Uma interação verbal é, ao mesmo tempo, um evento de comunicação, de construção de sentido, e de construção de relações sociais, o que explica porque um evento de interação é o ponto de articulação entre o sujeito e o social, em outras palavras, o lugar de (re) construção da realidade subjetiva e social. (MATENCIO 2001, p. 78)

A autora lembra, ainda, que a interação entre os interlocutores pode definir uma posição hierárquica que é marcada em suas relações interpessoais e materializada linguisticamente.

É possível pressupor que a posição hierárquica e as funções dos diferentes interlocutores no evento de interação são determinadas tanto para a percepção que estes têm de suas relações interpessoais como para a materialização linguística dessa percepção. (MATENCIO 2001, p. 78)

A partir das contribuições de Matencio (2001), podemos compreender que, analisando-se a interação verbal entre sujeitos, será possível perceber a posição que o sujeito ocupa na sociedade, ou seja, a forma como interage, como se comunica, como constrói suas relações sociais vai mostrar a posição que o sujeito ocupa na sociedade.

Tendo em vista os anseios deste trabalho, cabe frisar, também, que concordamos com Assis (2002, p. 43), a qual pondera que, ainda que cunhada em estudos que tomam como *corpus* eventos de interação face a face, a noção de interação,

mesmo nos próprios estudos de que emergiu e, sobretudo, nos que se lhes seguiram, aplica-se a toda e qualquer situação de produção discursiva – a distância ou *in praesentia* –, na qual se pressupõem sujeitos que agem entre e sobre si mesmos, orientados pelos diferentes conhecimentos que definem a situação comunicativa em que estão engajados.

Assumimos, portanto, com Pires (1999, p. 351), que

toda atividade discursiva, seja ela oral ou escrita, pressupõe uma interação social que visa à co-construção do sentido pelos interactantes, porém não redutível à mera troca de informações e/ou papéis.

Assim, toda e qualquer produção discursiva – oral ou escrita – é envolvida pela dimensão interacional, que define trocas entre interlocutores e se organiza por meio de ações coordenadas em prol de um propósito comunicativo.

3.2 A Interação em práticas de ensino presencial: modelos e análises da interação em sala de aula presencial

A tarefa do professor em sala de aula é bastante complexa, pois se trata de acontecimentos variados, múltiplos, simultâneos. O professor se depara com situações que necessitam de tratamento imediato e, por isso, como lembra Clanet (2002), cada professor tenta resolver, a seu modo, os problemas que encontra em sala de aula. Os problemas mencionados variam desde questões referentes ao conteúdo da disciplina, regras da instituição, comportamento, até gestão da turma formada pelos alunos.

Partindo da definição que Altet (1991) dá para o ensino, podemos assumi-lo como um processo interativo, interpessoal, intencional, finalizado pela aprendizagem dos alunos. A partir dessa definição, podemos ver o trabalho do professor como algo direcionado. Direcionado não apenas aos alunos, com o objetivo da aprendizagem, mas também à instituição que emprega o professor, bem como aos pais e à sociedade em geral. Dessa forma, o professor, em seu ofício, precisa encontrar formas de interação com objetos distintos que fazem parte de sua atividade.

Em uma sala de aula presencial, em que os interactantes estão participando de um mesmo evento, estes vão interagir de forma a atualizarem seus conhecimentos referentes aos modos de referência aos objetos do discurso e às identidades sociais; por isso Matencio (2001) postula que a aula é também um evento de construção de sentido, de construção de relações sociais, daí a interação ser o ponto de interseção entre o sujeito e o social.

Assim, como em toda situação de interação, a compreensão da aula, para o analista, deve levar em conta o *status* dos participantes, a forma com que suas identidades são construídas mutuamente ao longo da interação e também a instituição na qual ocorre o evento. Entendemos, então, que a posição hierárquica e a função que cada participante do evento de interação possui podem ser determinantes tanto para a percepção que cada um tem de suas relações interpessoais como para a compreensão do evento. Na análise de um evento de interação, é necessário ater-se também ao número dos participantes e ao local do evento; esses fatores determinarão o planejamento, a materialidade linguística e seu grau de formalidade.

Na análise de interações, faz-se necessário, também, verificar a existência de eventos comunicativos que se distinguem por serem uns mais rígidos e outros, mais flexíveis. Erickson (1982) afirma que a diferença entre eles está na determinação prévia dos conteúdos para os eventos considerados rígidos. Uma aula apresenta características intermediárias, uma vez que não é nem inteiramente ritualizada e nem inteiramente espontânea.

Quanto às ações do professor no que se refere às atividades de ensino, vale lembrar que as estratégias de ensino são variadas, ou seja, cada professor pode ter um estilo de ensinar diferente de outro, resultado de suas experiências de vida. A mobilidade que existe nas etapas que constituem uma aula, o que vai entre o início e o fim, também pode variar conforme cada professor, que pode tanto ir direto ao tópico de ensino, como ter um momento de diálogo com os alunos. É isso que faz da aula um evento que não é nem rígido, nem espontâneo.

Relativamente ao que parece mais rígido nesse evento, Matencio (2001) assim se expressa:

No que se refere ao estatuto dos interlocutores, a rigidez tem origem na assimetria das relações de lugares – ou posições hierárquicas – e papéis – ou funções dos interactantes, definidas previamente pela instituição. Quanto ao aspecto espaciotemporal, há verdadeiramente uma relativa rigidez quanto ao início e ao fim da interação, determinados pela instituição. Além disso, no que diz respeito à finalidade da interação, pode-se detectar essa rigidez quanto à organização das etapas instrumentais da aula – ou seja, quanto à preparação, desenvolvimento e conclusão das atividades didáticas – em termos de sua organização e tematização. Afinal, embora essa organização esteja vinculada às representações (conflitantes) sobre o objeto de estudo e de ensino, remete-se, é certo, a abordagens que o sistematizam. (MATENCIO, 2001, p. 80).

Matencio (2001) apresenta, também, os princípios básicos para a compreensão do quadro interativo do evento aula, levando em conta a instância institucional, os lugares sociais e os papéis dos interactantes. Esse primeiro aspecto tem sua participação na definição prévia da rigidez da aula, como seu tempo de duração, o número de participantes, os objetivos educacionais, por meio da seleção e da divisão do programa anual, bem como do tipo de avaliação. Já os lugares e papéis vão definir o grau de formalidade em que o evento acontecerá, tanto no que tange às relações interpessoais, quanto no registro linguístico utilizado.

O gerenciamento da aula, determinando sua duração, quantidade de participantes, especificação do conteúdo, forma de avaliação, certamente interfere no processo de ensino/aprendizagem. Quanto ao seu desenvolvimento, a autora mostra que a transição entre as etapas do evento se dá por ações didático/discursivas, visando ao seu objetivo e apoiadas nas intervenções dos alunos, que vão informar o professor, o seu saber, e o guiarão no andamento da aula, na transição das etapas.

A tamanha complexidade da forma de organização da aula torna necessária a distinção entre o ritmo acadêmico da interação e o ritmo social da interação. Para Matencio (2001), o ritmo social refere-se ao movimento de regulação da interlocução em termos da contribuição individual de cada interactante; a partir daí, a autora expõe que:

a relação interpessoal é estudada em relação à construção das identidades de professor e de aluno, isto é, ao estatuto social particular de cada um e à imagem mútua que eles possuem desses lugares. (MATENCIO, 2001, p. 82)

Quanto ao ritmo acadêmico, este é determinado pela instituição e, ainda de acordo com a autora, reporta-se à estrutura do evento didático. Ambos trilham o mesmo caminho da intenção didático-discursiva em busca de um mesmo objetivo, que é o ensino/aprendizagem por meio da interação em sala de aula.

Para Charaudeau (1982), interação pressupõe a existência de um projeto de fala, cujo estabelecimento vincula a assunção da posição de um sujeito comunicante pelo sujeito falante. Matencio (2001) não considera, como esse autor, a existência de um sujeito falante intencional com base na instituição desse projeto de fala, mas pressupõe, como ele, a existência de um plano interativo preliminar à interação, sobretudo em se tratando de um encontro com finalidade previamente estabelecida e temática centrada como aquele do qual resulta uma aula:

o projeto de interação refere-se especificamente às possíveis estratégias didático-discursivas a serem utilizadas para a obtenção da finalidade global do encontro. Nesse sentido, acredito que o sujeito falante é orientado por um querer fazer ou um querer dizer, que se configuram ao longo da interlocução e através dela. (MATENCIO, 2001, p. 89)

A partir desse dizer, qualquer que seja a natureza da interação verbal, essa não será totalmente elaborada previamente, mesmo que seja baseada em um saber querer e um saber fazer. No

evento interativo da sala de aula, o professor possui orientações ligadas ao conteúdo didático, ao planejamento das semanas e outras que orientam suas ações, mas não deixa de existir o momento em que a interação é espontânea, principalmente por parte dos alunos ou por eles motivada.

Podemos, então, afirmar, com Matencio (2001), que a interação em sala de aula é previamente planejada apenas no que diz respeito à sua temática. As relações interpessoais e o quadro participativo no decorrer da aula entre aluno e professor são espontâneos; há, ainda, o envolvimento da instituição que define, também previamente, os lugares e papéis dos interlocutores.

Ao estudar a constituição da aula, que é onde a interação vai se configurar, Matencio (2001) apresenta três funções para o professor: a de informar, a de animar e a de avaliar. Essas três funções do professor irão conduzir a articulação entre o oral e o escritural, conforme o andamento da aula, e ajustar os ritmos interativos acadêmicos e sociais. Vejamos como a pesquisadora define as três funções do professor:

Efetivamente, o professor, ao longo de uma aula, tem a função de *informar os alunos quanto ao objeto de estudo*, a de *animar a interação*, no sentido de direcioná-la e mantê-la em continuo movimento, e a de *avaliar a produção dos alunos*.

É preciso dizer, ainda, que o professor e os alunos, além de possuírem intenções complementares, possuem igualmente relações de lugares e papéis complementares e, em decorrência, as intervenções realizadas pelos alunos têm também uma natureza similar àquelas realizadas pelo professor. Logo, as intervenções dos alunos podem ser classificadas como visando informar ao professor o que sabem, dar continuidade à interação em manifestar-se quanto ao que é dito/estudado, o que ocorre por intermédio de suas perguntas e de suas respostas. (MATENCIO, 2001, p. 91)

Apesar de os papéis e intenções dos alunos e dos professores se complementarem no evento, a autora demonstra que o gerenciamento em uma sala de aula é feito pelo professor; a fala dos alunos é vista em função do professor, cujo objetivo principal (dessa fala) é informá-lo (o professor) de seus conhecimentos e suas dúvidas, orientando-o a dar rumo ao processo interativo.

Matencio (2001) nos mostra que podemos chegar ao entendimento de que a aula está apoiada em um projeto de gerenciamento guiado pelo professor, que segue em busca de um objetivo

definido. Assim, mesmo que eventualmente ocorra uma inversão nos papéis e nos lugares, o professor continua sendo o dono da palavra.

Ainda com relação à aula, Matencio (2001) enumera os seguintes aspectos, que a definem tipologicamente:

- 1) a aula é constituída no quadro das práticas sócio-históricas institucionais de ensino/aprendizagem e pressupõe a articulação entre diferentes modos de apropriação da realidade e de materialização discursiva;
- 2) o professor gerencia a interlocução – originalmente de natureza assimétrica e coletiva – à luz de objetivos didáticos educativos de longa, média e curta duração, com base em um projeto de interação, tendo as funções básicas de animador, informador e avaliador;
- 3) a materialização didático-discursiva do projeto de interação está subordinada tanto a aspectos cognitivos como a aspectos sociais emergentes da interação; configura-se, assim, um evento intermediário no contínuo entre os rituais e espontâneos, efeito de ajustes em seus ritmos social e acadêmico. (MATENCIO, 2001, p. 98)

A aula, para a autora, é constituída de cinco unidades: a abertura, a preparação, o desenvolvimento, a conclusão e o encerramento. Na abertura, temos o início da interação, uma ação preliminar às atividades didáticas planejadas para a aula; na segunda etapa, que é a preparação, temos a abertura efetiva da interação quanto a seus objetivos didáticos; em seguida, o desenvolvimento, no qual se desenrola o planejamento da aula; e a conclusão das atividades. Pode haver ainda a etapa do encerramento.

Ainda segundo o modelo da autora em foco, o início e o fim da aula, ou seja, as etapas de abertura e encerramento, são etapas marcadas por assuntos aleatórios entre os interlocutores, e não possuem vínculo com as etapas intermediárias e instrumentais, os assuntos tratados com mais regularidade nessas etapas são a frequência e atividades extraclasse.

As etapas intermediárias à abertura e ao fechamento são chamadas instrumentais; nesse caso, a interação visa ao objetivo acadêmico e são descritas através de suas funções didático-discursivas. Vejamos, a seguir, a organização global da aula apresentada por Matencio (2001).

Etapas	abertura	preparação	desenvolvimento	conclusão	encerramento
Descrição					
Função na interação	Abertura do evento em termos interacionais	Abertura do evento em termos instrumentais	Desenvolvimento do evento em termos instrumentais	Encerramento da interação em termos instrumentais, pode coincidir com a etapa de encerramento.	Encerramento da interação em termos interacionais, não ocorre sempre.
Função didática privilegiada	Função interacional, sequências preliminares em relação às atividades didáticas	Primeira etapa instrumental, sequência de preparação das atividades e de produção de articulações entre o que já foi trabalhado e o que será estudado após.	Segunda etapa instrumental, sequência de desenvolvimento das tarefas que constituem as atividades do dia.	Terceira etapa instrumental, sequências de encerramento das atividades do dia e de produção de articulações entre o que foi estudado nessa aula, o que havia sido estudado antes e/ou o que será estudado após.	Função interacional, sequências de encerramento do encontro.
Foco discursivo privilegiado	Relações interpessoais, temas ligados ou não à instituição.	Dimensão acadêmica, temas centrados nas tarefas e atividade.			Relações interpessoais, temas ligados ou não à instituição.

Quadro 3.1: A organização global de uma aula
Fonte: (Matencio, 2001, p.106)

A respeito das etapas instrumentais da aula, ou seja, a preparação, o desenvolvimento e a conclusão, Matencio (2001) assinala que essas se configuram a partir de atividades didáticas que serão organizadas e planejadas pelo professor e concretizadas a partir das tarefas.

Matencio (2001) assinala, além disso, que a variada estrutura de uma aula leva a uma interação bastante heterogênea, referindo-se à dimensão social e acadêmica da interação. É heterogênea num todo, mas homogênea dentro das unidades que possuem a mesma finalidade. Por exemplo, nas etapas da abertura e do encerramento normalmente encontraremos expressões como “bom dia”, “como vão”, “boa noite” etc. Contudo, ainda que determinada expressão seja a primeira a aparecer em um evento, isso não é o suficiente para garantir que seja a única responsável por essa abertura.

Uma noção bastante cara à compreensão e descrição da aula é a noção de intervenção, tomada por Matencio (2001, p. 126) como “a maior unidade monologal, podendo ser verbalizada ou não, iniciativa ou reativa, a tomada da palavra ou a emissão de segmentos como os

marcadores discursivos”. Dessa forma, representa, ainda nas palavras da autora, “a contribuição de um dos interlocutores para a co-construção de sentidos em uma sequência”.

Por intermédio da focalização das intervenções, pretendemos dar conta de momentos em que os interlocutores tomam a palavra ou apresentam colaboração durante a fala de outro interlocutor. Isso significa que, com base ainda em Matencio (2001), essa noção não se equipara à noção de turno, já que um falante pode complementar o que um outro, que esteja com a palavra, diz.

Matencio (2001, p. 131) apresenta um exemplo de intervenção de uma aula em um momento em que a professora organiza a atividade do dia para identificar as operações didático-discursivas. Vejamos:

05. P.: psiu/ eu não repito/ então eu repito para (incompreensível)/ e da próxima vez S. hein? Como na escrita a gente vê que as pessoas falam?
Em uma narrativa
06. My.: O que é? O que dizem os personagens?
07. P.: Sim/os personagens as pessoas é igual/ então agora vocês escrevem/ vocês olham o capítulo seis e vocês me diz/ vocês me dizem/ vocês escrevem primeiro e a gente discute depois/ e isso dá cinco minutos/ psiu

Analisando as intervenções de forma segmentada, Matencio (2001) parte do princípio de que são os segmentos mínimos, encaixados em segmentos maiores, que vão constituir a interação. Nessa proposta, as unidades monológicas mínimas são estudadas como operações capazes de representar ao mesmo tempo a dimensão discursiva (vinculada à assunção de papéis e lugares pelos interlocutores, portanto, primitivamente ações de informação, de demanda de avaliação) e a dimensão didática da intervenção (os modos de referenciação ao objeto de ensino/aprendizagem).

A autora, então, propõe que a intervenção 05 seja examinada constituída de três operações didático-discursivas: inicialmente, a professora repreende um aluno e, assim, realiza uma reiteração das condições de participação da aula; o segundo passo é realizar a demanda de fazer; no terceiro, a professora fornece uma informação complementar sobre qual será o objeto de ensino/aprendizagem. Aqui o foco principal é a demanda de fazer.

Na intervenção 06, Matencio (2001) nos mostra a contribuição de uma aluna com duas operações didático-discursivas, sendo a primeira uma solicitação de especificação do comando e outra uma sugestão da especificação do solicitado. Aqui, também, o foco é a orientação dada pela professora.

Na intervenção 07, Matencio (2001) nos indica que a professora realiza quatro operações didático-discursivas: a primeira quando faz uma avaliação da intervenção 02 acerca de seu conteúdo; em seguida, a professora dá uma informação sobre a utilização do discurso direto (ao mesmo tempo, é uma avaliação negativa da intervenção 02 para a realização da atividade); por fim, a professora diz sobre as condições de produção da atividade, salientando o modo de fazer a atividade.

A partir do estudo apresentado por Matencio (2001), vemos que a análise das intervenções e operações didático-discursivas permite verificar o desenho da interação, o número de intervenções e operações didático-discursivas realizadas por cada interactante. Essa análise pode identificar a maneira como os segmentos constituintes de uma intervenção funcionam de forma a compor a estrutura de um evento de interação em sala de aula presencial.

3.3 Funcionamento do *chat* educacional: formas de participação do professor, dos alunos e dos tutores (1º movimento de análise dos dados da pesquisa)

Nesta seção, apresentaremos a análise dos *chats* registrados por escrito e que compõem o *corpus* da pesquisa: três realizados no 1º semestre de 2007 e um ocorrido no 2º semestre de 2007 – esse último também filmado.

Conforme anunciado na introdução, esse material encontra-se registrado no *site* da instituição que nos cedeu o material para a pesquisa. Reiteramos que os *chats* reportam-se a duas turmas diferentes de mesma disciplina de curso de graduação, variando, ainda, a professora em cada uma das duas realizações, mas mantendo-se as tutoras.

O primeiro *chat*⁷ contou com a participação de 21 alunos, a professora (P1) e as tutoras (T1 e T2). O segundo *chat* se deu em 16/10/2007 e também contou com a professora (P1), as tutoras (T1 e T2) e um total de 14 alunos participantes; do terceiro *chat*, datado de 09/11/2007, participaram 19 alunos, a professora (P1) e as tutoras (T1 e T2). O quarto e último *chat*, ocorrido em 20/10/2008, contou com a professora (P2) e 06 alunos participantes. Não houve participação das tutoras.

Outra observação merece ser feita referente à participação dos alunos nos *chats*. Dos 21 alunos que participaram do primeiro *chat*, 10 alunos não voltaram a participar dos *chats* seguintes, 06 alunos participaram dos 03 encontros e 05 alunos participaram de 02 encontros. No segundo *chat*, com a participação total de 16 alunos, 08 alunos participaram apenas desse encontro, enquanto 06 alunos participaram do 1º e do 3º e os outros 02 alunos, do 2º e do 3º. No terceiro *chat*, com 19 alunos, os números são os seguintes: 06 alunos participaram apenas desse *chat*; 06 alunos participaram dos 3 *chats*, 5 alunos participaram do 1º e do 3º e 02 alunos participaram do 2º e do 3º.

Como já salientado, objetivamos, nesta etapa do trabalho, abordar o funcionamento do *chat* educacional, considerando as formas de participação do professor, dos alunos e das tutoras. Procuraremos, assim, descrever e analisar o funcionamento do *chat* nas práticas de ensino/aprendizagem da disciplina de EAD em foco e ainda verificar a pertinência do modelo de interação professor/aluno descrito, na seção anterior, para aulas presenciais, tendo em vista a situação de interação flagrada nos *chats* realizados na disciplina de EAD pesquisada.

Para isso, e buscando, ainda, defender que os encontros *on-line* ou *chats* educacionais podem ser admitidos como uma aula, iniciaremos traçando comparações entre a aula presencial e o *chat* educacional, partindo do padrão interacional proposto por Matencio (2001).

A complexidade da tarefa do professor em sala de aula presencial, tal como descrita pela pesquisadora, também pode ser percebida no *chat* educacional, pois também no formato a distância o professor vai se deparar com acontecimentos inesperados e, muitas vezes, simultâneos, como os questionamentos dos alunos que vão entrando no ambiente do *chat* ao

⁷ O primeiro *chat* ocorrido no 2º semestre de 2008 não teve sua data precisada no momento de seu registro.

mesmo tempo, que vão abordar desde o conteúdo da disciplina até questões institucionais. Vale dizer que, tanto no ambiente presencial, quanto no ambiente a distância, cada professor vai usar sua autonomia para conduzir da forma que melhor lhe convier as situações de ensino de acordo com sua percepção ou seu critério.

Vejamos a seguir um trecho de um encontro *on-line* que vai exemplificar um momento em que a professora é questionada sobre a forma como guia uma atividade e também por seu resultado, por meio de uma comparação com outra professora. Trata-se de uma situação que vemos acontecer no *chat*, e que acontece também presencialmente; a professora é pega de surpresa e tem autonomia para resolver a situação.

A fim de proteger a identidade dos interactantes dos *chats* que compõem o *corpus* deste trabalho, nos excertos trazidos, os participantes serão identificados da seguinte forma: P1 e P2, para as professoras; T1 e T2, para as tutoras; Al., para os alunos, antes das iniciais de seus nomes.

Excerto 1
3º Encontro *on-line*

Al. (A.R.): T1... Se der, gostaria de receber a revisão do meu trabalho via email ou de outra forma....
 T1: Pode deixar que eu farei isso para você, A.R., não se preocupe!
 Al. (A.R.): T1.... Li que ficou bom, porém tem alguns comentários... Somente isto...
 Al. (E.B.): Está ok. Pode deixar, vou tentar eliminar algumas coisas lá
 Al. (A.R.) professora, entendo o E.B., a gente sempre acha que está pouco o que estamos dizendo.
 P1: Mas a questão é a qualidade e não a quantidade.
 Al. (E.B.): é porque no caso, fiz assemelhar um projeto, com mini revisões de conceitos. E talvez tenha fugido um pouco
 P1: escrever muito para agradar o professor é coisa do século passado. Agora estamos buscando síntese e belos comentários.
 Al. (A.R.): vai dizer isso para os tutores de teoria da contabilidade para a senhora e/ou você ver....
 P1: Pois é, E.B., é preciso entrar no assunto..... De qualquer jeito. O que está fora é gordura.
 Al. (A.R.): todos os meus trabalhos em teoria vieram com a observação...." seu trabalho esta muito sucinto" dai eu digo... É culpa da P1.
 P1: No entanto, especificamos conjuntamente que o integrado deveria ter no máximo 5 páginas. Portanto, o caráter sintético, nesse caso, vale para todas as disciplinas.
 P1: Uma coisa é ser prolixo (falar demais e desnecessariamente), outra ser sucinto (falar menos que o necessário) e outra coisa é ser sintético (falar o essencial)
 Al. (A.R.): Concordo professora, porém a senhora tem que concordar que cada pessoa tem sua maneira de interpretar um texto.
 P1: Concordo demais, por isso a nossa disciplina é tão importante.
 Al. (A.R.): Então concorda também que, para fazer um bom trabalho, temos que conhecer primeiro como a pessoa que vai avaliá-lo pensa.
 P1: A.R., ou então quem avalia deve explicitar bem os critérios de avaliação (ou seja, o percurso da leitura avaliativa)

P1:- É também uma boa forma

Al. (A.R.): É professora, porém sabemos que a maioria dos professores não se preocupam com isto....

P1: Mas eu me preocupo, por isso fiz uma prova comentada para vocês, com as várias possibilidades de respostas e com os critérios de avaliação. Acredito na transparência do trabalho de avaliação.

Al. (A.R.): eu acredito... Porém acho que não estamos aprendendo com a senhora somente para a aplicação na sua matéria....

Al. (A.R.): Somente como exemplo, os exercícios de contabilidade integrada, os enunciados, para quem não trabalha na área, é impossível de se resolver

P1: Você já colocou isso para as tutoras e para o professor?

Al. (A.R.): ja...

P1: Acho que seria bom conversar com eles antes.

Assim como no ensino presencial, o ensino a distância é um processo interativo, interpessoal, intencional e finalizado – pelo menos em tese – pela aprendizagem dos alunos. No *chat* educacional, podemos ver claramente o trabalho do professor direcionado ao aluno, com quem interage, visando à aprendizagem.

O *chat* é, também, direcionado à instituição, na medida em que sua natureza temática e sua inserção nas atividades da disciplina orientam-se por normas da instituição, o que inclui calendário estipulado pela instituição, tempo de duração dos encontros, entre outros aspectos.

Vejamos, nos excertos a seguir, trechos de um encontro *on-line* em que se percebe que a interação em foco é moldada tanto pelas normas da instituição quanto pela função primeira atribuída a esse evento. Dessa forma, assim como na aula presencial, o *chat* educacional não é totalmente rígido ou ritualizado, nem totalmente espontâneo.

Excerto 2
3º Encontro *on-line*

P1: Lembre-se de que a paráfrase (dizer com as suas palavras) contribui muito mais para o desenvolvimento de habilidades de organização das idéias e da transposição delas para o papel, do que a simples cópia. E esse é o real objetivo da nossa disciplina, ou seja, desenvolver habilidades de leitura e escrita. Enfim, o relatório não deve trazer a entrevista na íntegra e sim uma síntese dos pontos mais importantes observados na fala do contabilista. Por isso, limitamos o número de páginas do relatório, que deverá estar entre 3 e 5, no máximo.

Excerto 3
1º Encontro *on-line*

Al. (W.F.): P1, vai dar pra prorrogar o prazo de entrega? Diz que sim, vai!

P1: Pessoal, infelizmente não posso ampliar o prazo para a entrega da atividade integrada, pois todos os professores terão que lê-la....Desculpe-nos

Excerto 4
4º Encontro *on-line*

P2: Continuem lendo, observando os jogos lingüísticos, as ambigüidades, como se dá a coerência, etc.

P2: Termino por aqui a aula.

P2: Nos encontramos no sábado, certo?

P2: Gostei muito das participações de vocês.

Observemos que, no excerto 2, a professora interage com os alunos digitando na tela informações sobre a disciplina, de forma a ajudá-los a alcançar a compreensão do conteúdo; assim ela cumpre o papel do professor que tem como objetivo o aprendizado do alunos. Nos excertos 3 e 4, vemos que a conduta da professora sofre a restrição de orientações institucionais, por meio das quais tanto se definem parâmetros para a avaliação (*infelizmente não posso ampliar o prazo para a entrega da atividade integrada, pois todos os professores terão que lê-la....Desculpe-nos*) como para a própria duração do encontro *on-line*, que é estipulada pela instituição.

Outro fator a ser observado nos dados é a posição hierárquica e a função de cada participante no evento interativo. Esses fatores são primordiais para que cada interactante compreenda tanto suas relações interpessoais como o evento em questão.

Tal como em uma sala de aula presencial, onde, tradicionalmente, existe um espaço físico delimitando, os lugares dos alunos e do professor, este diante dos olhos de todos e ao alcance do quadro (portanto, no centro das atenções), no encontro *on-line*, a centralidade do professor também é marcada (e respeitada) pelos demais interactantes – alunos e tutores – tanto pela quantidade e natureza de questionamentos a ele endereçados (desde perguntas sobre o conteúdo estudado até dúvidas pontuais sobre a tecnologia e os trâmites institucionais), quanto pelo modo como essas intervenções são construídas.

Vejamos isso melhor exemplificado pelos Gráficos 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4 referentes aos *chats*, os quais mostram em números a interação entre professora, alunos e tutoras. A partir dos gráficos apresentados, podemos comprovar a presença da hierarquia no ambiente da EAD.

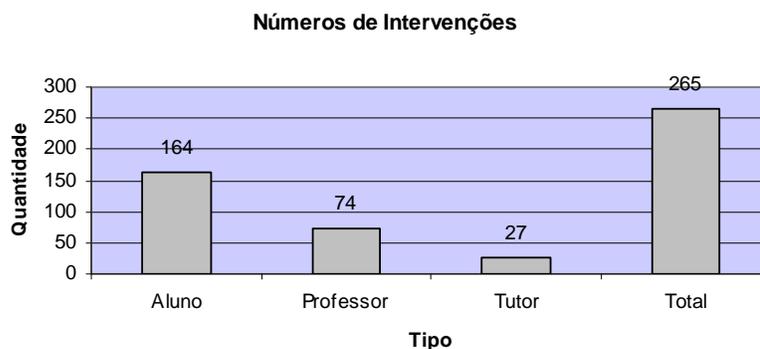


Gráfico 3.1 - Número de intervenções por participante (1º chat)

Com relação ao Gráfico 3.1, por exemplo, relativo ao 1º chat, observemos que o total de 265 intervenções é distribuído em 74 manifestações de P1, 27 manifestações divididas entre T1 e T2 e 164 manifestações de 21 alunos participantes do evento. A professora, portanto, detém o maior número de intervenções, considerado o fato de que o número de intervenções dos alunos, embora maior em termos absolutos, deve ser tomado em relação a 21 participantes. Acrescente-se a isso que, nos dados do 1º chat, o aluno que realiza o maior número de intervenções alcança apenas o número de 24 intervenções. Os dados também permitem revelar o lugar das tutoras na interação, hierarquicamente abaixo da professora, mas com uma função de orientação relevante na interação.

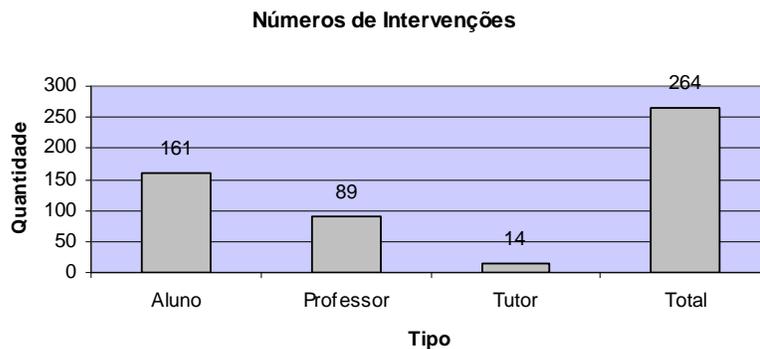


Gráfico 3.2 - Número de intervenções por participante (2º chat)

Já o Gráfico 3.2, relativo ao 2º chat, revela-nos que o total de 264 intervenções é distribuído em 89 manifestações de P1, 14 manifestações divididas entre T1 e T2 e 161 manifestações de

14 alunos participantes do evento. Portanto, a professora continua detendo o maior número de intervenções, considerado o fato de que o número de intervenções dos alunos, mesmo sendo maior em termos absolutos, ainda deve ser tomado em relação a 14 participantes. Ressaltamos ainda que, nos dados do 2º *chat*, o aluno que realiza o maior número de intervenções alcança apenas o número de 27 intervenções. Os dados continuam a nos mostrar o lugar das tutoras na interação.

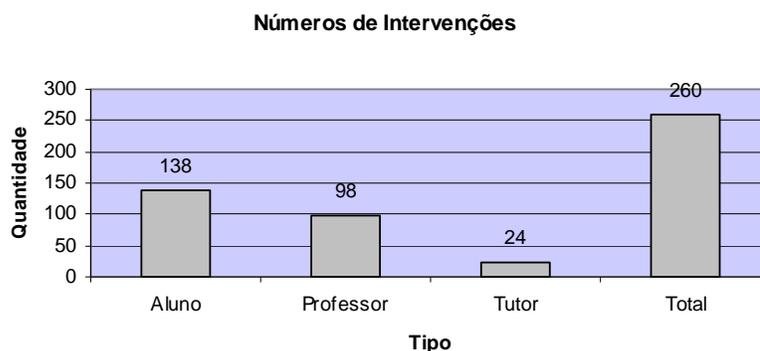


Gráfico 3.3 - Número de intervenções por participante (3º *chat*)

No Gráfico 3.3, relativo ao 3º *chat*, percebemos que o histórico continua o mesmo, com um total de 260 intervenções, distribuídas em 98 manifestações de P1, 24 manifestações divididas entre T1 e T2 e 138 manifestações de 19 alunos participantes no evento. A professora permanece detendo o maior número de intervenções, lembrando que consideramos o fato de que o número de intervenções dos alunos, embora maior que da professora e das tutoras, em termos absolutos, deve ser tomado em relação a 19 participantes. Ressaltamos ainda que, nos dados do 3º *chat*, o aluno que realiza o maior número de intervenções alcança apenas o número de 20 intervenções. Mais uma vez os dados confirmam a posição hierárquica das tutoras na interação, abaixo da professora, mas sem deixar de ter uma função importante no evento.

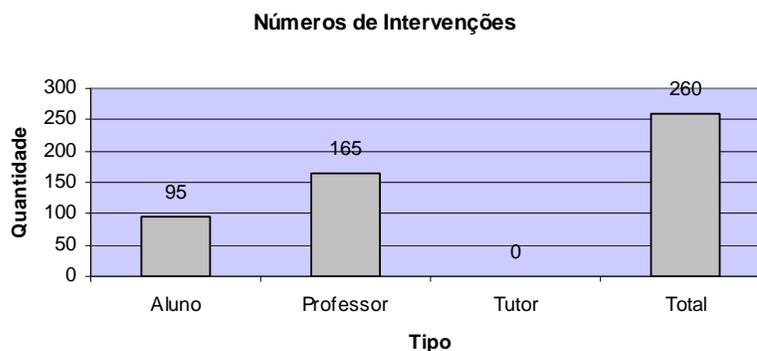


Gráfico 3.4 - Número de intervenção por participante (4º chat)

Com relação ao Gráfico 3.4, relativo ao 4º *chat*, observamos que o total de intervenções é de 260, distribuídas em 165 manifestações de P2 e 95 manifestações de 06 alunos participantes do evento, no qual não houve a participação das tutoras. A professora, portanto, detém o maior número de intervenções. Acrescente-se a isso que, nos dados do 4º *chat*, o aluno que realiza o maior número de intervenções alcança apenas o número de 37 intervenções.

A partir do número de alunos matriculados na disciplina (141), podemos afirmar que, pelo menos nesse tipo de interação, a participação dos alunos é pequena. Porém, é necessário lembrar que, segundo as normas da instituição de ensino a distância que nos cedeu o material, o *chat* não é atividade obrigatória. Nesse caso, parte-se do princípio de que não se pode impor ao aluno um horário ou mesmo um local que lhe dê acesso à internet para que venha a participar do encontro. Acreditamos que essa norma explica o pequeno número de participantes no *chat*.

Tomemos agora o Gráfico 3.5, em que mapeamos os tipos de intervenções encontradas no 1º *chat* registrado e cedido para pesquisa, de forma a comprovar a presença da hierarquia na interação em foco. Optamos por tomar apenas os dados desse 1º *chat*, em razão de ele contemplar o maior número de intervenções/alunos, em relação aos demais *chats*.

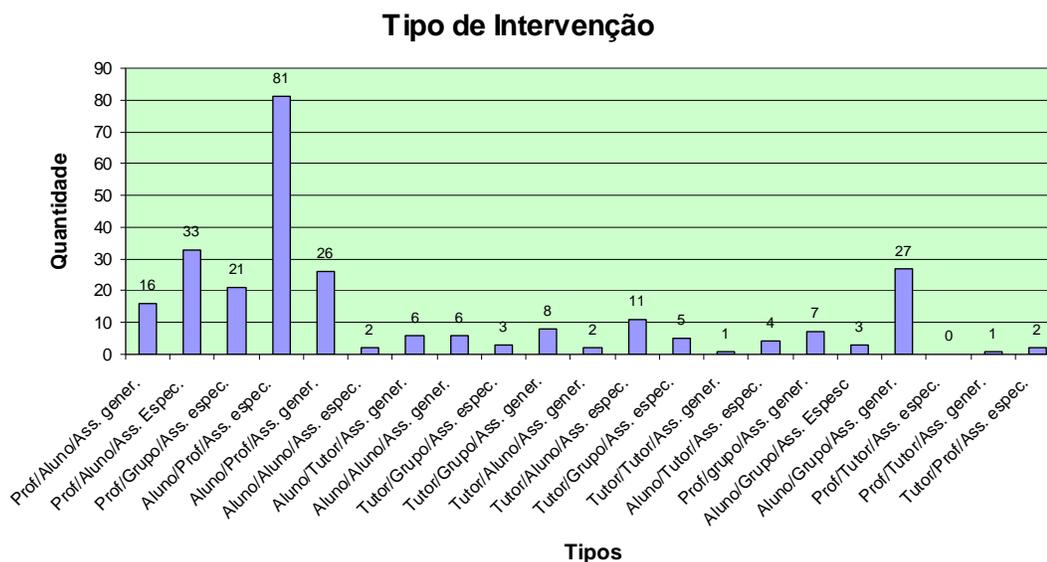


Gráfico 3.5 - Tipo de intervenção por participante

As intervenções – que acontecem entre aluno e professor, aluno e tutor, aluno e aluno, professor e aluno, professor e tutor, professor e grupo, tutor e aluno, tutor e grupo, tutor e professor, tutor e tutor – foram categorizadas conforme a natureza dos assuntos, divididos entre específicos e genéricos. As intervenções referentes aos cumprimentos, às congratulações ou formas de demonstrar afetividade entre o grupo foram consideradas como genéricas; as intervenções relacionadas a assuntos da disciplina, tendo em vista questões de ordem teórica, conceitual ou metodológica, foram consideradas como específicas.

Inicialmente, podemos comprovar que a maior demanda dos alunos é direcionada a P1, a interactante do evento que apresenta maior número de participações. Observamos, ainda, que P1 é a pessoa do evento mais procurada pelos alunos, principalmente no que tange aos assuntos específicos da aula; assim, para P1 é direcionado o maior número de perguntas. Na mesma medida é quem aparece com maior número de respostas aos alunos, cumprindo, sobretudo, a função de informar e orientar.

Podemos, ainda, com base nos números das participações, afirmar que o evento se organiza com base numa relação hierárquica: os alunos direcionam seus questionamentos para as professoras, que são as figuras com maior demanda. Apesar disso, a participação das tutoras é muito importante, com papel de apoio à professora.

Os tutores, quando presentes, o que ocorre na maioria das vezes, estão sempre à disposição para ajudar a professora no caso de uma grande demanda (muitos alunos postando intervenções ao mesmo tempo). Excluindo-se a abertura e o fechamento do encontro, os tutores costumam entrar em cena para esclarecer dúvidas sobre as atividades ou, ainda, se chamados pela professora no ambiente virtual, o que também indica a presença de uma hierarquia. A seguir, vejamos um momento em que a tutora é chamada pela professora a dar sua colaboração:

Excerto 5
2º Encontro *on-line*

P1: R.M., a revisão já está disponível. Por favor, verifique se a sua já está disponível.

Al (R.M.): P1 a minha atividade ainda não aparece como revisada

P1: R.M., veja com a T2 ...por favor

P1: Pessoal, a T1 e a T2 estão aí para responder sobre as revisões ok.

Dando sequência ao exame dos dados apresentados no exemplo a seguir, veremos características da aula presencial equivalentes às características do *chat*, relativamente ao que Matencio (2001) chama de desenvolvimento da aula, etapa do evento que se dá por ações didático-discursivas em que se colocam em cena as atividades previstas para o encontro. No excerto 6, aparecem alunos que entram no ambiente para tirar suas dúvidas sobre a disciplina, e essa ação no *chat*, assim como na aula presencial, vai direcionar a ação do professor, que poderá se apoiar nessas intervenções para conduzir sua aula. Aqui, vemos claramente os alunos entrando com seus questionamentos, o que leva à ação da professora de introduzir uma orientação que atenderia à demanda dos alunos:

Excerto 6
1º Encontro *on-line*

P1: E com relação à atividade 2, alguma dificuldade?

Al.(V.M.): Na atividade 02 tenho que colocar o título?

Al. (R.S.): É exatamente sobre ela a minha dúvida. Deveríamos escrever alguma coisa sobre o autor do texto, um pequeno perfil?

Al. (M.C.): Bom, P1, eu achei o texto da atividade 2 muito complicado, conforme lhe disse pelo correio acadêmico...

Al. (H.C): qual a data limite para mandar a atividade 2 para revisão?

P1: R.S., o texto do Frei Betto é um artigo de opinião, por isso, ao final, aparece aquele pequeno perfil. No caso do resumo, isso não é necessário.

Al. (V.M.): até amanhã

Al. (R.M.): Gostaria de saber se posso colocar tópicos no resumo da 2 atividade

Al.: (M.C.): Me parece que, para o bom entendimento do texto, é necessário conhecimento prévio de vários conceitos citados... E, se não há compreensão do texto, fica difícil resumí-lo.

P1: Oi M.C., que bom que você veio. Estava mesmo esperando você. Preparei uma resposta especial ok.

P1: E vale para todo mundo. Lá vai:

P1: O resumo do texto “Função Social do Contabilista” deve ser elaborado a partir do posicionamento do autor com relação a essa função, ou seja, o que importa é como o autor vê a função do contabilista. Em outras palavras, o seu resumo deve responder: em que consiste a função social do contabilista, para o autor do texto-base? Note que as palavras-chaves, isto é, aquelas em torno das quais o texto se constitui, estão ligadas a palavras cujo significado se relaciona ao campo social, em detrimento do numérico. A exemplo disso, posso citar as palavras “prosperidade”, “ética”, “aplicação humanística”, “campo social”, “célula social”, etc.

Assim, o autor parece dar ênfase ao lado social da profissão e é isso que deve ser focalizado no resumo. Para entender melhor o texto, seria interessante pesquisar um pouco mais sobre os autores citados, principalmente no percurso histórico feito por Lopes de Sá. No entanto, por serem informações secundárias, creio que vocês não devem se preocupar tanto com elas na elaboração do resumo solicitado. Além disso, outros artigos no mesmo site podem esclarecer alguns pontos importante para a compreensão do texto-base a ser resumido.

No trecho em questão, vemos que P1 realiza intervenções que procuram responder às insistentes perguntas e observações dos alunos sobre uma determinada atividade da disciplina. Dessa forma, podemos dizer que sua ação é desencadeada pela leitura que faz das intervenções dos alunos a ela dirigidas, e não apenas nesse ambiente, tendo em vista o que nos revela a primeira intervenção de M.C. (*Bom, P1, eu achei o texto da atividade 2 muito complicado, conforme lhe disse pelo correio acadêmico...*).

Note-se que P1 avisa, de forma especial a M.C., mas também aos demais alunos participantes do *chat*, que preparou (portanto, anteriormente ao *chat*) uma resposta para determinada dúvida de M. C. (*Preparei uma resposta especial ok*), mas que servirá aos demais alunos (*E vale para todo mundo. Lá vai:*).

De modo geral, a tecnologia em foco e o ritmo que ela impõe à atividade de interação impedem que as intervenções dos participantes sejam longas. De um lado, porque o tempo de digitação é um tempo que pode ser interpretado pelos demais participantes como “silêncio”, ausência ou mesmo desinteresse; de outro, porque a rapidez com que as intervenções vão sendo lançadas faz com que muitos tópicos sejam abandonados, em detrimento de outros. Esses fatores parecem desencadear, com maior frequência, intervenções menos longas; quando longas, elas costumam ser enviadas aos poucos para o grupo, ou seja, não se espera o término da digitação para se enviar a contribuição.

Em se tratando das restrições institucionais previstas para o encontro *on-line* em foco, deve-se levar em conta que este é agendado previamente, inclusive prevendo-se para ele um assunto determinado, sem obrigatoriedade de participação dos alunos da disciplina. Isso leva a pensar que o aluno só entrará no ambiente se estiver motivado por um determinado querer fazer ou dizer. Da mesma forma, pode-se dizer que o professor também vai para o *chat* orientado por um fazer que se inscreve na compreensão que este tem do seu papel na disciplina e no evento, bem como das regras institucionais. Isso não significa, porém, que a interação em foco seja elaborada previamente, a não ser no que se refere ao conteúdo didático da aula (e mesmo na prévia digitação de uma intervenção que diz respeito ao conteúdo da disciplina, como se viu há pouco).

Podemos ver essa situação claramente no excerto 7; com um evento agendado e um conteúdo determinado previamente, a professora pôde preparar um texto explicativo a fim de orientar os alunos acerca do conteúdo didático. Isso vai marcar o planejamento da professora para o encontro com os alunos. As demais participações dos alunos parecem ser espontâneas e motivadas pelas dúvidas que possuem.

Excerto 7
3º Encontro *on-line*

P1: Quanto à estrutura do relatório, vale lembrar que ela deve seguir a essência do trabalho integrado, ou seja, evite topicalizar demais o seu texto, para não fragmentar conhecimentos e articulações que, pela natureza da atividade, devem estar juntos. Com relação aos tópicos norteadores da nossa disciplina, contidos nas instruções da atividade integrada, por exemplo, a identificação dos textos que o contabilista lê, escreve e fala faz parte de todo o processo da coleta de dados. Não é necessário criar um tópico exclusivo para esse item. Aliás, os tópicos relativos a cada disciplina devem estar integrados em um único texto, pois são apenas elementos norteadores da pesquisa de campo para orientar melhor o aluno quanto à organização e ao que é imprescindível observar em campo. Portanto, faça apenas um comentário sobre os itens da minha disciplina ao longo do seu texto, relacionando-os aos itens das outras disciplinas, ok.

P1: Perfeito, M.M.

Al. (L.F.): com relação a parte das práticas de leitura e de escrita e a interação face a face no cotidiano do contabilista, como nós poderíamos colocar?

Al. (C.A.): P1 disponibiliza o encontro no site depois, por favor...

Al. (C.A.): P1 o meu trabalho ficou bem ruim.

P1: Boa pergunta L.F. Acabei de deixar um comentário sobre isso logo acima.

P1: Já previa esta pergunta.

Conforme descreve Matencio (2001), na análise de aula presencial, o professor configura sua imagem exercendo três funções que serão responsáveis pela articulação da interação, conforme for o andamento da aula e a transição entre suas etapas: informar, animar e avaliar.

Em muitos dos excertos anteriores (por exemplo, no 6 e no 7), vimos a professora atuando com a função de informar. Agora, vejamos a professora atuando como animadora e avaliadora. No excerto 8, na abertura de um *chat*, vemos a professora claramente como animadora do evento (*Olá, alunos...; A.l. D., você está aí?; J.G., por que não respondem?; Ufa! Oi, P. N.! Até que enfim alguém me responde!*). Ao mesmo tempo em que convida os alunos a participarem do evento e interajam com os demais interactantes, a professora também informa sobre a expectativa que possui em relação ao desenvolvimento do *chat*, avaliando o “silêncio” dos alunos.

Excerto 8
4º Encontro *on-line*

P2: Olá, alunos...

P2: D., você está aí?

P2: Oi, J.G.!

Al. (D.S.): gostaria se possível ,que me enviasse o seu E-mail novamente pois, minha filha desligou o computador quando ia copiar seu endereço.Grata!

Al. (P.N.): Olá professora

P2: (J.G.): por que não respondem?

P2: Ufa! Oi, P. N.! Até que enfim alguém me responde!

Al.(J.G.): Olá P2!

Al. (D.S.): SIM

P2: Oi, J.G.!

P2: Que nome diferente o seu!

Al. (P.N.): Não estou conseguindo acompanhar as atividades da sua disciplina...

Al. (J.G.): É latim

P2: Como estão de estudos? Entendendo a teoria?

Conforme se vê no excerto 9, o papel de avaliador se mistura a outros papéis da professora. Assim, com a intervenção avaliativa *Isso mesmo, J.D.!*, a professora também cumpre o papel de animar o evento de interação em curso.

Excerto 9
4º Encontro *on-line*

P2: Bom, vamos analisá-la, ok?

P2: Vocês conhecem os personagens?

Al. (J.D.): sim

Al. (J.G.): Sim.

P2: Acham que esse conhecimento é fundamental para a compreensão da piada?

P2: Ou seja, esses personagens contribuem para o humor?

Al. (J.G.): Sim.

P2: Vocês podem me dizer qual é o dado que promove o riso no leitor?

Al. (J.D.): Acho que não só para entender a piada mas para entender porque o watson tentou respostas mais elaboradas

P2: Isso mesmo, J.D.!

Al. (J.D.): O holmes está num nível intelectual bem acima

P2: Mas por que ele não percebeu o óbvio?

P2: Vejam que, para o leitor, falta uma informação.

Al. (J.D.): O watson nunca pensaria no mais simples tendo em vista ser o holmes o interlocutor

Percebemos que o gerenciamento de uma aula, tal como se dá no modo presencial, é guiado pelo professor, que se apoia nas intervenções dos alunos para conduzir a interação do evento. Noutros termos, as intervenções dos alunos guiam o professor e o orienta no processo interativo.

Conforme exposto anteriormente, Matencio (2001) descreve a aula em cinco unidades/etapas: a abertura, a preparação, o desenvolvimento, a conclusão e o encerramento.

Segundo os dados da autora, tanto o início, quanto o término da aula (abertura e encerramento, respectivamente) são etapas em que encontramos intervenções sobre assuntos aleatórios, ou seja, é um momento em que os interactantes interagem fora do conteúdo da aula ou, ainda, tratam de atividades extraclasse. Assim também acontece no *chat* educacional. A abertura e o encerramento são marcados por apresentações, cumprimentos, despedidas e agradecimentos, respectivamente. Pode-se dizer que, por meio dos cumprimentos iniciais, os participantes se mostram presentes no ambiente para os demais. Há, ainda, uma função claramente interacional, como uma forma de diminuir a distância existente entre alunos, professora e tutora.

Contudo, não podemos deixar de lembrar que, no evento a distância, pode acontecer de um aluno com acesso tardio intervir com uma frase como “boa noite”, objetivando marcar sua entrada no ambiente virtual, mesmo que com atraso. No ensino presencial, o aluno que chega atrasado a uma aula costuma/procura, ao contrário, entrar no recinto sem se fazer notar. Na EAD, ser notado é imprescindível.

Apresentamos, a seguir, trechos de abertura, no excerto 10, e de fechamento, no excerto 11, extraídos dos registros dos encontros *on-line*.

Excerto 10
2º Encontro *on-line*

T2: Boa noite C.A e M.A. Por favor, aguardem um pouco, pois a P1 já deve estar entrando no Ambiente.

Al. (C.A.): boa noite!

Al. (C.A.): Tudo bem T2!

Al. (M.A.): ok

Al. (A.S.): boa noite!

Al. (C.A.): Boa noite A.S.

T2: Oi, pessoal. Vocês estão animados com o curso?

Al. (A.L.): Boa Noite!

Al. (E.L.): Boa Noite!!

Al. (C.A.): Sim... Apesar dos aperto!

Al. (A.S.): Sim

Al. (M.S.): sim

Al. (E.L.): - Estou gostando do curso, mas está bem apertado.

Podemos observar que, na abertura do evento, os interactantes se manifestam cumprimentado uns aos outros. Ao mesmo tempo, na interação com os alunos, a tutora procura saber informações deles sobre aspectos da disciplina (*Oi, pessoal. Vocês estão animados com o curso?*) e o seu conhecimento a fim de dar continuidade e rumo à aula. Observe-se, porém, que a própria tutora entende que o *chat* (ou a aula) ainda não começou; tal como se dá na aula presencial, o *chat* começa “pra valer” com a entrada da professora.

Excerto 11
2º Encontro *on-line*

P1: Pessoal, vamos encerrar o nosso encontro. Por isso, gostaria de saber se alguém mais gostaria de se manifestar?

Al. (A.C.): Por favor preciso de orientações, morro no interior e vou p/BH na sexta à noite, preciso de alguma indicação de hotel ou pousada. Sei que não é o momento agora nessa aula, mas só assim, porque acredito que uma maioria é de BH. De preferência perto do Prado ou Rodoviária. Meu e-mail: xxxxxxxx@yahoo.com.br.

Al. (J.A.): P1, você tem alguma dica para nos dar em relação à prova?

T1: Pessoal, caso ainda tenham ficado com alguma dúvida mande correios para a gente, tudo bem? Teremos muito prazer em respondê-los.

Al. (W.F.): P1, tem alguma coisa que vc possa inserir pra nos sobre a unidade I para a nossa atividade de sábado?

P1: Al.: A.C., entre no site da Belotur. Só consegui me lembrar dessa informação.

Al. (C.M.): P1 o conteúdo da prova será somente a unidade I e II e o livro Resumo, também não consegui assistir o início da aula.

Al. (A.C.): ok, obrigada!

P1: C.M., isso mesmo.

Al. (C.M.): Ok! Obrigado.

Al. (M.A.): Gente, Tchau! Preciso estudar.

Al. (M.C.): - P1 e T1, muito obrigada pela ajuda e esclarecimentos!

Al. (E.L.): T1, não seria possível você alterar o status da atividade, para que a gente possa reenviar o resumo?

T1: Pessoal, a T2 e eu estamos nos despedindo e aguardamos as suas dúvidas.

Nesse último excerto (11), vimos que o encerramento, além de ser o momento de despedida dos interactantes, é um momento marcado também pelos últimos acertos didáticos, como assunto de prova e até pedidos de ajuda como o que foi apresentado. Nessa medida, no caso dos dados examinados, é um momento que se mistura à etapa de conclusão, lembrando que isso acontece também no ensino presencial, conforme Matencio (2001) mostrou em seus dados.

Assinalamos, também, a presença forte do interlocutor coletivo na abertura e no fechamento do evento (*Gente, Pessoal, Vocês*), o que marca a existência de uma comunidade, à semelhança do que se dá em uma sala de aula presencial.

Tal como nos dados analisados por Matencio (2001), as etapas que compreendem o período entre a abertura e o fechamento são as etapas instrumentais do *chat*; nessas etapas é que a interação com objetivo acadêmico vai se desenvolver, em que o professor vai executar seu planejamento, os alunos vão perguntar e, assim, vão guiá-lo no alcance de sua meta.

Tentaremos exemplificar com excertos de um mesmo *chat* as etapas instrumentais da aula, seguindo os caminhos de Matencio (2001) na pesquisa sobre a interação na sala de aula presencial e, assim, mostrar que a aula pode acontecer no formato de um *chat*.

Excerto 12 - Preparação do evento em termos instrumentais
2º Encontro *on-line*

P1: Alguma dúvida para mim?

Al. (C.A.): sim

Al. (C.A.): Na resenha, temos que falar sobre os três tópicos do capítulo?

P1: C.A. , você recebeu minhas dicas pelo correio acadêmico?

Al. (E.L.): Como devemos constar a referencia bibliográfica na resenha?

Al. (C.A.): Sim, recebi.

P1: C.A. , você pode resumir os três e comentar apenas um deles.

P1: Por exemplo...

Excerto 13 - Desenvolvimento do evento em termos instrumentais
2º Encontro *on-line*

P1: Pessoal fiz um comentário mais geral para tentar ajudar vocês.

_ As normas você poderá acessar no site da instituição. Clique em biblioteca e depois em normalização, ok. Depois disso faça uma cópia do arquivo e salve no seu computador, pois você irá consultar esse material durante todo o curso.

Quanto ao título, não é necessário colocar a palavra "resenha". Coloque apenas a referência bibliográfica do texto-base antes de iniciar o texto. Não há uma regra rígida com relação à ordem dos fatores em uma resenha (resumo, crítica, conselhos, etc), nem a necessidade de criar subtópicos ou subtítulos. No entanto, sugiro que você mescle os comentários com as partes resumidas, pois esse formato se torna mais interessante para o leitor.

Al. (A.C.): na opção 2.3 a contabilidade como profissão, posso colocar só as áreas de atuação, ou tenho que especificar cada uma.

P1: Lá vai um outro comentário geral...

_ Uma boa dica para você transformar o seu resumo em uma resenha seria utilizar o item "Pausa e reflexão" do texto-base, extraído do livro "Introdução à Teoria da Contabilidade". Dessa forma, você estaria trazendo um comentário/reflexão pessoal para a sua resenha. Você já havia pensando nisso? Não deixe de fazer a atividade e de enviá-la para que possamos corrigi-la, ok. Espero que possa ter ajudado um pouco

Excerto 14 - Conclusão da interação em termos instrumentais (pode coincidir com a etapa de encerramento)
2º Encontro *on-line*

Al. (A.L.): Eu sugiro q seja aplicado algumas provas na sexta e as outras no sábado, acho q seria menos cansativo, o dia inteiro fazendo provas é mto cansativo.

Al. (W.F.): Eu adorei fazer essa atividade P1. E por incrível que pareça, fique feliz em conseguir resumir e interpretar! Só não sei se terei sucesso com a professora né!!!!

Al. (S.G.): P1, estou satisfeita e, por enquanto, sem mais dúvidas. Obrigada e boa noite.

Al. (S.G.): Boa noite a todos.

Al. (M.S.): obrigado pela atenção, P1.

Al. (M.A.): Al. : A. L. eu moro em outro estado... nem pra todos isso eh possível

Al. (V.N.): muito obrigado, P1, desculpe tantas querelas que deveremos enviar a outros, e não a vc?

Al. (A.C.): Boa noite, valeu as dicas, obrigada!

Vemos que a aula possui uma estrutura variada, o que vai gerar uma interação bastante heterogênea no que tange à dimensão social e acadêmica, porém a interação será homogênea se considerarmos a interação dentro de cada uma das unidades.

Observando o excerto 12, no que se refere à unidade “preparação do evento”, percebemos que P1 busca tirar dos alunos informações para ela se orientar, como quando pergunta (*Alguma dúvida para mim?*) e, ainda, os alunos dando a ela a informação de que ele precisa (*Na resenha, temos que falar sobre os três tópicos do capítulo?*). Nesse momento, a abertura do *chat* já aconteceu e P1 busca informações para conduzi-lo. É o início; são as etapas instrumentais da “aula” *chat*.

No excerto 13, temos P1 já fazendo uso das informações que os alunos forneceram com relação às suas dificuldades na etapa anterior a esta; nessa medida, procura orientá-los, sanando suas dúvidas (*Quanto ao título, não é necessário colocar a palavra "resenha". Coloque apenas a referência bibliográfica do texto-base antes de iniciar o texto. Não há uma regra rígida com relação à ordem dos fatores em uma resenha (resumo, crítica, conselhos, etc), nem a necessidade de criar subtópicos ou subtítulos. No entanto, sugiro que você mescle os comentários com as partes resumidas, pois esse formato se torna mais interessante para o leitor.*). P1 executa suas tarefas revelando o objetivo central do encontro.

Já no excerto 14, temos a terceira etapa – Conclusão da interação em termos instrumentais –, que pode coincidir com a etapa de encerramento. Aqui as intervenções vão girar em torno de trabalho, conteúdo para prova, sugestões, e outras dessa natureza. (*Eu sugiro q seja aplicado algumas provas na sexta e as outras no sábado, acho q seria menos cansativo, o dia inteiro fazendo provas é mto cansativo*).

Na busca por compreender o funcionamento do *chat*, pensamos ser pertinente mapear, também, os momentos em que os interactantes tomam a palavra no *chat*, intrometem-se ou, ainda, como buscam colaborar com a intervenção do outro. Antes, é preciso ter em conta que, em um *chat* educacional (como em todo encontro *on-line*), uma vez que cada interactante está localizado geograficamente distante um do outro, não há, necessariamente, a intenção de “assaltar o turno do outro”, pois um não pode ver quando o outro está enviando uma mensagem. Dessa forma, as intervenções vão surgindo na tela, muitas vezes, quase simultaneamente e elas são sempre bem-vindas e necessárias para que o professor conduza a atividade.

Nos *chats* registrados neste trabalho, as intervenções surgem na tela de forma segmentada, e esses segmentos mínimos se encaixam em outros, constituindo a interação.

Vejamos uma análise de um excerto em que, por meio das intervenções dos participantes do evento, tentaremos verificar o movimento da interação. Pretendemos perceber a maneira com que esses segmentos constituintes de uma intervenção funcionam para a estrutura de um evento de interação e, além disso, em um ambiente virtual, como as intervenções “desordenadas” se formam em interações. Para darmos continuidade a essa análise, o próximo excerto terá suas intervenções numeradas.

Excerto 15
3º Encontro *on-line*

- 01- Al. (R.B.): P1, devemos em um só relatório tentar contextualizar todas as disciplinas estudadas, no entanto, contextualizar matemática é mais complicado por ser uma disciplina de área de conhecimento exato, você tem alguma dica de como contextualizar matemática?
- 02- Al. (R.B.): Gostaria de saber quando será disponibilizada a revisão
- 03- Al. (S.J.): Ok. É o que eu não estava entendendo. Obrigada.
- 04- P1: A.A.: **"O contabilista, ao apresentar o seu ambiente contábil, mostrou estar atualizado com as principais tecnologias, além de estar por dentro da nova legislação presente no código civil."**
- 05- Al. (C.A.): P1, estou achando esse trabalho bem difícil, ainda mais porque estou fazendo sozinha.
- 06- Al. (C.A.): Vocês serão muito rigorosos na correção?
- 07- P1 – Al.: R.B., todos os programas de computador utilizados pelo contador são estruturados a partir da linguagem matemática. Esse é um bom começo. O que acha?
- 08- Al. (R.B.): ótimo
- 09- Al. (R.B.): obrigada
- 10- P1 – T 1, a revisão já está disponível. Por favor, verifique se a sua já está disponível.
- 11- Al.: W.F. - Al.: C.A., eu também estou fazendo sozinha... Essa atividade em grupo, acredito que só ajudou os alunos que moram em BH mesmo.
- 12- Al.:E.B. - Não sei ajuda, Al.: R.B, mas pense a contabilidade como um sistema de informações e faça relação com um programa de computador.
- 13- T2 Boa noite a todos!! T2
- 14- A.l: A.A. – P1, então não posso dizer assim: Entendo que diante desta situação, aumenta-se a necessidade, de conscientizar os empresários da importância da escrituração bem elaborada, que vai lhe fornecer informações valiosas sobre a real situação de sua empresa e facilitar para a tomada de decisões. É melhor gastar com um profissional qualificado e ser bem assessorado do que deixar as coisas correrem soltas e sofrer com excessos tributários que poderiam, por vezes, serem evitados.
- 15- Al.: M.M. - Olá T2.
- 16- Al.: V.M. - Boa noite T 2.
- 17- Al.: W.F. - hei T 2.
- 18- Al.: C.A. - Olá, Al.: M.M, tudo bem?!!
- 19- Al.: R.B. - Obrigada pela dica Al.: E.B.

Imaginemos que, em um ambiente de *chat* educacional, haja vários interactantes se comunicando ao mesmo tempo, cada um em seu computador, interagindo sem ter muita noção de quem está postando que tipo de informação. Então podemos imaginar que a ideia de assaltar o turno nesse ambiente não seja propositada e que todas as intervenções são bem-vindas. Parece que, nesse tipo de interação, o “silêncio” incomoda sobremaneira os participantes, o que instaura uma espécie de lógica democrática para a participação, embora preservando os papéis a eles atribuídos na interação.

Observemos que há, no excerto 15, na linha número 01, uma pergunta de uma aluna para a professora que motivará uma interação. Vejam que a resposta que a professora fornece à aluna virá apenas no segmento 07. Essa “demora” na resposta não vai caracterizar ausência da professora, pois, como podemos observar, nesse intervalo entre as entradas 01 e 07 há uma resposta que a professora dá ao questionamento de uma outra aluna, e que antecedeu ao questionamento 01 e há, ainda, 04 entradas de outros alunos com questões diferentes.

Nas intervenções 08 e 09 percebemos que RB agradece à professora. Essa cordialidade também é uma marca da aula *chat*. É recorrente que os alunos procurem sempre agradecer às professoras e às tutoras.

Vejam, ainda, na intervenção de número 12, a presença de uma colaboração entre colegas. O aluno EB interage com a aluna RB, tentando ajudá-la no entendimento do conteúdo didático; por sua vez, RB agradece EB na linha 19.

Portanto podemos mapear a movimentação dessa troca interativa, que se encontra em 01-07-08-09-12-19. As demais entradas não têm a intenção de roubar o turno ou interromper. Assim é a interação em um *chat* educacional: dinâmica. Os interactantes vão entrando com suas “falas”, as professoras e tutoras vão respondendo e construindo um movimento novo de interatividade.

Não podemos deixar de observar que parece ser uma especificidade desse tipo de interação o modo como se lida, nesse ambiente, com as intervenções colocadas no grupo. Mesmo em se tratando de uma pergunta direcionada ao professor, ela costuma ensejar também as contribuições dos alunos, inclusive antes da resposta do professor, situação que não costuma ocorrer em ambientes de ensino presencial. Não que o aluno queira, exatamente, se dirigir a todos os participantes, mas todos têm acesso à pergunta e podem tentar contribuir com algum conhecimento. Existem, porém, ferramentas no ensino virtual que possibilitam ao participante enviar seu comentário de forma que apenas seu destinatário tenha acesso – é o chamado reservado.

De fato, essa colaboração entre colegas ocorre também em uma sala de aula presencial, mas, na virtual, todas as participações ficam registradas na tela. A colaboração pode não ser imediata, aparecendo com um intervalo maior de tempo, ou seja, não exatamente logo após a

pergunta ser registrada, pois, em um *chat*, vários participantes enviam suas mensagens em curto espaço de tempo.

Vejamos o exemplo a seguir e observemos que a resposta a um questionamento de um aluno vem de um colega da comunidade, e não aparece na tela do computador na sequência da pergunta, uma vez que vários participantes estão registrando suas participações ao mesmo tempo.

Neste último exemplo, o aluno RB faz uma pergunta (*devemos em um só relatório tentar contextualizar todas as disciplinas estudadas, no entanto, contextualizar matemática é mais complicado por ser uma disciplina de área de conhecimento exato, você tem alguma dica de como contextualizar matemática?*), que fica registrada na tela do computador e à qual todos os participantes têm acesso. Imaginemos que mais de um aluno ao mesmo tempo pode enviar um texto com seu questionamento; então as perguntas vão aparecendo na tela com certa “desordem”. Podemos imaginar, com base nos dados, que, enquanto P1 está respondendo a uma questão, outras perguntas vão sendo inseridas, seguindo o fluxo de interações. Nesse caso, para a produção de sentido, precisamos acompanhar as intervenções ligando-as aos nomes dos participantes. Caso contrário, pode parecer confuso, pois, entre uma pergunta e sua resposta (*R.B., todos os programas de computador utilizados pelo contador são estruturados a partir da linguagem matemática. Esse é um bom começo. O que acha?*), o participante visualizará a entrada de outras intervenções.

Dessa forma, vemos que, mesmo em dúvidas pontuais de algum aluno, a tendência do ensino a distância é que toda a comunidade seja acionada, e não apenas o professor. Em outras palavras, quando um aluno apresenta uma questão ao professor, todos da comunidade têm acesso e se sentem à vontade para tentar contribuir com seus conhecimentos. O mesmo acontece quando o professor esclarece uma questão que vai atender a outros da mesma comunidade. Ou seja, a dúvida de RB poderia ser a mesma de outros alunos, e como nesse formato de aula toda a interação fica registrada, outros alunos podem ser beneficiados, mesmo aquele que entrou tardiamente no ambiente.

Tendo em vista o que apresentamos até este momento, podemos afirmar que não existem diferenças significativas entre a aula presencial e o *chat* educacional, a não ser aquelas ensejadas pela tecnologia. Apesar de a interação acontecer a distância, há extrema semelhança

na regulação feita pela instituição de ensino, nos objetivos didáticos e nas funções que os professores possuem e executam. A materialização didática discursiva se dá baseada na interação e a interação, nos dois formatos, é um misto de partes rígidas e outras espontâneas, apoiadas em um gerenciamento guiado pelo professor.

4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM PRÁTICAS DE EAD

Neste capítulo, cuidaremos de analisar as representações dos alunos, dos tutores e das professoras da disciplina pesquisada sobre a interação a distância, especificamente com relação à participação em *chats* educacionais. Para isso, tomaremos como *corpus* central as entrevistas realizadas com as professoras, as tutoras e alunos da disciplina, nos dois semestres de sua execução tomados para análise. Antes de nos dedicarmos à exploração dos dados, discorreremos sobre a noção de representações sociais, tendo em vista os objetivos do trabalho.

4.1 A noção de representação social

[...] representações sociais são, sobretudo, o objeto de um permanente trabalho social, no e através do discurso, de tal modo que cada novo fenômeno pode sempre ser reincorporado dentro de modelos explicativos e justificativos que são familiares e, conseqüentemente, aceitáveis.”
(Moscovici, 2003)

O conceito de representação social é tomado de Serge Moscovici, em 1961, em trabalho intitulado *Psychanalyse: son image et son public*, no qual o autor defende a existência de um pensamento social resultante das experiências, das crenças e das trocas de informações presentes na vida cotidiana. Moscovici (2003) visava desenvolver uma teoria menos individualista do que a psicologia social norte-americana e, também, um posicionamento mais sociológico para a psicologia social, mediadora entre o homem e o seu meio.

As representações sociais são, portanto, um conjunto de crenças e de ideias que nos permitem evocar um dado acontecimento, pessoa ou objeto; nessa medida, são resultantes da interação social, pelo que se tem de comum a um determinado grupo de indivíduos.

Moscovici (2003) propõe a investigação das construções do senso comum para que seja possível compreender a relação de interferência do social, incluindo o papel dos meios de comunicação sobre os indivíduos e sobre os grupos sociais. Sua análise foi desenvolvida a partir da confiança de que a sociedade atual, mais técnica e complexa, necessitaria de outro

conceito, menos genérico que as representações coletivas propostas por Durkheim (1989), para acompanhar, explicar e tentar compreender como ocorre a formação do pensamento e do conhecimento social, opinião que converge com a de Georges Friedmann:

Hoje, a visão do mundo que tem o adulto das cidades não é explicável somente pela ação geral da sociedade, das 'representações coletivas'. É indispensável colocá-las em cada caso em relação com o lugar concreto que o indivíduo ocupa na sociedade e com os caracteres particulares do meio técnico. (FRIEDMANN, 1968, p. 47)

Para Moscovici (2003), o fenômeno das representações sociais é próprio das sociedades pensantes (*thinking society*), nas quais os acontecimentos ocorrem em ritmo acelerado. As representações constituem uma forma de pensamento social que inclui as informações, as experiências, os conhecimentos e os modelos que, recebidos e transmitidos pelas gerações, pela educação e pela comunicação social, circulam na sociedade. Com esse argumento, Moscovici (2003) refuta, simultaneamente, os principais argumentos do behaviorismo e da psicologia cognitivista. Para os behavioristas, “a mente era apenas uma lousa branca onde nossas experiências sensoriais podem ser escritas” (SCHULTZ, 1992 p. 410). Para os cognitivistas, essa lousa se transforma numa caixa preta onde as informações, palavras e pensamentos poderiam ser totalmente manipulados ou previsíveis, a depender do estímulo dado. Para compreender o indivíduo, bastaria medir os estímulos, não havendo diferença entre as reações dos “indivíduos normais” e as dos cientistas (MOSCOVICI, 2001, p. 29).

O autor defende, ainda, que indivíduos ou grupos não são receptores passivos, mas participantes importantes de uma sociedade pensante, elaboradores de um pensamento social por meio do qual constantemente (re)avaliam seus problemas e soluções.

Uma das finalidades das representações, segundo o mesmo autor, é tornar familiar algo não familiar, ou seja, realizar uma alternativa de classificação, categorização e nomeação de novos acontecimentos e ideias, com as quais não tínhamos contato anteriormente, possibilitando, assim, a compreensão e a manipulação destes a partir de ideias, valores e teorias já preexistentes e internalizadas por nós e amplamente aceitas pela sociedade:

As representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma

série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal (...) as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não usual apenas trazem-nos de volta ao que já conhecíamos e com o qual nós já estávamos familiarizados há tempo e que, por isso, nos dá uma impressão segura de algo “já visto” (déjà vu) e já conhecido (déjà connu). (MOSCOVICI, 2003, p.58)

Ainda à luz do pensamento de Moscovici (2003), aprendemos que os sujeitos buscam compreender, abstrair significados das novas informações e fatos produzidos constantemente em função da proliferação dos centros de pesquisas científicas, da enorme profusão de ideias e “filosofias” escancaradas pelos meios de comunicação de massa e também criadas pelos “sábios amadores”, nas ruas, bares e esquinas do senso comum, de forma a operacionalizá-los em nossos cotidianos. A criação e a transformação da informação levam a uma transformação de nossos valores, que, conseqüentemente, irão influenciar as diretrizes dos relacionamentos humanos, na forma como o ser humano se percebe no mundo e com o outro – o que era certo para a geração anterior para a geração atual pode não ser. Digere-se a nova informação, que é reapresentada, buscando-se, ao mesmo tempo, tanto enriquecer e transformar nossos esquemas cognitivos anteriores no que for possível e aceitável à nossa idiossincrasia, como também adaptá-la a nossos antigos esquemas cognitivos, na busca de manter o nosso mundo estável e seguro: “[...] a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas” (MOSCOVICI, 2003, p. 55).

Para Moscovici (2003), existem dois processos que geram as representações sociais: ancoragem e objectivação. Com a ancoragem, classificamos e damos nomes às coisas anteriormente estranhas para nós, num movimento por meio do qual recorremos ao nosso sistema de paradigmas construído nas relações sociais. Já com a objectivação, temos ideias abstratas transformadas em imagens concretas, por meio do reagrupamento de ideias e imagens focadas no mesmo assunto, o que significa “transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (MOSCOVICI, 2003, p. 61).

Para Jodelet (2001), criamos as representações devido à necessidade de estarmos informados sobre o mundo à nossa volta e ainda pela necessidade de sabermos nos comportar nele e dominá-lo física ou intelectualmente.

Jodelet (2001) trata as representações sociais como algo natural. Para a pesquisadora, as representações, que circulam no discurso, são trazidas pelas palavras e veiculadas pela mídia, atuando na construção de nossas identidades sociais e pessoais:

Geralmente, reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais. (JODELET, 2001, p. 22)

A autora apresenta, em seus estudos sobre as representações sociais, um esquema de base para caracterizar a representação de forma prática:

- a representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito), sendo que as características do sujeito e do objeto nela se manifestam;
- a representação social tem como seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Essas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito [...];
- [...] a representação será apresentada como uma modelização do objeto diretamente legível em (ou inferida de) diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais. Todo estudo de representação passará por uma análise das características ligadas ao fato de que ela é uma forma de conhecimento;
- qualificar esse saber de prático se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos contextos e condições em que ele o é e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para agir sobre o mundo e o outro, o que desemboca em suas funções e eficácia sociais. A posição ocupada pela representação no ajustamento prático do sujeito e seu meio fará com que seja qualificada por alguns de compromisso psicossocial. (JODELET, 2001, p. 27-28)

Jodelet (2001), após apresentar esse conjunto de elementos, lembra-nos de que, se acompanharmos o histórico desse campo de pesquisa, teremos de nos voltar à relação da representação com a ciência e a sociedade, quando Moscovici (1961), com a obra *Psychanalyse: son image et son public*, dá à Psicologia Social objetos e instrumentos conceituais em contato direto com as verdadeiras questões colocadas pela vida social.

Utilizando as palavras de Jodelet (1989, p. 43), é interessante compreendermos que a representação “é uma forma de conhecimento prático conectando um sujeito a um objeto”. A autora continua dizendo que “quantificar esse conhecimento como ‘prático’ refere-se à experiência a partir da qual ele é produzido, aos referenciais e condições em que ele é produzido e, sobretudo, ao fato de que a representação é empregada para agir no mundo e nos outros” (JODELET, 1989, p. 43-44).

4.2 Representações sobre a EAD e o *Chat* Educacional (2º movimento de análise dos dados da pesquisa)

Defendemos que, para refletirmos sobre como e por que os sujeitos pensam, dizem e agem de determinada forma, é importante considerar as representações sociais subjacentes a esse pensar, dizer e agir. A partir de Moscovici (2003), destacamos dois processos sociocognitivos que atuam na formação das representações sociais – a objetivação e a ancoragem. Aqui, interessam-nos, também, os seus desdobramentos, como o núcleo central e o sistema periférico.

Segundo Franco (2004, p. 172), a “objetivação é a transformação de uma ideia ou de um conceito, em algo concreto. Cristaliza-se a partir de um processo figurativo e social e se constitui como o núcleo central de uma determinada representação”. Franco (2004) reitera ainda que as representações sociais se cristalizam no âmbito do núcleo central, a partir da união de ideias que são mediadas pela realização de ações concretas e resistentes a mudanças.

O núcleo central, segundo Franco (2004), constitui-se como elemento essencial da representação. É no núcleo central, a partir da vinculação de ideias, que surgem das ações concretas, que as representações sociais vão se cristalizar.

O sistema periférico, também segundo Franco (2004, p. 175), vai se “constituir na parte operacional do núcleo central e em sua concretização mediante apropriação individual e personalizada por parte de diferentes pessoas constituintes de grupos sociais diferenciados”.

Como ilustração, vejamos a opinião de P2 sobre a interação na EAD, expressa na entrevista⁸ realizada para a pesquisa em foco:

Excerto 1
Entrevista P2

P2 – Não. Acho que é completamente diferente. Primeiro, você discute com os alunos em sala de aula, você não discute pela internet. Você não conversa com eles sobre as coisas que foram colocadas. Para você ter uma ideia, se não fosse uma proposta minha eu nunca saberia nada sobre os meus

⁸ Transcrição da entrevista realizada com P2, disponível no anexo H.

alunos. Eu propus a eles que escrevessem um memorial pra mim (...) e eu descobri que tinha um aluno que morava em meio à floresta no Pará. Você não sabe nada do aluno, você não percebe como ser humano, eu acho sabe, que ele é alguém que lê os textos que você pede, responde às questões, e não muito mais que isso.

Temos então a objetivação, a cristalização e a homogeneização⁹ da representação da interação no ensino a distância segundo P2. Cristalização e objetivação que se fazem reais e são produzidas socialmente, como está retratado em nosso esquema abaixo, representado na Figura 4.1:

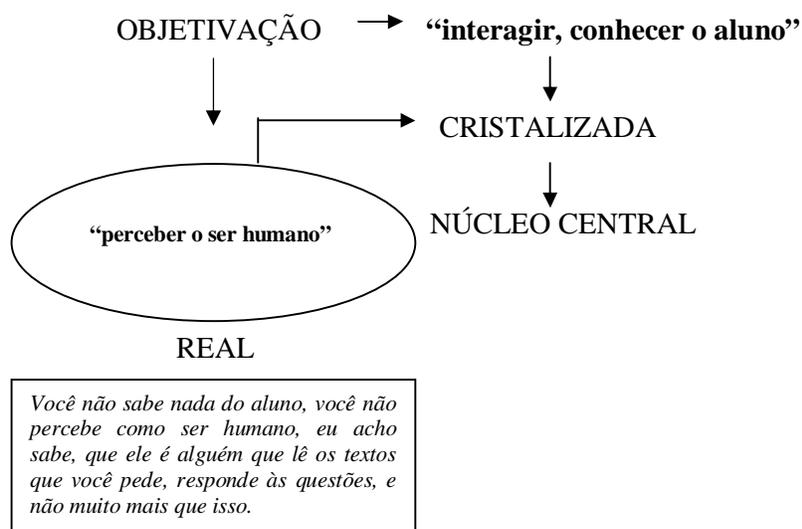


Figura 4.1 - Representação da interação na EAD

Agora, vejamos a opinião de P1 quanto à interação na EAD, também em dados obtidos com entrevista¹⁰ realizada com a professora:

Excerto 2
Entrevista P1

⁹ Segundo Franco (2004), a homogeneização e a cristalização ocorrem no núcleo central, onde as representações sociais se estabilizam, a partir da vinculação de ideias, mediadas pela realização de ações concretas e, basicamente, resistentes a mudanças.

¹⁰ As respostas de P1 ao questionário estão disponíveis no anexo I.

P1 – *Na minha opinião, a EAD se assemelha à educação presencial no que tange o princípio que rege a educação, de um modo geral, seja ela virtual ou presencial. Trata-se da relação ensino/aprendizagem subjacente a todas as modalidades de educação. No entanto, as formas de se alcançar esse objetivo vão se diferenciar um pouco do material didático, bem como as formas de interação professor/aluno, tutor/aluno.*

Temos, novamente, a objetivação, a cristalização e homogeneização da representação da interação no ensino a distância, segundo P1. Vejamos o esquema apresentado na Figura 4.2:

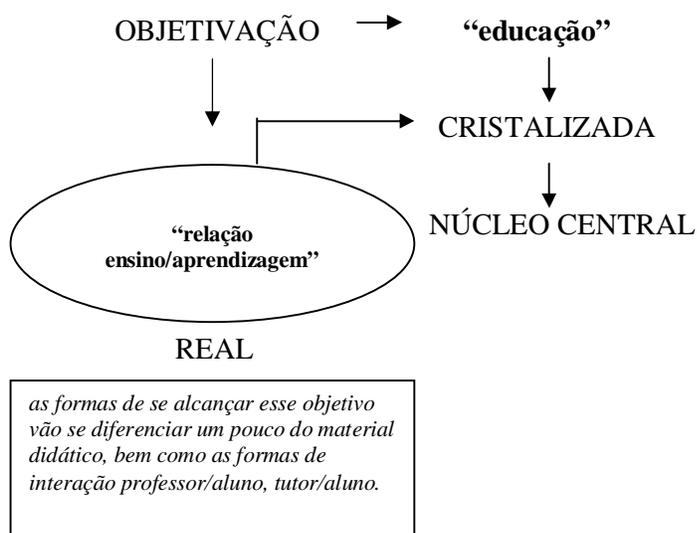


Figura 4.2 - Representação da interação na EAD

Para P2, a representação da interação professor/aluno na EAD é ancorada em elementos como conhecer o ser humano, conhecer sua história. A ideia de **“perceber o ser humano”** cristalizou-se e passou a constituir o núcleo central de determinada representação que P2 possui da educação. Dessa forma, chegamos ao que foi concretizado como real: *Você não sabe nada do aluno, você não percebe como ser humano, eu acho sabe, que ele é alguém que lê os textos que você pede, responde às questões, e não muito mais que isso.* Essa representação consolida uma visão tradicional que P2 tem do ensino em sala de aula tradicional, o que se reflete no imaginário de muitos alunos e professores.

Já para P1, a representação da interação professor/aluno na EAD é ancorada nos elementos que envolvem a “relação ensino/aprendizagem”; essa ideia de P1 constitui o núcleo central que define a representação que a professora possui da educação. Isso nos leva ao concretizado

como real: *as formas de se alcançar esse objetivo vão se diferenciar um pouco do material didático, bem como as formas de interação professor/aluno, tutor/aluno.*

4.3 A visão das professoras nas entrevistas

Como esclarecemos em outro ponto deste texto, P1 e P2 são as professoras da disciplina de curso de graduação a distância (Produção e Compreensão de Texto), na qual foi possível a geração e coleta dos dados apresentados e analisados neste trabalho. P1 atuou na disciplina no 2º semestre de 2007; P2, no 2º semestre de 2008.

Ambas as entrevistas seguiram, basicamente, o mesmo roteiro, com algumas alterações, conforme o modo como se realizaram. Para a entrevista com P1 (Anexo I), as perguntas foram encaminhadas por *e-mail*; a professora nos respondeu no mesmo formato. A entrevista com P2 (Anexo H) foi gravada e aconteceu no formato face a face. A entrevista foi realizada alguns dias após a professora ter ministrado uma aula *chat*, a mesma observada e filmada para este trabalho (4º *chat*).

A partir das respostas, buscamos perceber as representações sociais subjacentes ao modo como esses sujeitos se posicionam sobre a EAD, privilegiando as questões relativas à experiência com o *chat* educacional.

Vejamos, inicialmente, uma breve análise do perfil das duas professoras, com base nas respostas à questão 1 do questionário (*Fale sobre sua experiência na EAD, quando começou e de quais cursos participou*) e à questão 2 (*Como é sua experiência com a tecnologia digital fora do espaço da instituição de ensino? No seu dia a dia, você participa de chat e MSN, por exemplo?*)

Segundo os dados das entrevistas, ambas as professoras iniciaram há pouco tempo seu trabalho na EAD e possuem experiências pessoais diferentes com a tecnologia. P1 possui menor tempo de magistério, portanto uma formação inicial mais recente, e se mostra mais ligada às tecnologias de interação a distância, mesmo fora da instituição de ensino. P2 possui maior tempo de atuação no magistério e se mostra mais tradicional no que tange ao ensino a

distância; tem conhecimento das ferramentas interativas, mas nos relata que sente a falta da troca de olhar existente no face a face. Vejamos, a seguir, trechos das entrevistas com as professoras:

Excerto 3
Entrevista P1

Comecei a minha experiência em EAD no segundo semestre de 2007, através da disciplina Produção e Compreensão de Texto, no Curso de Ciências Contábeis, ofertado a distância. Fui contratada como substituta e, por isso, não tive muito tempo para o treinamento anual ministrado pela equipe da instituição e tampouco para fazer a especialização em EAD oferecida pela mesma instituição. No entanto, a equipe pedagógica me auxiliou muito, fornecendo um CD-Rom intitulado “Programa de formação em EAD”, produzido pela equipe da instituição para orientar o professor na modalidade a distância.

Excerto 4
Entrevista P2

[...]Então, a primeira experiência eu tive muita dificuldade, para lidar com essa novidade, depois mais recentemente, o ano passado eu trabalhei, semestre passado com uma disciplina de leitura de textos. Aí eu construí todo o material, aí eu achei uma coisa mais interessante, eu fiz muitos encontros on-line, pois eu sinto falta da conversa com o aluno, eu sinto falta dessa conversa com o aluno e fiz de maneira que o curso fosse mais prático e eu gostei muito.

Observemos que cada uma das professoras, para falar de suas experiências, se apoia em fatos diferentes. P2 se apoia na elaboração do planejamento da aula e nas oportunidades de contato com os alunos, deixando claro que sente falta de conversar com eles. Já P1 se apoia em seu contrato de trabalho e no pouco tempo para se familiarizar com o formato de aula.

Para a pergunta *Como é sua experiência com a tecnologia digital fora do espaço da instituição de ensino? No seu dia a dia, você participa de chat e MSN, por exemplo?*, obtivemos as seguintes respostas.

Excerto 5
Entrevista P2

Muito pouco, muito pouco. MSN de vez em quando com um amigo ou outro, mas eu sou meio relutante com essa tecnologia. Por exemplo, um amigo outro dia eu convidei pra tomar uma cerveja, mas ele disse: Eu não posso, estou sem tempo. E quando eu cheguei em casa ele me convidou para entrar no MSN, aí eu falei, seu desafortado a gente não pode tomar cerveja mas pode entrar no MSN. Aí ele disse pra mim, enquanto eu estou no MSN eu fico trabalhando, aí eu disse pra ele, não obrigada, eu não quero. Eu sei que é uma coisa do futuro e muito presente, mas eu tenho uma certa resistência. Por exemplo, minha filha mora longe de mim e eu não converso com ela via MSN, a gente se telefona todos os dias praticamente, mas a gente não conversa via MSN e poderíamos, né.

Excerto 6
Entrevista P1

Sou uma profissional 100% on-line, se assim podemos dizer. Tenho MSN, Skype, Myspace, Orkut e faço leituras de jornais virtuais e blogs constantemente. Um professor “virtual” precisa se inteirar das ferramentas oferecidas pelas novas tecnologias, a fim de potencializar e de aperfeiçoar recursos em EAD.

Analisando os excertos 5 e 6, que contêm respostas das professoras P1 e P2 ao questionário, podemos afirmar que, mesmo atuando na EAD, e para a mesma disciplina e instituição, P1 e P2 possuem representações bastante diferentes sobre a EAD e sobre a tecnologia que a envolve. Enquanto P1 se diz uma profissional *100% on-line*, fazendo uso de ferramentas de interação a distância mesmo fora da instituição de ensino, P2 se mostra pouco à vontade com essa tecnologia no seu dia a dia, preferindo não utilizá-la em seus relacionamentos pessoais. Para P2, a interação a distância parece caber no formato da EAD, embora também em relação a ela admita sentir a falta do contato, do “olhar”. Por meio dessas pistas chegamos às representações que cada uma das professoras possui da tecnologia digital e da EAD. Enquanto P1 toma a tecnologia como um valor (*Sou uma profissional 100% on-line, se assim podemos dizer*), inclusive usando, para se definir, uma terminologia cara ao campo tecnológico, P2 se constrói como alguém que valoriza algo do passado que a tecnologia tirou (*Eu sei que é uma coisa do futuro e muito presente, mas eu tenho uma certa resistência*).

Vejamos, agora, questões que vão abordar a relação entre a EAD e a educação presencial. São as questões 3 e 4 do questionário¹¹: *Nas atividades da EAD, podemos perceber uma*

¹¹ Essa numeração confere com questionário utilizado com P1; como a entrevista com P2 ocorreu face a face, a numeração dessas questões é equivalente às questões 4 e 5.

organização e um **funcionamento semelhante a uma sala de aula presencial**? Em sua opinião, na EAD, o que mais se **assemelha** e o que mais se **distancia** do ensino presencial?

Excerto 7
Entrevista P2

*Não. Acho que é **completamente diferente**. Primeiro você discute com os alunos em sala de aula, **você não discute pela internet**. Você não conversa com eles sobre as coisas que foram colocadas. **Para você ter uma ideia, se não fosse por uma proposta minha, eu nunca saberia nada sobre os meus alunos**. Eu propus a eles que escrevessem um memorial pra mim, para saber como eles são a própria vida, e eu descobri que eu tinha um aluno que morava em meio à floresta no Pará. E eu nunca saberia disso se não fosse esse memorial. **Você não sabe nada do aluno, nada, nada, nada**. Você não percebe o aluno como ser humano, eu acho, sabe. Ele é alguém que lê os textos que você pede, responde às questões e não muito mais do que isto.*

*Eu acho **pouquíssima, pouquíssima**. Eu acho que **algumas coisas se assemelham**. Tipo assim, por exemplo: **Eu não tenho convicção de que o meu aluno aprende de verdade, eu tenho determinados parâmetros tanto presencialmente quanto virtualmente**. Mas virtualmente eu tenho menos ainda, eles têm o recurso de fazer uma prova presencial. Mas eu acho que, no debate, o aluno pode participar do debate ou não participar, ele pode entrar, mas isso não é um quesito do funcionamento do curso. E **presencialmente** você pega mais o aluno, **você consegue compreender mais a pessoa que ele é, o nível de aprendizado que ele tem**. Eu acho que a **distância é uma perda humana** muito grande. **Agora ela tem vantagens, por exemplo, esse meu aluno que mora próximo à floresta amazônica, mas pode fazer o curso em Belo Horizonte**.*

Para a mesma pergunta realizada para P2, vejamos a resposta de P1:

Excerto 8
Entrevista P1

*Em minha opinião, a EAD se **assemelha à educação presencial no que tange o princípio que rege a educação, de um modo geral, seja ela virtual ou presencial**. Trata-se da relação ensino/aprendizagem subjacente a todas as modalidades de educação. No entanto, **as formas de se alcançar esse objetivo vão se diferenciar um pouco, em função da mediação tecnológica, que irá influenciar diretamente a elaboração do material didático, bem como as formas de interação professor/aluno, tutor/aluno**.*

A principal diferença entre as duas modalidades, a meu ver, é que a EAD conta com uma flexibilidade de horários que seria impossível presencialmente, ou seja, o aluno pode fazer seu próprio horário para se dedicar às disciplinas, podendo trabalhar de madrugada, nos finais de semana, sem ter que sair de casa para assistir às aulas. Isso é um grande atrativo, principalmente para os alunos que precisam trabalhar em horário integral ou que precisam viajar constantemente. Porém, essa “vantagem” pode se tornar uma “desvantagem” se o aluno não for disciplinado e organizado, visto que ele deverá gerir essa autonomia de forma consciente.

Analisando as respostas, vemos que ambas as professoras concordam que existem diferenças entre os dois tipos de educação e é exatamente através do modo como elas marcam essas diferenças que podemos flagrar as representações sociais que parecem orientar a percepção que revelam.

No segmento enunciativo de P2 *completamente diferente*. E, ainda, *Você não sabe nada do aluno, nada, nada, nada. Você não percebe o aluno como ser humano, eu acho sabe. Ele é alguém que lê os textos que você pede, responde às questões e não muito mais do que isto.*, fica claro que, além de não encontrar semelhanças entre a EAD e o ensino presencial, a professora ainda não aceita, de fato, a EAD, pois ela mostra-se relutante com relação a esse novo formato de educação. Observemos, também, que P2 demonstra acreditar que as condições de funcionamento da EAD impedem, inclusive, a mensuração adequada da aprendizagem: *Eu não tenho convicção de que o meu aluno aprende de verdade, eu tenho determinados parâmetros tanto presencialmente quanto virtualmente. Mas virtualmente eu tenho menos ainda, (...) presencialmente você pega mais o aluno, você consegue compreender mais a pessoa*. Aqui, fica ainda mais clara a convicção que P2 tem das diferenças entre a EAD e o ensino presencial, marcando fortemente a importância do face a face para a percepção do aluno e do aprendizado.

Já P1 constrói suas respostas procurando marcar, positivamente, a flexibilidade de horários da EAD, o que, na verdade, é uma grande vantagem para muitos alunos, especialmente aqueles que possuem dificuldade geográfica ou mesmo profissional. Para P1, os dois formatos se assemelham no que tange aos objetivos. O discurso de P1 procura destacar a simetria entre os dois tipos de ensino, dando à tecnologia apenas o “lugar” de meio. Seu foco, portanto, é a finalidade da educação: *No entanto, as formas de se alcançar esse objetivo não se diferenciar*

um pouco, em função da **mediação tecnológica**, que irá influenciar diretamente a **elaboração do material didático**, bem como as **formas de interação** professor/aluno, tutor/aluno.

Vejamos, então, na Tabela 4.1, a seguir, de forma sinóptica, os pontos de vista das professoras P1 e P2 para a EAD, tendo em vista seus traços positivos e negativos.

QUADRO 4.1
Ensino a distância x Ensino presencial

Ensino a Distância		Ensino Presencial	
Positivo	Negativo	Positivo	Negativo
Flexibilidade de horários (P1)			Rigidez de horários (P1)
	Ausência do contato face a face (P2)	Contato face a face (P2)	
	Distância como perda humana (P2)	Maior apreensão do ser humano (P2)	
Possibilidade de fazer curso em outro estado (P1)			Impossibilidade de fazer curso em outro estado (P1)
Mediação e interação tecnológica (P1)		Mediação e interação face a face (P2)	

Nas entrevistas também foi tematizada a aula *chat* e sua inserção na disciplina. Conforme nos foi informado pelas professoras P1 e P2, para que a aula *chat* aconteça com sucesso, um horário de encontro é agendado entre os interactantes e divulgado para que todos possam acessar o sistema e participar da aula. No caso da disciplina em foco, vimos que a participação na aula *chat* não é avaliativa, uma vez que a instituição de ensino responsável pela disciplina parte do princípio de que, se o aluno opta por fazer um curso a distância, ele não pode ser obrigado a estar naquele dia e horário em um local que lhe dê acesso a um computador.

Tais aulas são os poucos momentos *on-line* entre os interactantes e, conforme foi respondido pelas professoras no questionário, na maioria das vezes, acontece para tirar dúvidas que

surgem à medida que a matéria é lançada, geralmente ao final de uma unidade ou mesmo antes de uma prova presencial para tirar dúvidas.

O formato das aulas *chat*, a preparação das professoras para esse evento, bem como a participação dos alunos vão nos mostrar que as características construídas pela participação dos interactantes nesse espaço vão definir traços das representações, ideias e valores que vão estruturar o evento.

Vejamos o que dizem as professoras P1 e P2 entrevistadas, questionadas a respeito da comparação entre a aula *chat* e a aula presencial, e observemos como elas revelam seu agir durante as aulas e quais são as características próprias de cada modalidade de ensino que podemos perceber em suas falas.

Os excertos a seguir reportam-se às seguintes perguntas: (i) *Como se insere o encontro on-line nas atividades da disciplina Produção e Compreensão de Texto? Em outras palavras, o que seria esse encontro, para que serve, como funciona? Para os encontros há definição de alguma tarefa ou orientação anterior para os alunos? Qual?* e (ii) *Para o encontro on-line existe algum tipo de preparação pelo professor, à semelhança do que ocorre na preparação de uma aula presencial? Você já traz algum material, pressupondo o questionamento dos alunos?*

Excerto 9
Entrevista P1

Os encontros aconteciam sempre ao final de uma unidade de estudos ou antes de alguma prova presencial, como forma de revisar conteúdos e tirar dúvidas. Os encontros eram também uma excelente maneira de aproximar tutoras, alunos e professora, pois a conversa ganhava um tom mais informal do que o apresentado nos correios e nos fóruns.

Era muito comum preparar alguns tópicos com antecedência para viabilizar a orientação no encontro on-line, que durava em torno de uma hora. Em geral, eu selecionava as dúvidas mais frequentes apresentadas pelos alunos no correio acadêmico e formulava algumas orientações em cima disso. Assim, quando a dúvida surgia no encontro on-line, eu já tinha uma “resposta” previamente elaborada em um arquivo de Word. É claro que, como acontece presencialmente, não é

possível prever tudo...mas, com a ajuda das tutoras, todos recebiam respostas para as dúvidas apresentadas.

Excerto 10
Entrevista P2

*No meu caso, o encontro on-line serve para eu **costurar a matéria dada**, os textos que eles leram. Primeiro eu **quero saber se eles têm alguma dificuldade**, se estão passando por algum problema, **isso é geralmente o que eu pergunto primeiro**. Mas é para eu costurar os conhecimentos que foram passados a eles pelos textos. **De antemão eu falo com eles quais são os textos que irão para o encontro on-line**, foram os textos lidos de tal período a tal período, por exemplo. Aí eles vão pra lá com dúvidas e perguntas. **Como eu já sei, como professora, que nem sempre eles leram os textos e nem sempre eles têm perguntas eu levo um material**, como eu levei dessa vez. Por exemplo, piadas, uma peça publicitária. Levo um objeto de análise compatível com os textos que eles leram, aí eu consigo movimentar bem a aula.*

*Eu trago material, como eu disse, **mas eu preparo melhor as minhas aulas presenciais**. Primeiro, porque nas minhas aulas presenciais fazem parte os textos teóricos os quais eu trabalho. Então **eu levo para minha aula presencial, os textos teóricos, o texto literário, é o todo um corpus mais consistente para aquelas aulas**. Enquanto que, **nos encontros on-line, eu vou tirar as dúvidas daquilo que eles já leram, eu vou costurar aquilo que já foi feito**.*

A análise dos excertos trazidos nos permite afirmar que P1 e P2 atribuem, de modo geral, funções semelhantes ao *chat*. Ambas o vê como oportunidade de esclarecimento e sistematização da matéria, além de ser uma atividade que pressupõe, ao professor, algum tipo de elaboração prévia. Esse último aspecto, aliás, é ponto de convergência entre o gênero aula presencial e o *chat* educacional.

Ambas as professoras se dedicam à preparação de material para o *chat*, cada uma de acordo com a representação que tem do evento. P1 parece se pautar na função orientadora que ela deve assumir no evento. Levando em conta, ainda, as contingências geradas pela tecnologia, não há muito tempo para elaborar, no curso do *chat*, todas as respostas para as dúvidas dos alunos (*Em geral, eu selecionava as dúvidas mais frequentes apresentadas pelos alunos no correio acadêmico e formulava algumas orientações em cima disso. Assim, quando a dúvida surgia no encontro online, eu já tinha uma “resposta” previamente elaborada em um*

arquivo de Word). Assim, a professora não gasta muito tempo do *chat* digitando, o que indicia uma representação de que o *chat* deve ser ágil.

Na resposta de P2, observamos, de um lado, que sua preparação leva em conta determinadas representações sobre os alunos construídas em sua experiência com aulas presenciais (*Como eu já sei, como professora, que nem sempre eles leram os textos e nem sempre eles têm perguntas eu levo um material, como eu levei dessa vez*). De outro lado, também revela sua representação de que o evento em questão demanda ao professor o papel de condutor, de responsável pela interação, o que também indica a percepção de que o *chat* educacional não é um *chat* comum, em que há a simetria dos participantes.

Curiosamente, P2, apesar de demonstrar, como já discutido anteriormente, que sente falta da proximidade com o aluno na EAD, não valoriza o *chat* como um momento importante de interação e aproximação do grupo, tal como formula P1 (*Os encontros eram também uma excelente maneira de aproximar tutoras, alunos e professora, pois a conversa ganhava um tom mais informal do que o apresentado nos correios e nos fóruns*). O discurso de P2 confirma, assim, nossa leitura de que essa professora ancora sua experiência de EAD nas práticas de ensino/aprendizagem presenciais de que participou. Nessa medida, não encara a presença *on-line* da professora, tutoras e alunos como presença, de fato.

Embora se possa ver um conjunto de pontos comuns entre a aula presencial e o *chat* educacional, percebemos também que o *chat* possui outro enfoque. Não se trata de uma aula teórica, uma vez que a parte teórica foi passada aos alunos com antecedência em outro recurso de interação *off-line* da instituição. P2, inclusive, indica atribuir menos valor à preparação que faz para o *chat* educacional, em comparação com aquela realizada para as aulas presenciais (*Eu trago material, como eu disse, mas eu preparo melhor as minhas aulas presenciais. Primeiro, porque nas minhas aulas presenciais fazem parte os textos teóricos os quais eu trabalho. Então eu levo para minha aula presencial, os textos teóricos, o texto literário, é o todo um corpus mais consistente para aquelas aulas. Enquanto que, nos encontros on-line, eu vou tirar as dúvidas daquilo que eles já leram, eu vou costurar aquilo que já foi feito*).

4.4 A visão das tutoras nas entrevistas

Partimos, então, para flagrar as representações sociais das tutoras (T1 e T2) sobre a EAD e o *chat* educacional, com base nos dados obtidos com a realização das entrevistas¹². O objetivo da análise das respostas ao questionário é o de encontrarmos as marcas regulares em seus discursos e daí podermos compreender as representações sociais subjacentes ao modo como as tutoras em questão se posicionam quanto à interação na EAD.

Partiremos inicialmente de uma breve descrição do perfil das duas tutoras no que se refere a suas experiências com a EAD, baseando-nos nas respostas às duas perguntas iniciais do questionário: (i) *Fale sobre sua experiência na EAD, quando começou e de quais cursos participou* e (ii) *Como é sua experiência com a tecnologia digital fora do espaço da instituição de ensino? No seu dia a dia, você participa de chat e MSN, por exemplo?*

Tanto T1 quanto T2 possuem experiências com ferramentas que proporcionam interação a distância, mesmo fora do ambiente da instituição de ensino. Suas experiências com a EAD se iniciaram com a entrada na instituição de ensino em questão, que ofereceram curso de formação às tutoras:

Excerto 11
Entrevista T 1

No meu dia a dia, além do ambiente de trabalho, estou sempre conectada a algumas tecnologias digitais. Por exemplo, em casa, faço uso do MSN .

Excerto 12
Entrevista T2

Acesso a internet na instituição de ensino e em casa. Fora do ambiente da instituição, somente acesso a internet para pesquisas e e-mails. Não sou frequentadora de chat e MSN.

¹² O roteiro referente à entrevista realizada com T1 e T2 está disponível no anexo F. As respostas ao questionário de ambas as tutoras disponível nos anexos J e K, respectivamente.

A partir dos dizeres das tutoras, poderemos afirmar que ambas não possuem restrição quanto ao uso das ferramentas de interação a distância e já possuem familiaridade com elas. T1, porém, mostra-se mais habituada a práticas sociais com a tecnologia digital, em comparação com T2.

Nas respostas, tanto das tutoras quanto das professoras, percebemos a importância da figura do tutor na EAD, auxiliando a professora ao longo do curso. As tutoras são figuras com quem os alunos têm maior contato; participantes ativas de todas as ferramentas interativas, as tutoras mostram grande conhecimento sobre o funcionamento da EAD. Ressaltamos que as tutoras são pessoas com graduação na área da disciplina, que também se preparam para atender aos questionamentos dos alunos, juntamente com a professora, durante os encontros *on-line*.

Apresentamos, a seguir, uma das respostas dadas pelas tutoras, ao questionário, no que se refere aos encontros *on-line*, relativamente à seguinte pergunta: *Como se insere o encontro on-line nas atividades da disciplina Produção e Compreensão de Texto? Em outras palavras, o que seria esse encontro, para que serve, como funciona? Há definição de alguma tarefa ou orientação anterior para os alunos? Quais?*

Excerto 13
Entrevista T1

O Encontro on-line não tem um modelo rígido a ser seguido. O professor tem a liberdade de escolher a melhor forma de conduzir a reunião. Pode propor questões para os alunos resolverem, pode tirar dúvidas dos alunos sobre a matéria dada, pode elaborar uma aula 'explicativa/expositiva'. O que não pode deixar de ser feito é o professor deixar, de fato, de conduzir o encontro. Porque, do contrário, os alunos começam a conversar, a se dispersarem... e assim, não temos uma 'boa aula'.

Excerto 14
Entrevista T2

Os encontros on-line estão agendados no cronograma da disciplina para todo o semestre letivo. Em tempo real, os alunos tiram suas dúvidas de conteúdos para provas presenciais e também das atividades em andamento naquele momento.

Analisando os segmentos enunciativos, percebemos a representação social que as tutoras têm da figura do professor no *chat* educacional. Isso é facilmente percebido quando T1 diz que o professor tem a liberdade de escolher a melhor forma de conduzir a reunião, de onde podemos concluir que, para a EAD, assim como no ensino presencial, a “sala de aula” é gestão do professor. Ainda no trecho *não pode deixar de ser feito é o professor deixar, de fato, de conduzir o encontro*, vemos, mais uma vez, a ideia da hierarquia, pois apenas a figura do professor guia os encontros *on-line*.

Precisamos, também, ater-nos à visão que as tutoras possuem de suas participações nos *chats*. Vejamos isso a partir da próxima questão: *Como é a participação das tutoras nos encontros on-line?*

Excerto 15
Entrevista T1

Trabalho dando suporte ao professor e aos alunos. O encontro é sempre conduzido pelo professor. Quando ele solicita a minha presença no dia do encontro, ajudo-o tirando alguma dúvida de alunos sobre questões como local e horário de provas, como ‘navegar no sistema’, ‘como funciona o ‘Encontro on-line’... Dúvidas sobre o conteúdo das Unidades de ensino, enfim tudo o que o professor solicitar e permitir.

Excerto 16
Entrevista T2

A tutora auxilia o/a professora nas respostas aos alunos.

Mais uma vez, os dados nos mostram como as tutoras compreendem sua atuação num quadro de desenho hierárquico. Na fala de T1, essa posição aparece de forma mais marcada do que na de T2, na medida em que esta define sua ação em relação ao que “solicita” e “permite” o professor. Fica claro que os encontros são sempre conduzidos pelo professor e não pelas tutoras.

Vejamos, a seguir, o que as tutoras deixam transparecer em suas respostas, quando questionadas a respeito da interação no ambiente da EAD nas seguintes perguntas: *No encontro on-line, os alunos interagem entre si ou somente com a professora e com a tutora? Se há interação, ela pode ser classificada como uma conversa paralela ou colaborativa?*As

questões levantadas pelos alunos são respondidas apenas pela professora, pelas tutoras ou há, também, colaboração entre alunos?

Excerto 17
Entrevista T1

[...]nos diz que “Alguns alunos participam ativamente do encontro. Às vezes, costumam conversar colaborativamente e, às vezes paralelamente. Como em uma sala de aula presencial. No entanto, o professor sempre solicita que todos os alunos se foquem na ‘aula’, no que é proposto para o dia do Encontro” e ainda que “Muitas vezes os próprios alunos se ajudam. Não tem regra. Claro que todos os alunos desejam que tutores e professores respondam às suas dúvidas. No entanto, é muito comum os próprios alunos tirarem dúvidas de outros colegas, isso acontece muito naturalmente no Encontro.

Podemos dizer que as características de uma aula presencial são destacadas pela tutora como características da EAD. Ou seja, os participantes da EAD já possuem um conceito de educação cristalizado pelas experiências concretas de uma sala de aula presencial. Estando no núcleo central, essa experiência serve como âncora para o sentido que constrói dessa nova prática. Um exemplo claro disso pode ser visto no excerto 17, quando T1 afirma que *Alguns alunos participam ativamente do encontro. Às vezes, costumam conversar colaborativamente e, às vezes, paralelamente. Como em uma sala de aula presencial.*

No que se refere a outro tópico, como, por exemplo, o “silêncio” no funcionamento do *chat*, o que acontece com a falta de participação dos alunos no evento, obtivemos as seguintes respostas, relativas à pergunta que se segue: *Quando ocorre o silêncio no espaço on-line ou há demora na resposta/manifestação do aluno, isso a incomoda? O que passa pela sua cabeça nesse momento? Como você reage a isso?*

Excerto 18
Entrevista T1

O silêncio me incomoda e também me diz muita coisa: penso que o Encontro está ruim para o aluno, penso que não estudaram para esse momento conosco, penso que já está ‘satisfeito’, penso que estão/são passivos, penso que está aguardando encontrar respostas prontas, penso que só está ali para ‘marcarem presença’, ou que estão em silêncio porque estão acompanhando a aula. Quando o silêncio ocorre, é o momento de o professor provocar, perguntar coisas, lançar questionamentos, para que os alunos reajam.

Excerto 19
Entrevista T2

Isso raramente acontece. Mas se acontecer procuramos conversar com os que estão on-line fazendo-lhe perguntas sobre o assunto que foi agendado previamente.

Com base nessas respostas, e tendo em vista aquilo que nos revelaram os dados das professoras (P1 e P2) já analisados, podemos afirmar que o silêncio tem um significado relevante no evento, que pode ser tomado como distinto do que se pode atribuir, convencionalmente, quando ocorre em uma aula presencial. Para as tutoras, o silêncio pode representar uma insatisfação do aluno, vergonha de participar ou ainda falta de preparo no assunto para interagir com os demais a respeito do assunto determinado para o encontro. Isso significa que a participação do aluno é vista, no *chat* educacional, como necessária, imperativa. Diante do silêncio, as tutoras se veem na obrigação de quebrar o silêncio, procurando estimular a participação do aluno.

Analisando as respostas das tutoras, podemos concluir que as principais características e atribuições dos tutores são o apoio didático, solucionando dúvidas, identificando problemas, despertando os alunos “adormecidos”. Acreditamos que o tutor, que também possui habilitação na área da disciplina, já possui uma prévia representação social da figura do professor, e se apoia nessas representações para executar suas tarefas de orientar os alunos em seus estudos, esclarece dúvidas e também explica questões sobre o conteúdo da disciplina.

Acreditamos, portanto, que podemos entender a figura do tutor como um mediador na aprendizagem, atuando no atendimento ao aluno de forma ágil e competente, estimulando e mantendo-o interessado no conteúdo. Segundo indicam os dados, a demora no atendimento poderia provocar a falta de interesse e desestímulo do aprendiz; logo, podemos entender a importância da presença do tutor nos cursos de EAD e a importância de sua figura para atender a expectativa do aluno, segundo as representações que o mesmo já possui de ensino, de ter uma pessoa que o apoie e esclareça suas dúvidas. Contudo não podemos deixar de ressaltar a situação em que todos se encontram. A distância entre participantes do evento - além da tecnologia, que, para muitos, pode ser um problema - pode gerar algumas situações bastante diversas de uma sala de aula presencial.

4.5 A visão dos alunos nas entrevistas

O último passo da pesquisa foi preparar um novo questionário¹³ dirigido aos alunos da EAD, apenas aos alunos que participaram do 4º *chat*, em razão de este ter ocorrido mais proximamente à data da aplicação do questionário. Assim como aconteceu com as tutoras, o questionário aos alunos também foi enviado por *e-mail* e respondido por eles, no mesmo formato. Dos seis alunos participantes da referida aula *chat*, cinco responderam¹⁴ às questões formuladas, que versavam sobre suas experiências com a EAD, com a tecnologia e sobre a visão que possuem sobre as formas de interação virtual.

Cumpramos esclarecer, ainda, que os cinco alunos participantes são, neste trabalho, identificados por A1, A2, A3, A4 e A5.

Assim como foi feito com os professores e com as tutoras, traçaremos uma breve análise do perfil dos alunos com relação a suas experiências com a EAD. Para isso nos basearemos nas respostas às duas perguntas iniciais do questionário: (i) *Conte sobre sua experiência na EAD, quando começou e de quais cursos participou e (ii) Como é sua experiência com a tecnologia digital fora do espaço da instituição de ensino? No seu dia a dia, você participa de chat e MSN, por exemplo? Com qual frequência?*

Observando os dados das entrevistas e nos apoiando nas pistas linguísticas deixadas pelos cinco entrevistados, percebemos que o grupo de alunos possui experiências diferentes com a EAD, bem como com a tecnologia. Alguns se mostram mais “íntimos” da tecnologia de interação a distância e outros se mostram mais tradicionais; relatam que o principal fator de fazer um curso a distância é a flexibilidade de horário e espaço físico, o que atende à necessidade de muitos profissionais.

Vejam, a seguir, trechos da entrevista com os alunos para a pergunta *Conte sobre sua experiência na EAD, quando começou e de quais cursos participou.*

¹³ Roteiro da entrevista realizada com os alunos disponível no anexo G.

¹⁴ As respostas dos cinco alunos entrevistados estão disponíveis nos anexos L, M, N, O e P.

Excerto 20
Entrevista A3

Minha primeira experiência com a educação a distância foi nessa instituição de ensino Virtual.

Excerto 21
Entrevista A4

Minha primeira experiência foi em um treinamento oferecido pelo meu trabalho.

Excerto 22
Entrevista A2

Minha experiência na EAD aconteceu por brincadeira com minha filha...este é meu primeiro curso a distância, sempre sonhei em fazer faculdade, mas devido às dificuldades encontradas pela vida, ficou sempre para depois.

Vemos que cada aluno, para falar de suas experiências iniciais, se apoia em fatos diferentes. A3 se apoia na própria instituição que oferece o curso de graduação em EAD no qual se matriculou. A4 teve sua primeira experiência marcada por um treinamento no local de trabalho e A2, diferentemente dos citados anteriormente, iniciou-se na EAD no ambiente familiar. Acreditamos poder afirmar que o universo heterogêneo dos alunos também nos apresentará representações heterogêneas da experiência vivenciada.

Voltando a atenção à segunda pergunta (*Como é sua experiência com a tecnologia digital fora do espaço da instituição de ensino? No seu dia a dia, você participa de chat e MSN, por exemplo? Com qual frequência?*), como estamos tratando de um grupo heterogêneo, também as respostas seguiram a mesma linha. Identificamos alunos que relatam manter alto contato com a tecnologia digital; outros que se caracterizam por admitirem possuir uma experiência razoável fora do espaço da instituição de ensino, mas nunca tendo participado de fóruns digitais, apenas de envio e recebimento *e-mails*. E, por fim, uma outra opinião apresentada, apenas pelo aluno A4, que diz nunca ter participado nem mesmo se interessado pela interação em ambiente virtual, mas que, na instituição de ensino, se viu obrigado a participar.

Excerto 23
Entrevista A2

Nessa era de informática é difícil não encontrar alguém que já tenha sido apresentado ao computador.

Excerto 24
Entrevista A1

Nunca participei de fóruns digitais, apenas utilizo o e-mail, tanto institucional como pessoal.

Excerto 25
Entrevista A4

Nunca me interessei por interação em ambiente virtual, eu diria mesmo que fui obrigado, pois em todos os ambientes de EAD existem tarefas como reuniões on-line.

Há alunos que já estão familiarizados com as ferramentas que proporcionam interação a distância, mesmo fora do ambiente da instituição de ensino, como também há aquele que nunca havia se interessado e, na instituição de ensino em foco, se viu obrigado a utilizá-las.

Podemos afirmar que cada aluno, ao ingressar em uma instituição de EAD, já possui conhecimentos cristalizados que irão ajudá-lo ou não, dependendo de como for a ideia de interação que o aluno cristalizou no núcleo central de suas representações. Se tomarmos como exemplo as respostas de A4, por exemplo, este aluno já conhecia o ambiente de interação virtual antes mesmo de ingressar no curso em foco, uma vez que relata ter realizado sua primeira experiência em um treinamento oferecido pela empresa. Entretanto, na segunda questão, esse mesmo aluno, A4, afirma nunca ter se interessado pelo ambiente virtual, sentindo-se no atual curso obrigado a frequentar tais ambientes de interação.

Podemos perceber que A4 traz consigo a cristalização de determinada escola, certamente a partir de suas experiências escolares anteriores, em que compete à escola obrigar e somente cabe ao aluno obedecer. O aluno não parece ver uma função clara para a interação em ambiente virtual no curso em que está engajado. Essas representações que os alunos trazem podem gerar dificuldades de familiaridade, de se entregar ao espaço virtual, de se permitir interagir com o outro, em um formato a distância.

Em sua primeira resposta, A2 nos relata o fato de que sua primeira experiência na EAD foi com sua filha, que havia iniciado um curso de graduação a distância, e, ainda, que essa foi a

forma que ela encontrou de realizar seu sonho de ter um curso superior, o que o formato a distância facilitaria, por não haver a exigência de horário nem de espaço geográfico. Na segunda questão, A2 se julga uma pessoa com alto contato com a tecnologia digital, estando sempre conectada. Isso indicia sua representação do contato com a tecnologia como um valor, algo que retorna positivamente para ela.

Há ainda outra questão que merece nosso olhar: *Como você percebe os encontros on-line (os chats)? Em outras palavras, o que seria esse encontro, como você se sente (a vontade, tímido, pertencente a um grupo), para que servem e como funcionam?*

Para essa questão, encontramos uma variedade maior de respostas. Seleccionamos quatro respostas de diferentes alunos. Vejamos os excertos seleccionados para análise.

Excerto 26
Entrevista A1

A1: É uma forma interessante de participação, sinto que nesse momento estou em uma sala de aula.

Excerto 27
Entrevista A2

Nos encontros on-line é onde você tem a oportunidade de interagir com os professores, tutores e colegas. Eu me sinto a vontade.

Excerto 28
Entrevista A5

(...) eu me sinto tímida ao participar dos encontros on-line. É uma forma de esclarecer dúvidas com os professores/tutores(...).

Excerto 29
Entrevista A3

Percebo que a ideia inicial de um chat é criar um sentimento de pertencer a um grupo (...) Infelizmente, os chats são confusos, pois são muitos usuários falando (teclando) ao mesmo tempo, dificultando o entendimento.

Essa é mais uma questão em que os alunos da EAD mostram suas representações trazidas de uma sala de aula presencial, que é a de maior experiência. Os mais familiarizados com as ferramentas conseguem se sentir à vontade. Quando A1 diz *trata-se de uma forma interessante de participação, como se estivesse em uma sala de aula*, podemos, aqui, afirmar que a comparação feita não focaliza a distância física, espacial, e, sim, a natureza dos processos interacionais em questão. Assim, o que ele conhece é o tipo de evento, ou seja, o tipo de interação, e, exatamente por isso, sente-se à vontade. Devemos considerar, ainda, a suposta familiaridade do aluno com as ferramentas da EAD.

Vemos ainda outro aluno (A2) que diz se sentir à vontade; A5 se sente tímido; A3 e A4 se sentem confusos: *são muitos usuários falando (teclando) ao mesmo tempo, dificultando o entendimento*.

Ao que indicam os dados, A3 e A4 parecem se colocar numa posição de “escuta” semelhante àquela de muitas salas de aula presenciais; nessa medida, a representação que constroem da experiência com o *chat* educacional é resultante desse modelo de participação, o que faz com que eles, não se engajem como participantes ativos, que constroem o evento, vejam-se “perdidos” no acompanhamento das intervenções.

Quanto a A5, vemos que esse mesmo aluno que se diz tímido é o que declara que não tinha muito interesse na EAD e que se sentia obrigado a participar das interações. Ora, essa timidez não seria um reflexo da representação que possui da EAD, fortemente ancorada num modelo de interação presencial? Em outra questão, essa mesma aluna escreve: *não me sinto integrante de uma comunidade com a mesma intensidade que seria presencialmente. Para mim, ainda há certa distância. No encontro presencial há maior interação entre alunos e professores*. Para A5, a ideia de pertencimento a uma comunidade parece ser importante para a representação positiva da experiência em questão.

Analisando as respostas dadas a essas e às demais questões, podemos perceber como os alunos se ancoram na experiência de ensino presencial para positivar ou apontar problemas para EAD.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que culminou com este trabalho iniciou-se na busca da compreensão de aspectos relativos à interação na educação a distância (EAD). Acreditamos que a interação na EAD merece nosso olhar mais atento, pois observar sua dinâmica, entender a relação entre a tecnologia e os eventos de interação que ocorrem na EAD, conhecer a percepção dos que dela participam, tudo isso pode nos guiar a um mar de descobertas muito relevantes para o campo da linguística e da educação.

Acreditamos que os movimentos percebidos na EAD podem nos apresentar a uma nova e tão eficaz forma de interação quanto a face a face, porém com características peculiares que a tecnologia instalou em nossa sociedade. Defendemos que é tão importante conhecer tais características quanto compreender o modo como os sujeitos envolvidos na EAD – professores, tutores e alunos – representam os modos de interação que são por ela possibilitados.

A partir dessas considerações é que nos lançamos, neste trabalho, a analisar as particularidades do *chat* educacional, visando compreender a interação professor/aluno/tutor no âmbito das ações didáticas e discursivas que acontecem nesse novo formato de ensino/aprendizagem. Ao lado desse primeiro movimento de análise, buscamos descrever e analisar as representações de alunos, tutores e professores de determinada disciplina em curso de graduação a distância, especificamente com relação à participação em *chats* educacionais.

Tendo em vista tais objetivos, o *corpus* que serviu a este trabalho desdobrou-se em duas partes: quatro *chats* educacionais, de uma mesma disciplina de curso de graduação a distância, em dois semestres diferentes, registrados no sistema da instituição de ensino promotora do curso; entrevistas realizadas com as professoras da disciplina (uma para cada semestre letivo), tutoras e alunos.

Operando com contribuições advindas do modelo teórico de análise da aula presencial (MATENCIO, 2001), procuramos enxergar como ocorre a interação no *chat* educacional, com

base no pressuposto de que o *chat* educacional possui muitas características que podem colocá-lo num quadro de equivalência com a aula, tal como a conhecemos no modelo presencial. Assim, apoiando-nos em estudo que teve como foco a interação em sala de aula presencial, traçamos comparações com a EAD, o que nos permitiu ver no *chat* educacional muitas das características de uma sala de aula.

No decorrer das análises dos *chats* registrados, pudemos perceber que a tarefa do professor na EAD é tão complexa quanto o é no ensino presencial. Nesse tipo de atividade, o professor também vai se deparar com situações inesperadas, nas quais, entretanto, prevalece a sua autonomia; este pode, de modo geral, definir sua ação como julgar mais adequado.

Vimos que processos da EAD se equiparam aos processos da educação presencial, tais como a interatividade, a interpessoalidade e a intencionalidade. Constatamos, ainda, que a EAD está ancorada em uma instituição que garante a ela a rigidez encontrada no ensino presencial, relativamente, por exemplo, aos prazos, aos expedientes de avaliação etc.

Outro aspecto semelhante encontrado são as posições que o professor ocupa em sala de aula e também o desenvolvimento do próprio evento. Assim, tanto no ensino presencial quanto na EAD o professor vai interagir com os alunos ocupando as posições de animador, informador e avaliador, e, ainda, em ambas as situações de ensino haverá as mesmas etapas da aula: abertura, desenvolvimento e conclusão.

A hierarquia também é um fator que merece ser citado. É possível percebermos, tanto nas intervenções dos alunos, quanto na postura que as tutoras adotam no decorrer do *chat*, que o papel do professor como a figura responsável pela condução da aula é mantido.

Apontar tais semelhanças entre o *chat* educacional e a aula presencial não significa, porém, desconsiderar que a tecnologia digital determine vários traços das interações que se processam por meio dela. Ao contrário, as análises realizadas nos mostraram, por exemplo, o quanto o “silêncio”, isto é, a ausência de intervenções incomoda no *chat* educacional, o que não se dá, necessariamente, na aula presencial.

Com relação às representações dos participantes dos *chats*, as quais buscamos flagrar nas entrevistas realizadas, vimos o quanto elas se constroem apoiadas na experiência com o ensino presencial.

Para as análises das representações sociais, operamos com contribuições advindas da Teoria das Representações Sociais, sobretudo através de Moscovici (2003), que nos permitiu ver as representações que nós fabricamos são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum ou novo.

Tendo em vista o resultado das análises das entrevistas, podemos dizer que as representações que os participantes do evento possuem do *chat* educacional advém, de modo geral, da experiência que estes já possuem da aula presencial. Por mais diversas que fossem as visões dos alunos, tutores e professores, manifestou-se recorrente uma ancoragem em práticas já conhecidas por esses sujeitos, tais como aquelas vividas no ensino presencial.

Os dois movimentos de análises realizadas na dissertação – relativamente aos *chats* e às entrevistas com as professoras, tutoras e alunos – permitiram-nos perceber a importância de se considerar os valores, as crenças e as imagens por parte desses sujeitos, na compreensão dos processos interacionais em atividades de educação a distância.

Sabemos que ainda existem muitas ressalvas com relação à EAD no Brasil, quase sempre fruto de um grande desconhecimento do campo. Por essa razão, julgamos importante o investimento em pesquisas como a que se descreveu neste trabalho. Assim, entendemos ser relevante projetar uma proposta de extensão e de especificação dos resultados encontrados, numa investigação posterior, na qual poderemos refletir sobre as formas de interação na EAD e a aprendizagem – fim maior de todo processo educacional, seja presencial, seja a distância.

REFERÊNCIAS

ABREU, Lília Santos. O *chat* educacional: o professor diante desse gênero emergente. In, DIONISIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ABRIC, J. C. *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2003. p. 60-61.

ALONSO, Kátia Morosov. *Educação a Distância no Brasil: a busca de identidade*. Disponível em: <<http://www.scribd.com/.../Katia-Morosov-Alonso-Ead-A-Busca-de-Identidade>> Acesso em: 13 de julho de 2009.

ARAÚJO, Jose Paulo de. *O que os aprendizes esperam dos professores na educação a distância on-line?* Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abed&infoid=135&sid=116>>. Acesso em: 10 de jul. de 2009.

ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Org.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ASSIS, Juliana Alves. *Explicitação/implicação no e-mail e na mensagem em secretária eletrônica: contribuições para o estudo das relações oralidade/escrita*. (Tese, Doutorado em Linguística). Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes. Tradução Paulo Bezerra, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochínov, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

BATISTA, Wagner Braga. *Educação a distância e o refinamento da exclusão social*. Disponível em : <<http://www.revistaconecta.com>>. Acesso em: Acesso em: 10 de jul. de 2009.

BRAGA, Denise Bértoli. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio;

XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CACIQUE, Aldemir. *O ensino presencial e via internet: uma experiência comparativa em educação a distancia*. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abed&infoid=138&sid=116>>. Acesso em: 10 de jul. de 2009.

CASTRO, Nivalde J. *O estudo a distância com apoio da internet*. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abed&infoid=137&sid=116>>. Acesso em: 15 de abr. de 2008.

CARNEIRO, Mara Lucia Fernandes; MARTINS, Ademir da Rosa; KELLER, Rodrigo dos S. *O suporte em educação a distância*. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abed&infoid=134&sid=116>>. Acesso em: 12 de abr. de 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, C. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. *Eléments de sémiolinguistique d'une théorie du langage à une analyse du discours*. connexions, n° 38, 1982.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

COSCARELLI, Carla Viana. *Oficina de leitura e produção de textos: livro do professor/Carla Viana Coscarelli, Daniela Mitre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CRYSTAL, David. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionário.asp?id=291>>. Acesso em: 10 de jun. de 2009.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989.

Fundação Joaquim Nabuco, *Educação a distância: ontem e hoje*. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servelet/newstorm.ns.presentation.navigationervlet?>>. Acesso em: Abril de 2008.

FRANCO. M.L.P.B. Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência. Programa de Estudos Pós-Graduados de Psicologia da Educação da PUC/SP. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abril. 2004. p. 169-186.

FRANCIOSI, Beatriz; ANDRADE, Adja; BEILER, Adriana. *Modelando ambientes de Aprendizagem a distancia baseado no uso de mídias integradas: um estudo de caso*. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abed&inford=143&sid=114>>. Acesso em: 5 de abr. de 2008.

FREIRE, Fernanda. *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003. Laboratório de ambientes virtuais de aprendizagem. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abed&inford=150&sid=113>>. Acesso em: 2 de abr. de 2008.

FRIEDMANN, Georges. *Estudos sobre a técnica*. São Paulo: Difel, 1968.

GERALDI, João Wanderley. Liguagem e ação. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *Psicopedagogia – Contextualização, formação e atuação profissional*. Artes Médicas, 1990, v., p. 19 – 25.

GOFFMAN, Irving. *La mise em scènce da la vie quotidienne. La présentation de soi*. Paris: Éditio de Minuit, 1973.

GRIZE J. B. Schématisation, representations et images. In: *Stratégies discursives*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1978.

HARASIM, L. On-Line Education: A New Domain. In: Mason, Robin and Kaye, Anthony (eds.) *Mindweave: Communication, Computers and Distance instruction*. Pergamon Press, Oxford, 1989. Disponível em: <<http://www-icdl.open.ac.uk/mindweave/mindweave.html>>. Acesso em: 10 de nov. de 2007.

HORTON, William. *Designing Web-Based Training*. New York. Wiley, 2000.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (Ed.). *Représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Da UERJ, 2001.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *A análise da conversação: princípios e métodos*, tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professor/alunos*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. *Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções*. Freiburg, Alemanha: Congresso de Romanística, 1987.

MARCHUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. in, MARCHUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCHUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: ACIR, Mario Karwoski; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher Brito (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARCHUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MCISAAC, M. S.; GUNAWARDENA C. N. Distance Education. In: Jonassen, ed. *Handbook of research for educational communications and technology: a project of the Association for Educational Communications and Technology*. 1996. New York: Simon & Schuster

Macmillan. Disponível em <<http://seamonkey.ed.asu.edu/~mcisaac/dechapter>>. Acesso em: nov. de 2007.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução: GUARESCHI, P. A. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, Serge. *La psychanalyse, son image et son public: étude sur la representation sociale de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

MOSCOVICI, Serge. *Social representations: explorations in social Psychology*. New York: New York University Press, 2001.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2001.

PIRES, Sueli. Discurso, interação e modularidade. In: MARI, H. *et alii. Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges; Núcleo de Análise do Discurso, 1999, p. 349-358.

PRETI, Dino. *Interação na fala e na escrita*: São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e de escrita*. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 125-150.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Os hipertextos que Cristo leu*. In: Júlio Rosa Araújo; Bernadete Biasi Rodrigues. (Org.). *Interação na Internet – Novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005,, p. 124 – 130.

RIBEIRO, Ana Elisa. Textos e hipertextos na sala de aula. In: Carla Viana Coscarelli. (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 85 – 91.

SABARIZ, Antonio; BARRETO, Paulo. *Migrando de aulas presenciais em um curso de Engenharia para educação virtual baseada na internet*. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abed&infpoid=144&sid=114>>. Acesso em: Abril de 2008.

SANTOS, Neide. Estado da Arte em Espaços Virtuais de Ensino e Aprendizagem. Rio de Janeiro, Laboratório de Engenharia de Software – PUC RIO, 1999. Disponível em:<<http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/nr4/070TU-santos.htm>>. Acesso em: 20 de Abril de 2007.

SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard. *Genres et types de discourse: considérations psychologiques et ontogénétiques*. In: REUTER, Y. (Ed.). *Les interactions lecture-écriture*. Berne: Peter Lang, 1994. p. 155 -173.

SILVA, M. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. Gênero discursivo e tipo textual. *Scripta*. v. 2, n. 4, 1999, p. 87-106.

SCHULTZ, D. *História da psicologia moderna*. Tradução: CABRAL. A. 5. ed. SP: Cultrix, 1992.

VIEIRA, Robson Paisante. *Interação: análise em programas de educação a distância*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, 2002.

VION, Robert. *La communication verbale. Analyse des interactions*. Hachette Supérieur. Paris. 1992

VYGOTSKY, lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ANEXO A – 1º Chat registrado

T1: A T2 tb deseja a vcs uma boa noite.

Al. (L.F.): BOA NOITE A TODOS

Al. (F.B.): Boa noite!

Al. (E.L.): Boa Noite

P1: Boa noite para todos vocês.

P1: E então, como estão se preparando para a prova presencial?

Al. (H.C.): sim

P1: Alguma dúvida mais pontual?

Al. (R.M.): Boa noite

Al. (A.L.): Boa Noite a todos.

Al. (R.S.): No resumo de um texto, é necessário, ao final, escrever algo sobre o autor?

P1: R.S. você está se referindo a uma pequena biografia?

Al. (R.S.): Talvez nem isso, mas apenas uma espécie de perfil, como foi feito no exemplo do texto do Leonardo Boff.

Al. (V.M.): Boa noite

Al. (W.F.): boa noite

P1: E com relação à atividade 2, alguma dificuldade?

Al. (V.M.): Na atividade 02 tenho que colocar o título?

Al. (R.S.): É exatamente sobre ela a minha dúvida. Deveríamos escrever alguma coisa sobre o autor do texto, um pequeno perfil?

Al. (M.C.): Bom, professora, eu achei o texto da atividade 2 muito complicado, conforme lhe disse pelo correio acadêmico...

Al. (H.C.): qual a data limite para mandar a atividade 2 para revisão?

P1: R.S. o texto do Frei Betto é um artigo de opinião, por isso, ao final, aparece aquele pequeno perfil. No caso do resumo, isso não é necessário.

Al. (V.M.): até amanhã

Al. (R.M.): Gostaria de saber se posso colocar tópicos no resumo da 2 atividade

Al. (M.C.): Me parece que, para o bom entendimento do texto, é necessário conhecimento prévio de vários conceitos citados... E, se não há compreensão do texto, fica difícil resumí-lo.

P1: Oi M.C., que bom que você veio. Estava mesmo esperando você. Preparei uma resposta especial ok.

P1: E vale para todo mundo. Lá vai:

P1: O resumo do texto “Função Social do Contabilista” deve ser elaborado a partir do posicionamento do autor com relação a essa função, ou seja, o que importa é como o autor vê a função do contabilista. Em outras palavras, o seu resumo deve responder: em que consiste a função social do contabilista, para o autor do texto-base? Note que as palavras-chaves, isto é, aquelas em torno das quais o texto se constitui, estão ligadas a palavras cujo significado se relaciona ao campo social, em detrimento do numérico. A exemplo disso, posso citar as palavras “prosperidade”, “ética”, “aplicação humanística”, “campo social”, “célula social”, etc.

Assim, o autor parece dar ênfase ao lado social da profissão e é isso que deve ser focalizado no resumo. Para entender melhor o texto, seria interessante pesquisar um pouco mais sobre os autores citados, principalmente no percurso histórico feito por Lopes de Sá. No entanto, por serem informações secundárias, creio que vocês não devem se preocupar tanto com elas na elaboração do resumo solicitado. Além disso, outros artigos no mesmo site podem esclarecer alguns pontos importante para a compreensão do texto-base a ser resumido.

Al. (E.L.): Para a prova deve-se estudar o material disponibilizado no centro de

recursos e o livro Resumos?

P1: R.M., o resumo não pode ser feito em tópicos, pois isso é uma característica do esquema,ok. Faça um texto mesmo.

P1: Helen, a revisão deve ser enviada até amanhã, às 23h.

Al. (M.C.): Exatamente , professora... Foi isso mesmo que lhe disse, que para preparar o resumo a partir do texto, eu estava me sentindo confortável, mas, o entendimento....

Al. (H.C.): ok, obrigada

Al. (M.C.): Mas então me sinto melhor sabendo que tenho que levar em consideração esses aspectos mesmo. Muito obrigada!

Al. (R.M.): ok,obrigada

Al. (R.C.): Mas, de modo geral, com relação à prova, como a matéria será abordada?

P1: M.C. , viu como não é tão difícil assim. O texto do Lopes de Sá traz um raciocínio muito bem encadeado. Por exemplo, ele começa falando de célula social, relacionando isso ao patrimônio de uma empresa e à função social do contabilista.

T1: M.C. , a matéria da prova será a Unid. 01 e a Unid. 02.

P1: A prova irá contemplar tanto a Unidade I quanto a II. Fiz uma questão para cada Unidade, sendo que você deverá atribuir verdadeiro ou falso para algumas questões e deverá também produzir um resumo

Al. (A.L.):Podemos estudar pelas apostilas disponibilizadas?

T1: Olá A.L.

Al. (F.B.): É necessário fazer as citações que o texto do Lopes de Sá faz no resumo?

P1: Boa noite, A.L. Obrigada por ter vindo....Bom, você deverá estudar todo o material disponibilizado no centro de recursos., ou seja, os textos complementares, as orientações de estudo e as atividades abertas.

Al. (M.C.): Sim, T1 , a matéria eu sei qual é, gostaria mesmo de saber como a matéria será abordada.

Al. (M.C.): Olá T1!

Al. (M.C.): Obrigada, Professora.

Al. (W.F.): -..

Al. (M.C.): Obrigada Professora!

Al. (W.F.): P1, minha duvida é a do F.B.

P1: Olá F.B., obrigada pela pergunta. Na verdade, você deverá fazer referência ao autor do texto-base ao longo de todo o resumo. O livro "resumo" traz alguns exercícios a respeito disso. Vale a pena conferir ok.

Al. (F.B.): Ok, obrigado

P1: A.L. E M.C. por nada, fico feliz em poder ajudá-las.

T1: A matéria, M.C. , será o gênero Resumo e Variação Lingüística, Concepção de Língua e Linguagem.

Al. (M.C.): sim, obrigada.

Al. (W.F.): Pela sua resposta ao F.B., eu usaria o termo "o autor menciona....

P1: Pessoal, para quem não enviou a atividade 2 para ser revisada, não deixem de enviá-la até amanhã, às 23 h,ok. É muito importante utilizar esse recurso, pois você tem a chance de progredir de forma assistida.

Al. (V.S.): eu mandei hoje mesmo professora

Al. (V.S.): espero que esteja certo

Al. (M.C.): Concordo com a W.F. , mesmo pq, o objetivo desse resumo é apresentá-lo em uma mesa redonda. Acho que é importante citar o nome do autor ao longo do resumo e fazer referências ao texto.

Al. (H.C.): a revisão e sempre uma semana antes da data da entrega final?

Al. (M.A.): Mas se no resumo são as próprias idéias do autor, não entram as minhas, não fica subentendido que são idéias do autor e não sendo necessário escrever o autor menciona?

P1: Olá W.F. Você poderá sim utilizar o termo "o autor menciona", mas dependendo de como o autor se coloca, você poderá utilizar outras formas, tais como: "Segundo Fulano", "o autor afirma, assevera", "o autor critica", e por aí vai.

Al. (V.S.): também citei o nome do autor

T1: É isso mesmo, P1, T2 e eu estamos esperando as dúvidas dos alunos e os trabalhos para serem revisados.

P1: V.S. obrigada pelo envio. Continue assim....

Al. (V.S.): colocar "De acordo com o professor" também é válido

Al. (E.L.): Acho que seria interessante a gente receber a revisão da atividade 2 antes da prova, pois não cometeríamos os mesmos erros. Apesar que já esta bem próximo né.

P1: Isso mesmo, pessoal. Certamente vocês deverão citar o nome do autor pelo menos uma vez, principalmente em uma mesa-redonda. O que não pode é ficar repetindo o tempo todo...

Al. (E.L.): Eu também já enviei a atividade.

Al. (M.C.): Não, M.A. Acho que é importante citar sim, pq subentende-se que os participantes da mesa redonda não leram o texto e você está passando a eles a idéia que ele contém.

Al. (W.F.): valeu P1. Já entendi

Al. (H.C.): que dicas vcs dariam para desenvolver um bom resumo?

T1: Olá E.L. , tudo bem com você? T2 e eu iremos nos esforçar para atendê-los até sexta-feira, tudo bem?

Al. (E.L.): Obrigado

Al. (M.A.): Então pq na realidade eles não sabem se é um resumo ou uma resenha escrito.

P1: Também é válido, V.S., já q ele mesmo se apresenta como professor.

Al. (V.A.): obrigada professora

P1: Por nada, querida.

P1: M.A. , a M.C. respondeu bem a sua pergunta.

Al. (V.S.): achei o texto muito interessante

P1: Parabéns pela resposta, M.C.É por aí mesmo.

Al. (V.S.): a função social também prevalece na contabilidade

P1: Também gostei muuito do texto.

Al. (V.S.): acho isso muito importante para o desenvolvimento social de uma empresa

P1: Na verdade, deveria prevalecer em todas as profissões, já que a função social é algo imprescindível na sociedade moderna de consumo.

Al. (M.C.): obrigada!

P1: Mas às vezes, por trabalharem com números, os contabilistas se colocam ou são colocados fora dessa função social.

Al. (E.L.): Achei muito importante e grande ajuda a seção do livro sobre sumarização.

Al. (V.S.): também acho professora, a função social ajuda a unir as pessoas

P1: E.L. , eu considero um dos melhores capítulos do livro "resumo".

P1: A sumarização é o grande procedimento utilizado para se resumir um texto.

Al. (E.L.): Pode auxiliar bastante na realização de bons resumos.

P1: Certamente

Al. (V.S.): acho que o mais importante é saber interpretar a ideia apresentada pelo autor seguindo nossas próprias palavras

P1: Bom, alguém tem algo a dizer sobre as orientações de estudo que elaborei para a unidade 2?

P1: Sim, sim, V.S. A paráfrase (dizer com as próprias palavras), eu diria, é a alma de um bom resumo.

Al. (M.C.): achei de grande valia, até para a minha organização também.... Ficou muito mais fácil focar o estudo!

P1: Gostaram da radiografia q selecionei especialmente para a explicação acerca do esquema?

Al. (V.S.): procuro fazer meus resumos dessa forma

T1: Seria interessante, que vocês, caros alunos, comentassem sobre a idéia de o resumo ser o "raio X" do texto-base.

P1: Esse é o caminho, V.S.

Al. (S.J.): Muito boa essa indicação de caminhos para um bom resumo.

P1: Mudando um pouquinho de assunto...vocês já preencheram o perfil do fórum de discussões?

Al. (H.C.): não

Al. (V.S.): ainda não, para que serve?

Al. (H.C.): como se faz?

P1: Então façam isso urgentemente.

Al. (R.M.): não

Al. (E.L.): ainda nao

Al. (A.L.): Como funciona esse fórum?

P1: Vocês precisam entrar no fórum....Existe um link para o preenchimento do perfil. Naveguem por lá que vocês verão. Essa é uma boa forma para que possamos nos conhecer um pouco mais.

P1: Ainda não participaram em nenhuma outra disciplina?

Al. (A.C.): Boa Noite!

Al. (A.L.): Não

Al. (W.F.): do fórum sim.

T1: O perfil do fórum de discussões serve para nós nos conhecermos um pouco mais. Vocês podem postar a foto de vocês e se apresentarem...

Al. (V.S.): não

Al. (W.F.): No perfil é que nao colocamos nada

P1: .. Então façam isso logo ok. Vai ser interessante.

P1: Boa noite, A.C.

Al. (W.F.): fica só entre nossa turma ou é aberto à todos os alunos da instituição?

Al. (S.J.): Preenchi logo no início, mas agora quando entro não vejo meu nome...

Al. (A.C.): Olá P1.

Al. (J.Q.): boa noite

P1: Boa noite J.Q.

Al. (A.C.): Ainda estou em fase de adaptação

P1: W.F., isso eu não sei te informar...vou ver com as tutoras....

Al. (E.P.): boa noite a todos

P1: A.C. Todos nós estamos, sempre. Fique tranqüila.

Al. (A.C.): Olá E.P.

T1: W.F., o perfil fica aberto somente para os alunos da disciplina.

Al. (A.L.): Olá

Al. (A.L.):..

Al. (A.L.): Boa noite E.P...

Al. (A.C.): estou com muita dificuldade na matemática

Al. (E.P.): Olá, tudo bem, ja começou tem muito tempo

P1: Boa noite, E.P.

Al. (E.P.): Olá A.C.

Al. (E.P.): Oi A.L.

Al. (M.C.): ah, não sabia isso do perfil! Já atualizei o meu!

P1: E.P., começamos às 20h

Al. (E.P.): eu estava tentando entrar mas não conseguia, parece que tava com algum problema aqui, perdi mta coisa

Al. (A.C.): Já teve a revisão de interpretação de texto

P1: Pessoal, pelo visto vocês não leram as minhas orientações de estudo para a Unidade II, não pe verdade?

P1: Vc está falando da Unidade I ou da II, A.C.?

Al. (J.A.): Boa noite a todos. entrei por volta das 8:30.

T1: Boa noite, J.A.

Al. (A.C.): unidade II

Al. (R.S.): P1 qual seria o tamanho ideal para um resumo, por exemplo, do texto da atividade 2? Uma página A4, espaço duplo seria adequado?

P1: Vocês podem inclusive colocar uma foto. Eu vou fazer isso muito em breve, mas preciso tirar uma foto razoável primeiro, rsrs

Al. (M.A.): . :)

Al. (E.P.): de que vc ta falando P1

Al. (W.F.): P1, eu leio todas as orientações de estudo...

Al. (W.F.): porém não consegui usar daquele cronograma que vc sugeriu

Al. (J.A.): Professora, ainda não fiz a atividade 2. Gostaria de saber se o conteúdo da Unidade 2 vai ser exigido na prova de 29/09.

Al. (W.F.): na verdade, peguei o livro resumo e li em um só dia (no domingo)

P1: R.S. , o resumo deve ter de 5 a 10 linhas, no máximo. No texto que disponibilizei no centro de recursos, há uma indicação quanto ao número de palavras para cada tipo de resumo. Vou pegar isso, esperem um pouco...

T1: E.P. , não se preocupe porque iremos publicar o nosso Encontro no ambiente do curso, tudo bem? Mas agora participe, apresente suas dúvidas...

Al. (E.P.): também não fiz a atividade 2,

Al. (W.F.): São aquelas frases grifadas de amarelo não é P1?

Al. (V.S.): professora a atividade 02 precisaria de quantas linhas?

T1: E.P. , é muito importante que faça as atividades. Não deixe de participar.

P1: Sobre a quantidade de palavras: Um resumo não deve ser composto por uma enumeração de tópicos e sim por um texto estruturado, conciso e objetivo. Além disso, recomenda-se que o resumo contenha até 100 palavras, para comunicações breves; até 250 palavras, para monografias e artigos de periódicos; até 500 palavras, para livros, teses e relatórios de pesquisa.

Al. (W.F.): dão 10 linhas mesmo

P1: Wanesia, pq não conseguiu? Ele é tão útil.

Al. (W.F.): pq só estudo depois das 22 e como tem as outras disciplinas...

P1: E.P., tanto o conteúdo da Unidade I quanto o da Unidade II será exigido na prova presencial, ok.

Al. (E.P.): ok,

P1: W.F., Isso é o que eu chamo de aplicação.

Al. (V.S.): professora quantas linhas era necessário para o resumo da atividade 02?

Al. (M.A.): È quando sobra tempo né W.F. ?

Al. (F.B.): O texto a ser resumido na Atividade Aberta 02 é um artigo?

Al. (E.P.): Prof eu acho que não vi essa orientação que vc está falando, onde está

P1: V.S., entre 5 e 10 linhas, no máximo, pois o texto-base é curto.

Al. (F.B.):

Al. (E.L.): Nossa o meu resumo deu bem mais

P1: Isso mesmo, F.B., o texto da unidade II é um artigo.

Al. (E.L.): acho que vou ter que fazer um resumo do resumo rsrs

Al. (W.F.): É M.A., tenho filhos pequenos e meu marido trabalha fora. Minha família é de outra cidade... então já viu né! Só estudo qdo coloco-os na cama

Al. (F.B.): Então deve ter no máximo 250 palavras?

Al. (A.L.): O meu também

Al. (V.S.): o meu resumo também passou disso professora

P1: E.L., então, é hora de tirar as gordurinhas do seu resumo.

Al. (E.L.): é

P1: Isso mesmo, rsrs.

Al. (E.L.): mais eu ja enviei

Al. (E.L.): e agora?

Al. (V.S.): eu tambem já enviei

Al. (A.L.): eu tbm já enviei...

P1: Isso vale p vc tb, V.S.

Al. (M.C.): calma, gente, vcs enviaram para a revisão....

T1: E.L. tudo bem? Você enviou para a revisão?

Al. (E.L.): Enviei hoje para revisão

Al. (V.S.): tambem

Al. (A.L.): tbm

T1: Devemos estudar todo o livro resumo

Al. (E.L.): Tenho que esperar vocês devolverem para eu modificá-lo né

T1: Então, E.L. não se preocupe porque você terá a oportunidade de enxugar o seu resumo, ok/

Al. (V.S.): tinha muitas partes importantes para serem faladas professora

P1: Pessoal, vocês estão grifando, negritando, sublinhando os textos bases que estão lendo para todas as disciplinas? Essa é uma boa estratégia de estudo, ok.

T1: A mesma informação que fiz para a .E.L. , serve para você, A.L. Podem ficar tranquilas.

Al. (W.F.): ah, eu faço isso direto P1.

P1: V.S. , achar tudo importante é um dos problemas para se resumir um texto. Temos que priorizar algumas informações de acordo com o nosso objetivo de produção (mesa-redonda)

Al. (W.F.): antes usava um marcador... agora faço com lápis pq me falaram que o marcador "estraga o livro". kkkkk

Al. (R.C.): P1 em um resumo posso pegar o último parágrafo e usar no início

Al. (E.L.): è a maneira que uso para estudar, vou grifando todos os pontos que considero importantes

P1: R.C. , não tenho como afirmar com certeza, pois vai depender do parágrafo e do objetivo, mas, de um modo geral, não é preciso seguir o raciocínio do autor. Você pode inverter a ordem, desde que isso não prejudique o resumo

Al. (E.L.): T1 , mas agora tenho que esperar vocês revisarem a atividade, ou tem como eu modificar o resumo ate amanhã e reenvia-lo?

T1: E.L. , você deverá esperar o envio de seu resumo.

Al. (E.L.): Ok, obrigado

Al. (V.S.): professora, darei uma olhada em meu resumo, mas tambem gostaria de sua pinião, então vou esperar a correção do resumo

Al. (V.S.): assim poderei saber onde estou exagerando

P1: ok, V.S.

T1: .. J.V., o que você está achando de nossa discussão?

P1: Pessoal, vamos encerrar o nosso encontro. Por isso, gostaria de saber se alguém mais gostaria de se manifestar?

Al. (A.C.): Por favor preciso de orientações, morro no interior e vou p/BH na sexta à noite, preciso de alguma indicação de hotel ou pousada. Sei que não é o momento agora nessa aula, mas só assim, porque acredito que uma maioria é de BH. De preferência perto do Prado ou Rodoviária. Meu e-mail: a.xxx@yahoo.com.br.

Al. (J.V.): somente agora consegui entrar. estava trabalhando.

P1: Pessoal, ajudem a A.C., por favor.....

T1: Então, diga-nos qual é a sua dúvida?

Al. (A.C.): correção: a.xxx.@yahoo.com.br

P1: Que bom que conseguiu entrar, mesmo que tardiamente. Dê uma olhada nos comentários que já foram feitos.

Al. (J.V.): com certeza, vou ler.

Al. (J.A.): P1, você tem alguma dica para nos dar em relação à prova?

T1: Pessoal, caso ainda tenham ficado com alguma dúvida mande correios para a gente, tudo bem? Teremos muito prazer em respondê-los.

Al. (W.F.): professora, tem alguma coisa que vc possa inserir pra nos sobre a unidade I para a nossa atividade de sábado?

P1: A.C., entre no site da Belotur. Só consegui me lembrar dessa informação.

Al. (C.M.): P1 o conteúdo da prova será somente a unidade I e II e o livro Resumo, também não consegui assistir o início da aula.

Al. (A.C.): ok, obrigada!

P1: Cláudia, isso mesmo.

Al. (C.M.): Ok! Obrigado.

Al. (M.A.): Gente, Tchou! Preciso estudar.

Al. (M.C.): P1 e T1, muito obrigada pela ajuda e esclarecimentos!

P1: W.F., tenha em mente a variação lingüística, o preconceito lingüístico, os conceitos de língua e linguagem e de adequação às várias situações de comunicação existentes na sociedade em que vivemos.

Al. (E.L.): T1, não seria possível você alterar o status da atividade, para que a gente possa reenviar o resumo?

T1: Pessoal, T2 e eu estamos nos despedindo e aguardamos as suas dúvidas.

P1: Pessoal, boa prova para todos vocês. Bons estudos e um enooorme abraço. Sábado a gente se vê!

Al. (W.F.): ok professora, obrigada e boa noite

Al. (V.M.): ok

P1: Boa noite a todos.

Al. (J.A.): Boa noite.

Al. (M.C.): Ah é importante também assistir ao CD-ROM, à revisão que a professora A. apresenta! Pelo menos, eu achei muito boa a aula!

T1: E.L., você terá um bom prazo para a refeitura de sua atividade

Al. (W.F.): A.C., vou olhar com meu marido pq ele viaja muito e pode dar algumas dicas. Te mando email

Al. (J.V.): Boa noite

Al. (E.L.): Ok

Al. (E.L.): Obrigado

Al. (C.M.): Boa noite a todos

Al. (M.C.): Tchou, pessoal! Boa prova a todos!

Al. (S.J.): Boa Noite a todos e boa prova.

T1: P1, você tem razão: pessoal não deixem de assistir ao CD-Rom. Ele será muito útil para vocês.

T1: Boa noite e boa prova para vocês

Al. (E.L.): W.F., vc teem msn

T1: Quem fará a prova em São Gabriel irá me encontrar...

T1: T2 estará em Contagem

T1: E você P1, onde estará?

P1: Eu estarei em São Gabriel também.

Al. (W.F.): sim. wf@hotmail.com

Al. (J.A.): Quem vai estar em Juiz de Fora?

P1: Até lá.

T1: Obá.... iremos conhecer os alunos do São Gabriel

Al. (V.S.): obrigada pelas dicas professoras

P1: J.A., essa informação já está no quadro de avisos.

Al. (V.S.): espero fazer uma boa prova

Al. (V.S.): boa sorte pra todos

P1: Vai fazer simmm, com certeza.

ANEXO B – 2º Chat registrado

GRAVAÇÃO DO 2º ENCONTRO *ON-LINE*

Data: 16/10/2007

ATENÇÃO: Embora esta seja a versão compacta do *chat*, não houve total revisão ortográfica e gramatical do texto, o que implica na ocorrência de “infrações” à língua padrão, muito naturais na interação *on-line*, pois, neste caso, privilegia-se a agilidade da comunicação.

T2: Boa noite C.A. e M.A. Por favor, aguardem um pouco, pois a professora P1 já deve estar entrando no Ambiente. Sejam bem-vindos, T2.

Al. (C.A.): boa noite!

Al. (C.A.): Tudo bem T2!

Al. (M.A.): ok

Al. (A.S.): boa noite!

Al. (C.A.): Boa noite A.S.

T2: Oi, pessoal. Vocês estão animados com o curso?

Al. (A.L.): Boa Noite!

Al. (E.L.): Boa Noite!!

Al. (C.A.): Sim... Apesar dos aperto!

Al. (A.S.): Sim

Al. (M.S.): sim

Al. (E.L.): Estou gostando do curso, mas está bem apertado.

Al. (C.A.): T2, vc pode me dar uma ajuda com a minha resenha?

Al. (M.A.): Eu to gostando... Mas tem apostilas de certa disciplina q tem erros e fica por isso mesmo

Al. (M.S.): T2, algum motivo especial para a atividade da resenha não contar com revisão?

T2: C.A. , E.L. todos os cursos são apertados, sejam eles, presenciais ou virtuais. Mas ao final de cada período você sempre sai uma pessoa diferente, e para melhor.

Al. (C.A.): Assim espero...

T2: C.A. , em que posso ajudá-la?

Al. (C.A.): Já aprendi bastante coisas...

Al. (E.L.): O curso virtual demanda, mas estudos, mas em contrapartida adquiridos mais conhecimentos.

Al. (C.A.): Bom, a minha resenha tá mto grande. Com 3 folhas. E não estou conseguindo diminuí-la...

Al. (E.L.): T2 , da algumas dicas para nos auxiliar na resenha.

P1: Boa tarde, caros alunos.....

P1: Finalmente estou aqui.

Al. (C.A.): Boa tarde!

Al. (M.S.): Boa tarde

P1: Tudo bem com vocês?

T2: E.L., no curso virtual temos que criar um horário para os nossos estudos. Se conseguimos manter essa disciplina, levamos o curso com muita tranquilidade.

Al. (E.L.): Tudo bem P1.

Al. (A.S.): Boa tarde P1

Al. (C.A.): Tudo... tirando as dificuldades para fazer a resenha...

Al. (M.A.): ola

Al. (E.L.): Com certeza T2, a disciplina é essencial.

P1: Alguma dúvida para mim?

Al. (C.A.): sim

Al. (C.A.): Na resenha, temos que falar sobre os três tópicos do capítulo?

P1: C.A. você recebeu minhas dicas pelo correio acadêmico?

Al. (E.L.): Como devemos constar a referencia bibliográfica na resenha?

Al. (C.A.): Sim, recebi.

P1: C.A., você pode resumir os três e comentar apenas um deles.

P1: Por exemplo...

Al. (A.C.): boa noite

Al. (C.A.): Assim pq eu fiz com os três e ficou enorme.3 folhas.

Al. (M.S.): Professora, acredito que para quem nunca fez uma resenha seja complicado o fato dessa atividade não contar com revisão.

P1: E.L., tudo bem? você deve seguir o formato da ABNT para referências bibliográficas e eu sugiro que faça isso antes de começar a resenha.

Al. (C.A.): Escrevi sobre a tomada de decisão e dei meu parecer e o que eu achei do autor.

P1: C.A. , 3 folhas???? Sinal que tem muita gordura na sua resenha. Mesmo que os comentários sejam muito relevantes, e eu acredito que sejam, você precisa selecionar mais para reduzir a sua resenha.

Al. (A.C.): Preciso de uma certeza é somente em uma página

Al. (E.L.): Obrigado P1

P1: sim, A.C., somente uma página.

Al. (A.C.): obrigada!

Al. (A.C.): sim, hj eu vou pegá-lo e somente deixar o que é de mais importante.

Al. (E.L.): P1, Na resenha posso fazer um resumo (seguindo as regras próprias do resumo) e acrescentar comentários??

P1: M.S., concordo com você. A primeira versão de um texto é sempre mais complicada. No entanto, temos agora que nos concentrarmos no trabalho integrado, que será revisado. Veja: o integrado é um pouco maior (3 a 5 páginas) e precisará de uma concentração de esforços maior da nossa equipe de correção, entende?

Al. (C.A.): O formato para bibliografias está disponível? Ou tem em nosso livro?

P1: Isso mesmo, E.L. Nesse caso, a ordem dos fatores não alteram o produto....

Al. (A.L.): P1 o meu comentário pode ser feito durante o resumo ou no final

Al. (M.S.): Entendo, Professora. Mas para aqueles que estão fazendo uma primeira graduação, por exemplo, é complicado... Ainda mais seguir as normas da ABNT...

Al. (C.A.): Eu estou com muita dificuldade na resenha,acho que deveria ter uma revisão.

Al. (L.P.): tbem acho C.A.

Al. (A.L.): tbm concordo com a revisão....

Al. (V.M.): concordo com C.A.

P1: Pessoal: fiz um comentário mais geral para tentar ajudar vocês. As normas você poderá acessar no site da instituição Clique em biblioteca e depois em normalização, ok. Depois disso faça uma cópia do arquivo e salve no seu computador, pois você irá consultar esse material durante todo o curso. Quanto ao título, não é necessário colocar a palavra "resenha". Coloque apenas a referência bibliográfica do texto-base antes de iniciar o texto. Não há uma regra rígida com relação à ordem dos fatores em uma resenha (resumo, crítica, conselhos, etc), nem a necessidade de criar subtópicos ou subtítulos. No entanto, sugiro que você mescle os comentários com as partes resumidas, pois esse formato se torna mais interessante para o leitor.

Al. (A.C.): na opção 2.3 a contabilidade como profissão, posso colocar só as áreas de atuação, ou tenho que especificar cada uma.

P1: Lá vai um outro comentário geral...Uma boa dica para você transformar o seu resumo em uma resenha seria utilizar o item "Pausa e reflexão" do texto-base, extraído do livro "Introdução à Teoria da Contabilidade". Dessa forma, você estaria trazendo um comentário\reflexão pessoal para a sua resenha. Você já havia pensando nisso? Não deixe de fazer a atividade e de enviá-la para que possamos corrigi-la, ok. Espero que possa ter ajudado um pouco

Al. (A.S.): Será preciso fazer a resenha da Leitura complementar?

P1: M.S., As normas da ABNT são para ser consultadas, ou seja, não é preciso saber nada de cor ou mesmo ter experiência no assunto. Basta ir lá e procurar o que está precisando para adequar o texto.

Al. (A.C.): boa pergunta do A.S.

Al. (C.A.): P1, eu fiz isso. Usei algumas idéias.

Al. (V.M.): Na resenha pode constar os subtítulos

Al. (L.P.): Acho q aí vc estaria fazendo um resumo V.M.

P1: L.P. , A.L., V.M. É muito bom ouvir as demandas de vocês, pois certamente poderemos melhorar com relação ao benefício da revisão em outras oportunidades. Aliás, vocês acham que revisar o resumo?

P1: V.M., leia uma das minhas dicas. Eu já apresentei um comentário sobre os subtítulos.

Al. (M.S.): Entendo Professora, estava tentando apenas mostrar um ponto de vista de quem pode ter dificuldade neste tipo de tarefa. Já resenhei algumas vezes e sei que muitos estudantes de mestrado/doutorado também tem essas dificuldades. Enviei ontem a minha resenha.

T1: Boa Noite! Desculpe-me a demora, pessoal, tive problemas para conectar...

P1: A.S. , não é preciso fazer a resenha da leitura complementar, mas se ela contribuir para a reflexão, você poderá utilizar partes dela sem problemas.

T2: M.S. , as normas ABNT podem ser consultadas na site da instituição - clique em biblioteca, em seguida biblioteca instituição de ensino, depois em padrão de normalização e por ultimo em trabalhos acadêmicos. ok

Al. (A.L.): A revisão é boa pelo fato de nos nortear pelo caminho a seguir P1.

Al. (M.S.): ok, obrigado.

Al. (C.A.): Eu concordo com a A.L.

P1: M.S. , realmente fazer uma resenha não é uma tarefa fácil, mas estamos aqui para ajudá-lo no que for preciso e possível, ok. Quero realmente que vc aprenda.

Al. (A.S.): Obrigado P1.

Al. (C.A.): P1, pq q para a resenha, vc ã abriram revisão?

P1: Completando a pergunta que fiz anteriormente, vocês acham que revisar a resenha é mais pertinente\importante que revisar o resumo?

T2: Oi, pessoal, vou enviar a todos, via comunicado, algumas orientações básicas para se fazer uma resenha. Não tão complicado assim, como já explicou a P1. Depois dessas orientações, vocês verão que fazer uma resenha não tão difícil e/ou complicado. Aguardem ok?!!

Al. (C.A.): Não. A resenha deixa um espaço pra gente opinar. Assim, seria difícil vc ter um parâmetro.

Al. (C.A.): Mas T2, a resenha é para amanhã...

Al. (M.A.): Mas não avaliar a opinião... mas o caminho que foi seguido

Al. (M.A.): O problema é que é injusto com quem já enviou

Al. (C.A.): A aim. Desculpe isso eu concordo com o M.A.

P1: Ok, mas já que não teremos revisão, então vamos tentar entender melhor esse gênero, não é verdade.

Al. (V.N.): boa tarde

Al. (L.P.): sim, P1 é verdade.

T1: Muito bom, P1, então vamos começar a explicar para os alunos a diferença entre os gêneros resumo e resenha?

P1: Quando vocês se posicionaram nas resenhas, utilizaram a primeira pessoa do singular, a terceira do plural ou a primeira do plural?

Al. (M.A.): Poderia dar mais um ou dois dias pra entrega

T2: C.A. , enviarei essas orientações ainda hoje. E você pode nos enviar sua resenha amanhã, até às 23 horas. ok

P1: M.A. vou fazer uma minireunião com as tutoras. Espere aí.

P1: Pessoal, respondam a minha última pergunta, por favor.

Al. (C.A.): Usei a 1 do plural

Al. (E.L.): singular

Al. (V.N.): a primeira do plural

P1: Pessoal, acabei de voltar da minireunião e chegamos a conclusão que seria ótimo ampliar o prazo para mais dois dias. Felizes com relação a isso, a orientação mais atual que possuo aponta para o uso da terceira pessoa do singular (Ex.: Percebe-se, acredita-se, etc) ou da primeira pessoa do plural (Ex.: Percebemos, acreditamos, etc).

Em alguns artigos científicos mais recentes já vemos a presença da primeira pessoa do singular, mas isso ainda não é muito bem aceito na universidade, com relação ao discurso acadêmico-científico, ok. Portanto, prefira a terceira pessoa ou a primeira do plural. Eu uso muito a primeira do plural, pois acredito que com o uso do "nós" (Eu+o outro), acabamos nos incluindo de forma mais efetiva no discurso, além de "convidarmos" outras pessoas para compartilhar da nossa reflexão. Espero que tenha ajudado você.

Al. (C.A.): Assim, eu usei a primeira do plural para demonstrar minha opinião.

Al. (A.L.): td bem!

P1: Vou ampliar para domingo, dia 21\10 ok. Caprichem então.....

P1: Ótimo, C.A.

Al. (V.M.): muito obrigada

Al. (M.A.): Perfeito

P1: ótimo, V.M.

T1: T2 e eu vamos devolver as resenhas que já foram nos enviadas para que, se desejarem, poderem fazer alguma mudança nas resenhas, tudo bem?

Al. (M.A.): Ótimo

Al. (E.L.): Obrigado

Al. (A.L.): Mto Obrigada, será mto bom poder ter mais uns dias para entrega final da resenha, já q não terá revisão, pelo menos poderemos estudar mais sobre a confecção de uma resenha.

P1: O que vocês acharam da dica sobre utilizar os espaços 'Pausa e reflexão' do texto-base como forma de fomentar o comentário?

Al. (V.N.): vc poderia repeti-la?

P1: Está logo acima....., V.N.

Al. (A.L.): mto incessante, pois através da resposta das perguntas entenderemos melhor o que o texto nos propõe.

P1: Uma boa dica para você transformar o seu resumo em uma resenha seria utilizar o item "Pausa e reflexão" do texto-base, extraído do livro "Introdução à Teoria da Contabilidade". Dessa forma, você estaria trazendo um comentário\reflexão pessoal para a sua resenha. Você já havia pensando nisso? Não deixe de fazer a atividade e de enviá-la para que possamos corrigi-la, ok. Espero que possa ter ajudado um pouco.

Al. (L.P.): eu gostei, já havia utilizado um pouco as idéias.

P1: Isso mesmo A.L. Essa era a idéia.

Al. (M.A.): Caso eu tenha um comentário ou frase de outro autor que ajude a afirmar minha idéia eu posso por?

Al. (M.A.): Com referencia seguindo a ABNT.

P1: Sempre entre aspas, M.A. Vc deve ter esse cuidado, conferindo os créditos a quem de fato pronunciou o trecho.

P1: M.A., você pode usar uma citação indireta (Segundo fulano) ou citar as próprias palavras do autor, seguido da referência (FULANO, ano, p.).

P1: Muito simples.

Al. (M.A.): o problema eh que vou ter que rever a ABNT

P1: M.S, mais alguma dúvida?

Al. (M.S.): Não Professora, obrigado.

Al. (W.F.): boa noite a todos. A reunião começou as 18? No cronograma constava 19hs

Al. (M.A.): Pq nos cursos de mestrado/doutorado não segue exatamente o padrão ABNT

P1: E vc, A.L. Dúvidas?

Al. (V.M.): W.F. no quadro de aviso estava às 18 horas

P1: Também não entendi, W.F. Se as minhas tutoras não tivessem me ligado, só teria entrado às 19.

Al. (A.L.): Por enquanto não, vou tentar terminar minha resenha tendo como base as perguntas de pausa e reflexão.

P1: Acho que foi falha de comunicação com o setor técnico.

Al. (W.F.): mas pra mim tb não dava as 18 pq saí do serviço e ate que cheguei em casa...

Al. (A.L.): Mto Obrigada P1.

Al. (W.F.): dá pra me situar P1???

P1: Melhor assim. Foi bom p todo mundo. Espero que os outros alunos consigam entrar.

P1: W.F. dei várias dicas. Dá p vc localizá-las logo acima?

P1: Boa tarde, S.G.

Al. (W.F.): NAO. Só aparece de quando entrei pra frente...

Al. (V.N.): Prof. qual a especificação correta da ABNT a ser usada, arial justificado 11, ou times 12

P1: QQ um dos dois, V.N.

P1: W.F., vou copiar no reservado para vc ok.

Al. (S.G.): Boa tarde P1, Boa tarde a todos. Desculpe-me o horário.

Al. (W.F.): Simone, me desculpa se eu perguntar o que vc já explicou tá...mas tenho algumas dúvidas que preciso tirar...

Al. (W.F.): ok P1, eu te agradeço muito.

Al. (V.N.): P1, o mesmo que mandar pra W.F., mande pra mim tb, pois cheguei depois e já estava rolando...

P1: Aviso: ampliamos a data p a entrega da resenha. Agora vc poderá entregá-la até 21\10, às 23 horas.

Al. (A.C.): para os que chegaram agora é só ir na barra de rolagem (setas ao lado)

Al. (W.F.): A bibliografia é no início do texto não é? E é no formato justificado, com a mesma fonte?

P1: S.G. e V.N., receberam as orientações no reservado?

P1: Isso mesmo W.F.

Al. (V.N.): sim. muito obrigado

Al. (W.F.): Outra coisa, temos que constar na bibliografia, além do nome do livro, o capitão e o titulo ou isso eu posso mencionar ao iniciar o texto da minha resenha?

P1: Pessoal, mais alguma dúvida específica?

Al. (W.F.): minha dúvida é o capitulo e o titulo

P1: Já viram a prova comentada que fiz para vocês? já está disponível no centro de recursos.

Al. (M.A.): A norma já consta citações da internet?

Al. (V.M.): Já vi

Al. (W.F.): eu vi P1, e já ia te agradecer... achei o máximo pois pude tirar as dúvidas que tive na prova...

P1: sim, M.A. Está atualizada

Al. (S.G.): Sim P1, obrigada.

Al. (L.P.): sim, já vi

Al. (C.A.): P1 mto obrigada!

Al. (M.A.): A prova eh devolvida?

P1: Que bom, W.F. Tive o cuidado de colocar as opções mais prováveis. A prova de vocês me ajudou muito a ver as possibilidades que eu não havia percebido. Obrigada a todos.

P1: Vocês foram ótimos, de um modo geral. Escrevem muito bem e eu tenho certeza se sairão super bem na resenha.

Al. (W.F.): Aliás, só lamentei fazer todas as disciplinas em um só dia, pq se não fosse conseguiríamos memorizar melhor e não cometeríamos erros tão banais (falo por mim, claro)

P1: Certamente, W.F.

P1: Concordo.

P1: Não, M.A.

Al. (V.N.): o pior foi fazer matemática e Contabilidade Integrada I no mesmo horário, ainda mais com uma bateria tocando no ultimo volume

P1: M.A., Se vc quiser vir até a instituição, poderá ver a prova ok.

Al. (W.F.): P1, pode responder minha dúvida ?

P1: sim, claro

Al. (M.A.): OK

P1: Nossa, com uma bateria, V.N.

Al. (V.N.): é.

Al. (M.A.): É pq não lembro das minhas respostas :)

P1: Tudo bem, M.A. É um direito seu ok.

Al. (V.N.): Na faculdade, tem um povo de uma igreja que ensaia a tarde do sábado, e o instrumento que tocam é bateria, e pra piorar as matérias de calculo foram a tarde

P1: W.F., qual é a sua dúvida.

Al. (V.N.): eu até pediria que colocassem uma a tarde e outra na parte da manhã. se possível...

Al. (W.F.): já mandei... vou colar de novo

Al. (W.F.): Outra coisa, temos que constar na bibliografia, além do nome do livro, o cap e o titulo ou isso eu posso mencionar ao iniciar o texto da minha resenha?

P1: Desculpe. procurei, mas não vi, W.F.

Al. (W.F.): estou em dúvida com relação ao cap e ao titulo

P1: Vocês já participaram do fórum de discussão. Passei por lá ontem e adorei as respostas. Comentei algumas.....

Al. (A.L.): Ainda não tive tempo...

Al. (V.M.): eu também

P1: Lá vai a referência do texto-base, para acabar com a dúvida de vocês ok. IUDÍCIBUS, Sérgio de. A contabilidade e o contador. In:

_____.Introdução à teoria da contabilidade para o nível de graduação, 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

Al. (V.N.): eu deixei uma lá, espero que seja aceita

P1: Seu comentário foi muito pertinente Valéria. Acho que você deveria, inclusive, comentar algumas respostas de outros alunos.

P1: Aliás, pessoal, o fórum compõe parte das atividades do trabalho integrado, que já estará disponível no ambiente amanhã. Portanto, participem e principalmente comentem as respostas dos colegas.

Al. (A.S.): Querida professora e tutoras muito obrigado por tudo. Tenho que ir.

Al. (V.N.): vc acha? que bom, obrigado

Al. (V.N.): Obrigada a você A.S. Bom trabalho!

Al. (W.F.): blz P1.. Mas é atlas 2007 não?

T1: Um abraço A.S. e bons estudos!

Al. (V.N.): boa sorte A.S.

Al. (A.S.): Caros colegas que Deus vós abençoe neste curso até a próxima.

Al. (V.N.): amém

P1: No meu texto está 2006, mas vc deve colocar a data do seu ok.

Al. (A.S.): Obrigado e tchau

P1: xau

Al. (S.G.): P1, vc colocou no reservado sobre a utilização da terceira pessoa no singular ou primeira no plural e eu não tinha pensado nisso antes, achei legal o toque. Já entreguei minha resenha mas acabei de verificar e usei a terceira pessoa do plural... ufa!

P1: Outro dia vi essa forma 'xau'. Fiquei chocada, mas já aderi rrsr

Al. (V.N.): Normal, prof.

P1: Ótimo, S.G., mas a resenha será devolvida para vc, pois ampliamos o prazo para o dia 21.

Al. (V.N.): Além das dicas acima, qual mais vc poderia nos passar para completarmos os nossos trabalhos e a cada dia melhorarmos mais as resenhas e resumos?

Al. (W.F.): Não precisa constar a pagina não P1? E nem o nome dos dois autores?

Al. (V.N.): P1, vc é a coordenadora deste curso, certo?

P1: Sim, W.F. é preciso colocar os dois autores, mas no meu livro só aparece o Sérgio.....Estranho. Só depois aparece o José Carlos. Nesse caso coloque IUDÍCIBUS, Sérgio de, MARION, José Carlos. As páginas são opcionais, ok.

P1: Não sou coordenadora não V.N.. A S.S. é a coordenadora. Por quê?

P1: Pessoal, o trabalho integrado será publicado amanhã. Fiquem atentos, ok.

Al. (W.F.): blz, eram estas as minhas dúvidas. Acho que vou poder fechar minha resenha e te encaminhar com mais segurança. Só achei uma página muito pouco pra além do resumo, inserirmos comentários.

Al. (V.N.): sobre os horários de prova, se poderiam colocar uma de texto e uma de cálculos a cada turno, ficaria melhor, claro, se possível...

Al. (W.F.): Eu tb reclamei V.N., quando vi que a prova do ano que vem é em abril! Na época do nosso sufoco com o IR.

P1: Por favor, encaminhe a sua solicitação para a coordenação V.N.

Al. (W.F.): Vocês colegas, poderiam também solicitar alteração desta data. Quem sabe conseguimos??

P1: Uma lauda é pouco mesmo, mas é um bom exercício de síntese. Não é preciso comentarmos tudo, certo.

P1: Pessoal, mais alguma dúvida?

P1: Vamos nos despedir ok.

Al. (M.A.): Mas sobre a prova já mudaram...

P1: O nosso encontro será publicado o quanto ante.

Al. (M.A.): Obrigado P1.

Al. (E.L.): Obrigado pelas orientações

Al. (A.L.): Eu sugiro q seja aplicado algumas provas na sexta e as outras no sábado, acho q seria menos cansativo, o dia inteiro fazendo provas é mto cansativo.

Al. (W.F.): Eu adorei fazer essa atividade P1. E por incrível que pareça, fique feliz em conseguir resumir e interpretar! Só não sei se terei sucesso com a professora né!!!!

Al. (S.G.): P1, estou satisfeita e, por enquanto, sem mais dúvidas. Obrigada e boa noite.

Al. (S.G.): Boa noite a todos.

Al. (M.S.): obrigado pela atenção, Professora

Al. (M.A.): A.L. eu moro em outro estado... nem pra todos isso eh possível

Al. (V.N.): muito obrigado, P1, desculpe tantas querelas que deveremos enviar a outros, e não a vc?

Al. (A.C.): Boa noite, valeu as dicas, obrigada!

Al. (V.M.): concordo com M.A.

Al. (A.C.): aula na sexta não dá

P1: Claro que terá W.F. Vc é muito concentrada e aplicada.

P1: Obrigada a você, M.S.

Al. (A.C.): para quem mora fora e trabalha é muito difícil

P1: É muito bom poder conversar com vocês todos.

P1: Algum de vocês fez prova comigo no São Gabriel?

Al. (A.C.): eu fiz

Al. (W.F.): Valeu P1!!! Essas injeções de animo nos sustentam nesta jornada.

T2: Alguém fez em Contagem?

Al. (W.F.): Eu fiz com a tutora do Direito

P1: A.C., obrigada por tudo.

Al. (W.F.): no São Gabriel

Al. (V.N.): Teófilo Otoni

Al. (V.M.): Poços de Caldas

Al. (A.L.): Mto obrigada pelas dicas P1 até a próxima! Tchau p/ todos!

Al. (A.L.): eu fiz em Arcos

Al. (V.M.): tchau

Al. (W.F.): É uma pena que não dá tempo nem pra um bate papo quando vamos às provas né moçada!

P1 É verdade. muita angústia.

Al. (V.N.): até mais galera, e obrigado, P1.

P1: A.L., eu agradeço muito a sua presença. um abraço

P1: V.N., uuuuum super abraço pra vc.

Al. (A.L.): Outro P1.!

Al. (V.N.): obrigado, tchau.

Al. (W.F.): vc vai disponibilizar este bate-papo no centro de recursos também P1?

P1: Espero que tenha conseguido responder a todas as dúvidas de vocês.....Coragem e bom trabalho. Não desistam, pois, como já havia dito, o texto de você é muito bom.

T2: Boa noite a todos!! Adorei estar mais uma vez com vocês. Qualquer dúvida enviem Correio Acadêmico. Um grande abraço!!

P1: Claro, W.F. o quanto antes. Talvez amanhã mesmo.

Al. (M.A.): Bjs P1, obrigado pelas dicas e boa noite a todos.

P1: Tudo de bom pra vc, M.A.

Al. (W.F.): Legal! Obrigada pelas dicas e abraços a todos.

P1: Abraços, W.F. Obrigada por tudo.

ANEXO C – 3º Chat registrado

GRAVAÇÃO DO 3º ENCONTRO *ON-LINE*

DATA: 09//11/2007

ATENÇÃO: Embora esta seja a versão compacta do *chat*, não houve total revisão ortográfica e gramatical do texto, o que implica na ocorrência de “infrações” à língua padrão, muito naturais na interação *on-line*, pois, neste caso, privilegia-se a agilidade da comunicação.

P1: - C.M e S.J., o relatório pode ter tópicos, mas não de forma exagerada. Você pode, por exemplo, abrir um tópico para a conclusão.

Al. (C.A.): Mas o relatório pode ser simples, não?

Al. (M.M.): Prof. segundo entendi, devemos também usar elementos de Resenha, como por exemplo, criticar algum ponto, positiva ou negativamente, para expressar nossa opinião, é isso?

P1: Mais uma dica

P1: Quanto à estrutura do relatório, vale lembrar que ela deve seguir a essência do trabalho integrado, ou seja, evite topicalizar demais o seu texto, para não fragmentar conhecimentos e articulações que, pela natureza da atividade, devem estar juntos. Com relação aos tópicos norteadores da nossa disciplina, contidos nas instruções da atividade integrada, por exemplo, a identificação dos textos que o contabilista lê, escreve e fala faz parte de todo o processo da coleta de dados. Não é necessário criar um tópico exclusivo para esse item. Aliás, os tópicos relativos a cada disciplina devem estar integrados em um único texto, pois são apenas elementos norteadores da pesquisa de campo para orientar melhor o aluno quanto à organização e ao que é imprescindível observar em campo. Portanto, faça apenas um comentário sobre os itens da minha disciplina ao longo do seu texto, relacionando-os aos itens das outras disciplinas, ok.

P1: Perfeito, M.M.

Al. (L.F.): com relação a parte das práticas de leitura e de escrita e a interação face a face no cotidiano do contabilista, como nós poderíamos colocar?

Al. (A.C.): P1 disponibiliza o encontro no site depois, por favor...

Al. (A.C.): Porque o meu trabalho ficou bem ruim.

P1: Boa pergunta L.F. Acabei de deixar um comentário sobre isso logo acima.

P1: Já previa esta pergunta.

Al. (R.B.): P1, devemos em um só relatório tentar contextualizar todas as disciplinas estudadas, no entanto, contextualizar matemática é mais complicado por ser uma disciplina de área de conhecimento exato, você tem alguma dica de como contextualizar matemática?

Al. (L.F.): acabei de verificar obrigada

Al. (C.M.): Certo, P1, os tópicos devem ser somente para nortear o relatório. Obrigado.

Al. (A.A.): P1, no meu relatório, usei os verbos em sua maioria na terceira pessoa do singular como fala-se, deu-se ênfase, restou provado etc. Está certo ou não?

P1: Quanto à disponibilização do, acho que não será possível hoje, pois o material deve antes passar pela coordenação para depois ser publicado. Só estará disponível na segunda mesmo.

P1: Mas vocês podem fazer um 'copiar' e 'colar', no computador de vocês.?

Al. (V.M.): Está certo?

P1: A.A., você pode e até deve usar a terceira pessoa ok.

Al. (A.A.): ok

Al. (A.A.): e quando for minha opinião posso dizer eu acho isso ou aquilo

Al. (S.J.): P1, me desculpe, mas no meu relatório não coloquei tópicos, apenas segui a seqüência dos assuntos, no entanto recebi o comentário que não segui a topicalização recomendada.

Al. (A.A.): Em minha opinião

P1: Evite, "Na minha opinião".

P1: Ao opinar, fica implícita a autoria, A.A.

Al. (A.A.): Pode dar um exemplo com uma frase

P1: S.J., já instruí as tutoras com relação a isso. Consideraremos tanto a estrutura em tópicos quanto a estrutura não topicalizada, ok. Fique tranqüila.

Al. (R.B.): P1, devemos em um só relatório tentar contextualizar todas as disciplinas estudadas, no entanto, contextualizar matemática é mais complicado por ser uma disciplina de área de conhecimento exato, você tem alguma dica de como contextualizar matemática?

Al. (R.M.): Gostaria de saber quando será disponibilizada a revisão

Al. (S.J.): Ok. É o que eu não estava entendendo. Obrigada.

P1: A.A. "O contabilista, ao apresentar o seu ambiente contábil, mostrou estar atualizado com as principais tecnologias, além de estar por dentro da nova legislação presente no código civil."

Al. (C.A.): P1, estou achando esse trabalho bem difícil, ainda mais porque estou fazendo sozinha.

Al. (C.A.): Vocês serão muito rigorosos na correção?

P1: R.B., todos os programas de computador utilizados pelo contador são estruturados a partir da linguagem matemática. Esse é um bom começo. O que acha?

Al. (R.B.): ótimo

Al. (R.B.): obrigada

P1: T1, a revisão já está disponível. Por favor, verifique se a sua já está disponível.

Al. (W.F.): C.A., eu também estou fazendo sozinha... Essa atividade em grupo, acredito que só ajudou os alunos que moram em BH mesmo.

Al. (E.B.): Não sei ajuda, R.B, mas pense a contabilidade como um sistema de informações e faça relação com um programa de computador.

T2: Boa noite a todos!!

Al. (A.A.): P1, então não posso dizer assim: Entendo que diante desta situação, aumenta-se a necessidade, de conscientizar os empresários da importância da escrituração bem elaborada, que vai lhe fornecer informações valiosas sobre a real situação de sua empresa e facilitar para a tomada de decisões. É melhor gastar com um profissional qualificado e ser bem assessorado do que deixar as coisas correrem soltas e sofrer com excessos tributários que poderiam, por vezes, serem evitados.

Al. (M.M.): Olá T2

Al. (V.M.): Boa noite T2

Al. (W.F.): hei T2

T2: Olá, M.M., tudo bem?!!

Al. (R.B.): Obrigada pela dica E.B.

Al. (S.J.): boa noite T2

T2: Boa noite, V.M.!!

Al. (R.M.): P1 a minha atividade ainda não aparece como revisada

Al. (E.B.): De nada, pelo menos no meu pensei dessa forma, aí vc contextualiza sistema de informação e softwares, R.B.

T2: Boa noite, S.J.!

Al. (V.M.): Deixando um pouco a atividade integrada como será a prova?

T2: Olá, W.F.!!

Al. (M.M.): Tudo legal T2.

P1: A.A. utilize "entendemos que....". Na primeira do plural. Assim, você se resguarda das críticas.

Al. (W.F.): P1, não dá pra prorrogar o prazo de entrega do dia 12 pro dia 16 não?

Al. (L.F.): a prova também merece destaque, se puder falar dela.

P1: Fica mais delicado..... Mesmo quando estamos criticando profundamente

T2: Olá, R.M., estou revisando sua atividade Envio para você ainda hoje, logo após o nosso encontro.

Al. (A.A.): Mas é porque fiz o trabalho, sozinha.

P1: R.M., veja com a T2....por favor

Al. (R.M.): Obrigada P1.

P1: V.M. Teremos um encontro on-line só para falarmos sobre prova, dia 15.

T1: Boa Noite, queridos alunos, P1 E T2!

P1: Boa noite, T1, que bom que você veio.

T1: Acabei de chegar, estava chovendo de mais...

Al. (V.M.): ok

Al. (V.M.): ok

T2: Olá, T1, boa noite!!

Al. (A.A.): Boa Noite. T1 gostaria de saber o que eu errei nas referências bibliográficas. Você marcou tudo de amarelo

Al. (C.M.): Boa noite T1!

P1: Pessoal, a T1 e a T2 estão aí para responder sobre as revisões ok.

Al. (W.F.): Olá T1

T1: Olá W.F., tudo bem com você?

Al. (W.F.): tudo, só o tempo que acho que está apertadíssimo pra tanta coisa... As provas também já estão aí;

Al. (A.L.): Tudo Bem, T2, T1 e P1, estou c/ uma dúvida quanto à atividade integrada, na revisão vocês pediram para que visitássemos um escritório ou uma empresa p/ fazermos o trabalho de campo, meu grupo já havia visitado, e os dados da entrevista nós colocamos no decorrer dos textos, nós utilizamos a entrevista como fonte de pesquisa... Eu gostaria de saber como vocês querem que seja apresentado o trabalho de campo?

Al. (W.F.): P1, vai dar pra prorrogar o prazo de entrega? Diz que sim, vai!

P1: Pessoal, infelizmente não posso ampliar o prazo para a entrega da atividade integrada, pois todos os professores terão que lê-la....Desculpe-nos

P1: Olá A.L., logo acima, deixei umas boas dicas para vocês sobre isso...Use a barra de rolagem ok

Al. (W.F.): São muitas atividades pra entregar agora dia 12. Isso nos apavora, mas dá pra entender!

P1: Mais uma dica:

P1: Lembre-se de que a paráfrase (dizer com as suas palavras) contribui muito mais para o desenvolvimento de habilidades de organização das idéias e da transposição delas para o papel, do que a simples cópia. E esse é o real objetivo da nossa disciplina, ou seja, desenvolver habilidades de leitura e escrita. Enfim, o relatório não deve trazer a entrevista na íntegra e sim uma síntese dos pontos mais importantes observados na fala do contabilista. Por isso, limitamos o número de páginas do relatório, que deverá estar entre 3 e 5, no máximo.

T2: A.L. , acabei de te responder, você recebeu?

P1: Eu entendo perfeitamente a angústia, mas o calendário também está apertado para nós professores. Afinal de contas, estamos do outro lado da moeda: corrigindo, preparando, respondendo, orientando.....

Al. (E.B.): P1, no meu caso, fiz entrevista em dois lugares: Uma do setor publico e outra no privado. Eu coloquei em anexo um pequeno texto sobre a adm. pública, visto que são bem diferentes as concepções previstas em lei.

P1: Eu respondi um correio seu sobre isso hoje, Everton. Você já pode vê-lo?

Al. (E.B.): Ah sim. Agora que eu vi. Obrigado.

Al. (L.F.): Se o pessoal,concordar,fale da prova só do conteúdo, por favor

P1: ok

P1: sem problemas.

Al. (R.B.): Falar sobre aprova será bom

Al. (A.L.): Recebi sim, T1.

Al. (E.L.):

P1: A prova está muito tranqüila. Darei uma questão sobre resumo e uma sobre comentário. Basicamente.

Al. (M.A.): Vai ter alguma resenha pra ser feita?

P1: Pessoal, O RELATÓRIO DEVERÁ TER DE 3 A 5 PÁGINAS, SEM CONTAR A CAPA E A BIBLIOGRAFIA OK.

Al. (M.A.): Poxa! Fui ignorado!!

P1: Não, vocês não terão que fazer uma resenha, terão que articular dois textos opinando.

Al. (V.M.): Separar os tópicos do relatório vai prejudicar alguma coisa para a nossa disciplina de Produção?

Al. (M.A.): Interessante

P1: Como assim, M.A. De jeito nenhum. O que você perguntou?

Al. (M.A.): Não você respondeu já... obrigado

P1: Não deixem de estudar, pois vocês precisarão articular conhecimentos estudados em nossa disciplina, inclusive sobre resenha, mesmo que não tenham que produzir especificamente uma.

P1: Como no relatório..... Uma mistura de várias habilidades.

P1: A.C. ..

P1: Ah, M.A....Mais alguma dúvida?

Al. (A.A.): T1, gostaria de saber o que está errado na minha referência bibliográfica que fiz no relatório. Você marcou tudo de amarelo.

P1: Pessoal, desculpe, mas eu enviei um correio para alguns alunos com um erro de digitação. Escrevi Ciências Contáveis em vez de Ciências Contábeis.

P1: Mas depois fiquei pensando que esse nome é bastante coerente, não acham.

T1: Olá, A.A.... Espere um pouquinho que eu irei rever a sua atividade, tudo bem?

Al. (A.A.): ok

Al. (R.B.): Também acho P1.

Al. (L.F.): P1, caso ultrapasse de 5 folhas, isso é um quesito para diminuição de nota no trabalho?É que o meu e de meu amigo deu uma ultrapassada, devido ao bom aproveitamento que tiramos da pesquisa.

Al. (V.S.): oi

P1: Oi V.S.

P1: Que bom que

Al. (A.R.): Boa noite a todos

Al. (V.S.): professora vc me mandou o recado de que a revisão foi feita mas não me mandou as marcações

Al. (V.S.): estou sem saber o que eu errei

P1: Isso é com a T2, V.S.. Por favor, mande um reservado p ela ok.

P1: Olá A.R. Tudo bem

Al. (V.S.): como assim um reservado, não entendi professora.

Al. (A.R.): Quase...

P1: Clique no nome dela e mande uma mensagem reservada.....

P1: Pq, A.R.

T1: A.A. , apenas formate a sua referencia, ou seja a marquem é que não está de acordo com a ABNT.

P1: T2, acabei de enviar um reservado p vc. Por favor, dê uma olhada.

Al. (A.A.): a marquem ? o que é isso

Al. (A.R.): Percebi que não entendi nada de resenha, minha vida estudantil sempre foi essa dificuldade em prod. de texto.... acho que so entendo de exatas

P1: A.R., mas a contabilidade é uma ciência humana, ora, ora. A linguagem está por toda parte. Basta abrir as janelas.

P1: V.S. conseguiu falar com a T2?

P1: O que exatamente você não entendeu A.R.

Al. (V.S.): ainda não

Al. (A.A.): T1 você quis dizer margem

Al. (V.S.): como q eu faço

Al. (A.R.): Eu sei.... Entendo o enunciado, entendo o texto, entendo o que esta sendo pedido, porém na hora de colocar no papel.....

P1: T2, responde o meu reservado, please.

P1: Clique no nome da T2 duas vezes.

T1: Veja bem, A.A., a sua referencia foi feita adequadamente, apenas está justificada de forma que a ABNT incorreta. É um ajuste muito simples...não se preocupe,ok?

Al. (A.R.): T1, responde o meu reservado, please.

Al. (V.S.): o nome dela é T2 ou outro nome. T2 não tem nos nomes ao lado

P1: A.R. (E TODO MUNDO), em uma das dicas que eu dei logo acima, eu dou um exemplo de um possível início para construção textual do relatório. Acredito que um início já é um bom pontapé. Organize em um esquema os tópicos a serem trabalhados antes de começar a escrever. Isso sempre me ajuda

Al. (V.S.): É T2, P1?

P1: Isso, isso.

P1: Desculpe-me, é que já estou tão acostumada a chamá-la de T2.

Al. (V.S.): tudo bem

P1: Um esboço das idéias sempre ajuda a começar um texto. Pelo menos começá-lo....Vale a pena tentar.

Al. (A.R.): Mais por outro lado estou contente professora... acho que em 32 anos estou começando a aprender.

P1: Vocês se lembram de um quadro que disponibilizei no centro de recursos, para a elaboração de resumos e resenhas? Ele também é muito bom para organizar as leituras.

T2: Queridos alunos, estou adorando em nosso Encontro... Está "chovendo" participações...

T2: A.R., já respondi o seu reservado...

P1: Seu comentário foi maravilhoso A.R. Fico muito feliz. Espero que esteja contribuindo com alguma coisa.

P1: Estou adorando também, T1, acho que a gente poderia ter até feito mais encontros durante o semestre. Não acha?

Al. (A.R.): Muito... Só falta agora eu eliminar minha resistência pessoal.....

T2: Com certeza, P1!!

Al. (A.A.): P1 em linha acima você disse que eu deveria usar entendemos ao invés de entendo . Eu lhe respondi dizendo que estou fazendo o trabalho sozinha. E ai como fica.

Al. (V.S.): professora uma amiga minha me ensinou a fazer a resenha dando uma introdução no assunto, criticando no meio e dando um ponto de vista no final está certo?

P1: Mas isso é fácil. Escreva um pouquinho todo dia. Nem que seja um parágrafo, enquanto lê algum texto. Nunca leia simplesmente um texto. Ler e escrever são faces da mesma moeda.
Al. (A.R.): T1... Se der, gostaria de receber a revisão do meu trabalho via email ou de outra forma....

T2: Pode deixar que eu farei isso para você, A.R., não se preocupe!

T2: A.R., você leu o reservado?

P1: A.A., utilizar a primeira pessoa do plural não tem necessariamente a ver com fazer o trabalho em grupo ou sozinha. Tem a ver com 'convidarmos' sempre mais pessoas a compartilhar o nosso posicionamento, ou seja, é o mesmo que dizer, eu não estou falando isso sozinha, tem mais pessoas que concordam com o que digo.

Al. (A.A.): ok obrigada pela explicação

Al. (V.S.): fazer a resenha dando uma introdução no assunto, criticando no meio e dando um ponto de vista no final está certo?

Al. (A.A.): Agora vou ter que sair. Um abraço para todos. E obrigada P1 E T1 pelas dicas.

P1: V.S., você pode fazer dessa forma, pois uma boa resenha deve contemplar esses itens. Não necessariamente nesta ordem, mas deve contemplá-los, ok.

P1: Boa noite, A.A.

Al. (A.R.): T1.... Li que ficou bom, porém tem alguns comentários... Somente isto...

Al. (A.C.): Deixo meu pedido: gostaria de ter aulas assim com a matemática, não sei se é só eu que estou sofrendo!

Al. (L.F.): Obrigada pela atenção, boa noite a todos.

Al. (M.M.): Boa noite e obrigado pelas instruções

Al. (A.R.): A.C.... Matemática é a melhor matéria do mundo....!!!!!! Se você precisar de ajuda e eu puder ajudar.....

Al. (V.S.): também estou com um pouco de dúvida em derivadas

P1: Boa noite M.M.

P1: Obrigada

P1: Boa noite L.F. Obrigada por ter vindo

Al. (S.J.): Pessoal, também vou sair, pois aqui em PL (Pedro Leopoldo) está chovendo com muitos relâmpagos, já deram 2 piques de energia, logo vai e não volta... Boa Noite.

P1: Boa noite, S.J. Tudo de bom pra você. Obrigada por ter vindo. Espero que tenha sido um encontro mais esclarecedor.

Al. (A.C.): Boa noite, obrigada pela ajuda!

Al. (A.L.): Boa Noite a todos e até a próxima reunião, Um Grande Abraço P1, T2, T1 e colegas.

Al. (S.J.): Foi sim. Obrigada.

P1: Boa noite, A.L.

P1: Pessoal, lembro que o nosso próximo encontro on-line é dia 15, às 19 h. ok

Al. (C.M.): Boa noite a todos. P1, T1 e T2 até a próxima e obrigada pelos esclarecimentos. Foram ótimos.

P1: Um grande abraço pra você, C.M. Bom trabalho integrado.

P1: PESSOAL, CAPRICHEM NA ESCRITA DO INTEGRADO.

Al. (V.S.): ok prof^a

Al. (E.B.): Ok. Caprichando e caprichado será.

Al. (V.S.): um abraço para todos também

P1: Muito bem, E.B. Um abraço para você também.

Al. (V.S.): t+

P1: obrigada pela presença de todos.

Al. (E.B.): obrigado.

Al. (M.A.): t+

Al. (V.M.): Espero nota caprichada também

Al. (E.B.): Boa V.M.

Al. (R.B.): Obrigada

Al. (R.B.): Obrigada pelas dicas, e esclarecimentos.

P1: V.M. deixa de ser abusada.... Menina. Primeiro o capricho, depois a nota. Essa é a ordem.

P1: Por nada, R.B. um abraço para você.

P1: M.A.

Al. (R.M.): Obrigada P1, T2 e T1

Al. (R.B.): Abraços e boa noite.

Al. (V.M.): Mas será caprichado.

P1: E.B., e você ainda concorda com a V.M.?

T1: Um grande abraço, R.M., minha "xará"

Al. (R.M.): Aguardo seu retorno T2. Um grande abraço

Al. (E.B.): Só pra dar uma relaxada. Mas, pode deixar que prometo fazer o melhor no que puder na atividade integrada, está um pouco grande.

T1: ou será "xará"?

P1: E.B., de 3 a 5 páginas, pelo amor de Deus.

Al. (R.M.): Ficou a dúvidas.

Al. (E.B.): Está ok. Pode deixar, vou tentar eliminar algumas coisas lá

Al. (A.R.): professora, entendo o E.B., a gente sempre acha que está pouco o que estamos dizendo.

P1: Mas a questão é a qualidade e não a quantidade.

Al. (E.B.): é porque no caso, fiz assemelhar um projeto, com mini revisões de conceitos. E talvez tenha fugido um pouco

T1: A.R. você leu o reservado?

P1: escrever muito para agradar o professor é coisa do século passado. Agora estamos buscando síntese e belos comentários.

Al. (A.R.): vai dizer isso para os tutores de teoria da contabilidade para a senhora e/ou você ver....

P1: Pois é, E.B., é preciso entrar no assunto..... De qualquer jeito. O que está fora é gordura.

P1: ok

Al. (E.B.): Ok.

P1: Mas eu falo por mim, A.R., com relação a minha disciplina. Cada disciplina tem uma forma de lidar com o texto e seu formato, entende.

Al. (A.R.): todos os meus trabalhos em teoria vieram com a observação...." seu trabalho esta muito sucinto" dai eu digo... É culpa da P1.

P1: No entanto, especificamos conjuntamente que o integrado deveria ter no máximo 5 páginas. Portanto, o caráter sintético, nesse caso, vale para todas as disciplinas.

T1: Pessoal, vou me despedindo de vocês... Quero parabenizá-los pela brilhante participação de todos!!

Al. (V.M.): Boa noite a todos

P1: Uma coisa é ser prolixo (falar demais e desnecessariamente), outra ser sucinto (falar menos que o necessário) e outra coisa é ser sintético (falar o essencial)

T2: Oi, pessoal, estou me despedindo também!

P1: T1 e T2, boa noite e obrigada pela bela participação e apoio.

P1: Segunda-feira conversaremos, na virtual ok.

Al. (A.R.): Concordo professora, porém a senhora tem que concordar que cada pessoa tem sua maneira de interpretar um texto.

T1: Um grande abraço, P1 e T2!

Al. (E.B.): Grande abraço a todos.

Al. (E.B.): Boa Noite.

P1: Concordo demais, por isso a nossa disciplina é tão importante.

P1: Boa noite, E.B.

Al. (R.M.): Boa noite

Al. (R.M.): não estou conseguindo salvar o bate papo

Al. (A.R.): concorda também que, para fazer um bom trabalho, temos que conhecer primeiro como a pessoa que vai avaliá-lo pensa.

Al. (R.M.): a opção copiar não aparece ativa

P1: Acho que não vai ter jeito de copiar mesmo não.....vou ver se mando as dicas principais através do comunicado. Pode ser assim?

P1: A.R., ou então quem avalia deve explicitar bem os critérios de avaliação (ou seja, o percurso da leitura avaliativa)

P1: É também uma boa forma

Al. (A.R.): É professora, porém sabemos que a maioria dos professores não se preocupam com isto....

P1: Mas eu me preocupo, por isso fiz uma prova comentada para vocês, com as várias possibilidades de respostas e com os critérios de avaliação. Acredito na transparência do trabalho de avaliação.

P1: E espero que vocês também tenham percebido isso.

Al. (M.A.): Eu gostei da prova resolvida.

Al. (A.R.): eu acredito... Porém acho que não estamos aprendendo com a senhora somente para a aplicação na sua matéria....

Al. (M.A.): Todos deveriam fazer o mesmo

Al. (A.R.): Somente como exemplo, os exercícios de contabilidade integrada, os enunciados, para quem não trabalha na área, é impossível de se resolver

P1: Você já colocou isso para as tutoras e para o professor?

Al. (A.R.): ja...

Al. (M.A.): Fora que o teórico de Cont. Integ. Não ajuda a resolver

P1: Que teórico, M.A.?

Al. (A.R.): se a senhora quiser dito um acontecimento....

P1: Acho que seria bom conversar com eles antes.

Al. (M.S.): Concordo com os colegas acima, Contabilidade Integrada é impossível para quem não é técnico em contabilidade, pelo menos.

P1: Bom, pessoal, adorei o nosso encontro on-line. Mas preciso ir....Segunda, publicaremos o encontro. ok.

P1: Tentarei enviar as minhas dicas pelo comunicado ok.

Al. (R.M.): ok

Al. (M.A.): A parte da teoria de integrada

ANEXO D – 4° Chat registrado

GRAVAÇÃO DO 2º ENCONTRO *ON-LINE*

Data: 20/10/2008

ATENÇÃO: Embora esta seja a versão compacta do *chat*, não houve total revisão ortográfica e gramatical do texto, o que implica na ocorrência de “infrações” à língua padrão, muito naturais na interação *on-line*, pois, neste caso, privilegia-se a agilidade da comunicação.

P2: Olá, alunos...

P2: D.S., você está aí?

P2: Oi, João!

Al. (D.S.): D.M., gostaria se possível ,que me enviasse o seu E-mail novamente pois, minha filha desligou o computador quando ia copiar seu endereço.Grata!

Al. (P.N.): Olá professora

P2: J., por que não respondem?

P2: Ufa! Oi, P.N.! Até que enfim alguém me responde!

Al. (J.G.): Olá P2!

Al. (D.S.): SIM

P2: Oi, J.G.!

P2: Que nome diferente o seu!

Al. (P.N.): Não estou conseguindo acompanhar as atividades da sua disciplina...

Al. (J.G.): É latim

P2: Como estão de estudos? Entendendo a teoria?

P2: O que significa, J.G.?

Al. (D.S.): Não

Al. (J.G.): abertura

P2: Por que, P.N., o que está havendo que torna difícil estudar?

P2: Nossa, J.G., o significado é belo!

Al. (J.D.): Oi professora já estou aqui.

P2: Olá, .P.N.!

P2: Olá, J.D.!

P2: Diga, P.N., por que você está tendo dificuldades?

Al. (P.N.): nunca havia estudado na metodologia a distância... estou bem perdido... não consigo cumprir os prazos de entrega das atividades...

Al. (D.S.): idem

Al. (J.D.): Me ausentei para fazer um lanche.

P2: Entendo, P.N.. Até agora, houve apenas discussões em grupos, com os resultados registrados por escrito.

P2: qual é então a dificuldade?

P2: Os grupos não estão se organizando?

Al. (J.G.): Também estou com dificuldades de entrega das atividades, e não estou conseguindo contato com o grupo.

Al. (P.N.): estou muitíssimo perdido, pois não consegui fazer quase nenhuma atividade...

Al. (P.N.): principalmente as atividades em grupo...

P2: Vocês têm relatado isso à tutora?

Al. (P.N.): é difícil trabalhar em grupo a distância... rs

P2: Podemos pensar no que fazer. Por exemplo

Al. (J.G.): Eu não.

P2: Eu não , o quê, J.G.?

Al. (D.S.): Eu também

Al. (J.G.): Não repassei as dificuldades para tutoria.

P2: Pessoal, completem um pouco o raciocínio, para que eu possa entender sobre o que estão falando.

Al. (P.N.): eu também não falei com a tutoria

P2: é importante que repassem a ela as dificuldades,

P2: para que possamos resolvê-las...

Al. (P.N.): estou muito preocupado com o estudo, pois realmente não consegui me adaptar ainda

P2: Vou verificar como está o andamento das atividades e ver o que posso fazer a respeito.

P2: Sugestão a todos: 1a) entrem em contato com os grupos urgentemente;

Al. (P.N.): estamos tentando... mas... acredito que os demais estejam com a mesma dificuldade

P2: 2o) dêem os passos propostos na atividade que estiver acontecendo.

P2: 3o) estudem o texto proposto

Al. (D.S.): Estou achando muito difícil trabalhar em grupo.

Al. (P.N.): eu também estou achando muito complicado trabalhar em grupo

P2: Vocês viram os passos 1, 2 e 3?

P2: Respondam por favor.

Al. (J.D.): Da atividade 5?

Al. (J.G.): Se forem estes que vc colocou agora, sim.

P2: Não, esses passos que acabei de digitar.

P2: além de J.G., todos viram o que acabei de sugerir?

Al. (D.S.): Sim,eu também estou aqui

P2: D.S.? J.D.? M.M.? P.N.?

Al. (J.D.): sim, porém o primeiro passo está problemático de fato.

P2: Vou começar tudo de novo. Estão prestando atenção?

P2: Vou tentar mudar o roteiro de trabalho. Mas, com certeza, todos têm que estudar o texto de Carla Coscarelli, proposto

P2: na última atividade.

Al. (J.G.): A prova será abordado o texto entendendo a leitura e o que mais?

P2: Quanto aos grupos, vou mudar a proposta. Vocês terão conhecimento dela na próxima 4a feira.

P2: Todos entenderam?

Al. (J.G.): Sim.

Al. (J.D.): Agradecemos Prof.

P2: P.N., entendeu?

P2: Bom, vejam: vai cair na prova toda a matéria estudada para a primeira e ainda o texto "Entendendo a leitura".

P2: Por isso, vamos começar a discutir alguns aspectos nele tratados. OK?

Al. (J.D.): Ok.

P2: J.G.? P.N.?

Al. (J.G.): ok.

P2: P.N.?

P2: Atentem para a seguinte piada:

P2: Sherlock Holmes e o doutro Watson vão acampar. Após um bom jantar e uma garrafa de vinho, entram nos sacos de dormir e caem no sono.

P2: Algumas horas depois, Holmes acorda e sacode o amigo.

P2: Watson, olhe para o céu estrelado. O que você deduz disso?

P2: Depois de ponderar um pouco, Watson diz:
P2: Bem, astronomicamente, estimo que existam milhões de galáxias e potencialmente bilhões de planetas. Astrologicamente, posso dizer
P2: que Saturno está em Câncer. Também dá pra supor, pela posição das estrelas, que são cerca de 3h15 da madrugada... O que você me diz
P2: Holmes?
P2: Sherlock responde:
P2: Elementar, Watson, seu idiota! Alguém roubou nossa barraca!
P2: Leram?
Al. (J.D.): Sim
Al. (J.G.): sim
P2: Deu pra rir?
Al. (J.D.): um pouco.
Al. (J.G.): Também...
P2: rrsrs
P2: Estou rindo de a gente rir pouco da piada...
P2: Bom, vamos analisá-la, ok?
P2: Vocês conhecem os personagens?
Al. (J.D.): sim
Al. (J.G.): Sim.
P2: Acha que esse conhecimento é fundamental para a compreensão da piada?
P2: Ou seja, esses personagens contribuem para o humor?
Al. (J.G.): Sim.
P2: Vocês podem me dizer qual é o dado que promove o riso no leitor?
Al. (J.D.): Acho que não só para entender a piada mas para entender porque o Watson tentou respostas mais elaboradas
P2: Isso mesmo, J.D.!
Al. (J.D.): O Holmes está num nível intelectual bem acima
P2: Mas por que ele não percebeu o óbvio?
P2: Vejam que, para o leitor, falta uma informação.
Al. (J.D.): O Watson nunca pensaria no mais simples tendo em vista ser o Holmes o interlocutor
P2: Essa informação permitiria que o leitor deduzisse.
P2: Não sei se Watson deduziria...
P2: que informação é essa?
P2: Boa leitura, J.D.!
P2: Vejam agora a voz que narra a cena. Ela deixa de nos passar uma informação.
P2: Qual?
Al. (J.D.): Não sei
P2: J.D.?
P2: J.G.?
Al. (J.G.): Também não sei.
P2: Bom, os dois foram dormir, certo?
P2: Entraram em seus sacos, certo?
Al. (J.D.): certo
P2: Como saberíamos que estavam dentro da barraca?
P2: Não poderiam estar dentro dos sacos de dormir, mas ao ar livre?
Al. (J.D.): Acampar normalmente é com barracas?
P2: Vejam que essa ausência de informação deflagra o riso.
P2: Normalmente, mas não necessariamente...

P2: Assim, temos dois elementos importantes: o nível de conhecimento de Watson,
P2: como muito bem lembrou J.D.
P2: E uma informação meio dúbia.
P2: Do que se pode concluir
P2: que determinado efeito de sentido, neste caso, o humor
P2: depende do conhecimento do leitor, do que ele conhece e mantém no seu arquivo cultural,
P2: neste caso sobre os personagens Sherlock e Watson.
P2: e também de dados intra texto, como a ausência de determinada informação
P2: entenderam?
Al. (J.G.): Sim.
Al. (J.D.): já estamos na coerência externa, não é isso.
P2: Isso mesmo. A coerência de um texto depende de fatores internos e externos a ele.
P2: O leitor tem papel crucial na construção dessa coerência.
P2: Vamos, agora, passar a algumas frases ambíguas. Pode ser?
Al. (J.D.): perfeito.
P2: Janua?
Al. (J.G.): sim.
P2: Frase 1: Os traficantes fizeram o primeiro contato com a família do empresário seqüestrado no dia 05 de novembro.
P2: Vocês podem dizer qual é a ambigüidade?
Al. (J.D.): o prazo pode se referir ao sequestro ou ao contato.
Al. (J.G.): PORque traficantes e não sequestradores?
P2: Certo, J.D.!
P2: J.G., embora pudesse haver esse dado com mais especificidade, eles não trazem conflito para a interpretação.
P2: J.D., corrija a frase, de forma a tirar a ambigüidade.
P2: vamos lá...
Al. (J.D.): Os trficanos fizeram o pimeiro contato no dia 05 de nov. com a família do emp...
P2: Ótimo...
P2: Frase 2: O cadáver foi encontrado perto do banco.
Al. (J.D.): ou colocar entre vírgulas
P2: Onde se encontra a ambigüidade?
P2: Arrisque a resposta, J.G.
Al. (M.M.): No banco?
Al. (J.D.): Eu sei a resp.
P2: Oi, M.M., silenciosa até agora... Pensei que não estivesse aí...
P2: É a mesma que M.M. sugeriu, J.D.?
Al. (J.G.): o banco pode ser assento ou instituição
P2: Ótimo, J.G.
Al. (J.D.): O banco pode ser o da praça ou o estabelecimento
P2: J.G., então, corrija a frase, tirando a ambigüidade.
P2: Certo, J.D.
P2: a Coragem J.G.
Al. (J.G.): O cadáver foi encontrado perto do Banco do Brasil na Rua Tamoios.
P2:!
P2: Ficou ótimo, J.G.!
P2: Frase 3: Carlos exigiu o livro de Pedro.
P2: E agora?
P2: M.M., resolva essa.
P2: Nossa, que silêncio!!!

Al. (M.M.): Um momento,por favor

P2: Oi, P.O., bem vindo/!

P2: !

Al. (J.G.): Carlos exigiu de Pedro, o livro.

Al. (M.M.): Carlos exigiu que Pedro devolvesse o livro que havia emprestado a ele há quase um mês.

Al. (J.D.): O livro pertence a pedro ou pedro é o autor do livro.

Al. (P.O.): Boa noite

P2: Estão ótimas as respostas.

P2: Boa noite, P.O.. Olhe, estamos estudando frases ambíguas.

Al. (M.M.): Ah, que bom!!

P2: Bem, até agora vimos três frases que apresentam ambigüidade como se fosse um erro, não é mesmo?

P2: Mas nem sempre é assim.

P2: Há vezes em que ela é usada propositalmente, para produzir determinado efeito de sentido.

P2: Vamos ver algumas, certo?

Al. (J.D.): td bem.

P2: Vejam este slongan de uma propaganda de assinatura de jornal:

P2: No dia dos pais, dê notícias ao seu pai.

P2: O que vocês acham?

P2: Vamos, lá, P.O., opine!

P2: J.D., J.G., M.M., vamos lá...

Al. (J.D.): sugere assinar o jornal ou ligar para ele ou os dois.

Al. (J.G.): Pode ser comprar o jornal ou mandar informações a respeito do filho.

P2: Muito bom!

P2: a ambigüidade foi um bom recurso ali?

Al. (J.D.): sim

Al. (J.G.): Trabalho de marketing.

P2: J.G., mandar ou receber? Ou o filho mandar informações a respeito de si mesmo?

Al. (P.O.): A intenção é premiar meu pai com uma assinatura, má pode ser também eu escrever ou telefonar para ele, dando notícias

P2: Ótimo, P.O.!

P2: Vejam como a ambigüidade produziu um efeito de apelo afetivo e ao mesmo tempo de promoção do jornal.

P2: Agora, outra, também de propaganda, agora de anéis e brincos.

P2: A partir de agora, os solitários nunca mais vão ficar sozinhos.

P2: O que vocês acham?

Al. (J.G.): Deveremos ter prévio conhecimento acerca do anel solitário.

P2: Muito bem, J.G.!

Al. (J.D.): se não fosse a primeira frase não seria possível entender

P2: Qual primeira frase?

Al. (M.M.): Pode ser que fabricaram brincos que acompanham o mesmo modelo do anel, seria isso?

Al. (J.D.): a que informa sobre anéis e brincos

P2: Ah, J.D., o contexto possibilita a compreensão, não é? Está certo, essa informação está no suporte do texto.

P2: M.M., acho que sua interpretação não está correta.

Al. (M.M.): ok.

P2: Quais são os sentidos para solitários?

Al. (J.D.): exatamente se é um anúncio de joias a segunda bastaria
 Al. (P.O.): sozinhos?
 P2: De que segunda você fala, J.D.?
 P2: Paulo, sozinhos é um dos sentidos. O outro é a joia?
 Al. (J.G.): serão dados de presente, terão a companhia de quem ganhou o presente
 P2: alguém poderia, então, traduzir o slogan?
 P2: Isso, J.D.
 Al. (J.D.): a segunda que me refiro é frase " A partir de agora.....
 P2: Também o inverso, não é? Quem ganhou o presente, porque o ganhou de alguém, não estará mais solitário. o presente é uma jóia ligada a compromisso amoroso.
 P2: J.D., o 'a partir de agora' é um dado que demarca o território, ou seja, o momento da entrega da jóia define que o período de solidão terminou.
 P2: Vamos ao último slogan, agora de uma escola de idiomas:
 Al. (J.D.):
 P2: Dessa escola todo mundo sai falando bem.
 P2: Qual é a ambigüidade?
 Al. (J.D.): Sai falando potuguês segundo a norma culta...
 Al. (M.M.): sai falando bem
 P2: E...?
 Al. (J.D.): ou sai elogiando
 P2: Repetir não vale, M.M.
 P2: Isso, J.D..
 Al. (J.G.): Falar bem da escola ou por estudar na escola aprende-se com segurança o idioma.
 P2: Certo, J.G.
 P2: Vejam que corrigimos as primeiras frases, mas não propus a vocês que corrigissem os slogans, certo? Por quê?
 Al. (M.M.): Dessa escola, todos saem falando o inglês fluentemente.
 Al. (J.D.): Pois foram intencionais
 P2: Este é um sentido, M.M., falta outro.
 P2: isso, J.D.
 P2: Alguém tem alguma dúvida sobre essas questões sobre as quais pensamos agora?
 Al. (J.D.): queriam cuasar determinado efeito no interlocutor, recurso de quem domina a linguagem
 Al. (J.G.): Não.
 P2: Vejam que tratamos na prática o que Carla Coscarelli teoriza.
 P2: Continua pensando corretamente, J.D.
 P2: Ler é, então, um processo do qual fazem parte o leitor com seus conhecimentos prévios.
 P2: O texto é um discurso coerente, para o que contribue o saber do leitor.
 P2: Continuem lendo, observando os jogos lingüísticos, as ambigüidades, como se dá a coerência, etc.
 P2: Termina por aqui a aula.
 P2: Nos encontramos no sábado, certo?
 P2: Gostei muito das participações de vocês.
 Al. (J.G.): Obrigada e boa noite!
 Al. (J.D.): Ok professora boa noite!
 P2: P.O. e M.M., da próxima vez, quero ouvi-los mais!
 Al. (P.O.): OK, até lá então, boa noite a todos e boas provas
 Al. (J.G.): Porque??? Sábado tem outro encontro on line?
 Al. (M.M.): Ok, professora! Obrigada e até sábado. Uma boa noite a todos!

ANEXO E – Roteiro da entrevista realizada com P1

- 1) Fale sobre sua experiência na EAD. Quando começou, de quais cursos participou, etc.
- 2) Como é sua experiência com a tecnologia digital, fora do espaço da instituição? No seu dia-a-dia, você participa de chat, MSN, por exemplo?
- 3) Nas atividades da EAD, podemos perceber uma organização e funcionamento semelhante à sala de aula presencial? Na sua opinião, na EAD, o que mais se assemelha e o que mais se distancia ao ensino presencial? Justifique.
- 4) Quais são as formas de interação (presenciais e não presenciais) previstas para o funcionamento da disciplina Produção e Compreensão de Texto e como (e com que frequência) os alunos, os tutores e você participam delas?
- 5) Você avalia que algumas dessas formas de interação são mais usadas pelos alunos? Em caso afirmativo, opine sobre a provável causa disso.
- 6) Em qual recurso interativo há maior participação das tutoras e da professora?
- 7) Como se insere o encontro on-line nas atividades da disciplina Produção e Compreensão de Texto? Em outras palavras, o que seria esse encontro, para que serve, como funciona? Para os encontros há definição de alguma tarefa ou orientação anterior para os alunos? Qual?
- 8) Para o encontro on-line existe algum tipo de preparação pelo professor, à semelhança do que ocorre na preparação de uma aula presencial? Você já traz algum material, pressupondo o questionamento dos alunos?
- 9) Em termos de números, normalmente, como é a participação dos alunos nos encontros?
- 10) A participação dos alunos nos encontros é avaliada na disciplina?
- 11) No encontro on-line, os alunos interagem entre si ou somente com a professora? Se há interação, ela pode ser classificada como uma conversa paralela ou colaborativa?
- 12) Como você lida com as várias entradas, questões simultâneas dos alunos no encontro on-line? Você responde a todos? É possível atender a todas? Como define qual resposta atender?
- 13) Quando ocorre o silêncio no espaço on-line ou há demora na resposta/manifestação do aluno, isso a incomoda? O que passa pela sua cabeça nesse momento? Como você reage a isso?
- 14) No encontro on-line, você percebe alguma dificuldade dos alunos causada pela falta de habilidade deles com os recursos proporcionados pelo sistema?
- 15) Como é a participação das tutoras nos encontros on-line?
- 16) As questões levantadas pelos alunos são respondidas apenas pela professora, ou há, também, colaboração entre alunos?

- 17) É possível perceber se os alunos se sentem à vontade nesse ambiente virtual? Justifique.
- 18) É possível perceber se os alunos da disciplina se sentem integrantes de uma comunidade, como ocorre, muitas vezes, no ensino presencial? Justifique.
- 19) Há demonstrações do desejo de se conhecerem?
- 20) Depois que ocorre o primeiro encontro presencial, realizado para provas, você notou alteração na interação entre os alunos? Justifique.
- 21) Quantos encontros on-line acontecem por semestre?
- 22) Havendo necessidade podem-se marcar outros?
- 23) Como essa “necessidade” é percebida na EAD?
- 24) Em sua opinião, didaticamente, com relação à preparação da aula, há semelhança entre a aula presencial e os encontros on-line da EAD? Justifique.

ANEXO F – Roteiro da entrevista realizada com T1 e T2

- 1) Fale sobre sua experiência na EAD. Quando começou, de quais cursos participou, etc.
- 2) Como é sua experiência com a tecnologia digital, fora do espaço da instituição? No seu dia-a-dia, você participa de chat, MSN, por exemplo?
- 3) Nas atividades da EAD, podemos perceber uma organização e funcionamento semelhante à sala de aula presencial? Na sua opinião, na EAD, o que mais se assemelha e o que mais se distancia ao ensino presencial? Justifique.
- 4) Quais são as formas de interação (presenciais e não presenciais) previstas para o funcionamento da disciplina Produção e Compreensão de Texto e como (e com que frequência) os alunos, os professores e vocês tutoras participam delas?
- 5) Você avalia que algumas dessas formas de interação são mais usadas pelos alunos? Em caso afirmativo, opine sobre a provável causa disso.
- 6) Em qual recurso interativo há maior participação das tutoras e da professora?
- 7) Como se insere o encontro on-line nas atividades da disciplina Produção e Compreensão de Texto? Em outras palavras, o que seria esse encontro, para que serve, como funciona? Há definição de alguma tarefa ou orientação anterior para os alunos? Quais?
- 8) Como é a participação das tutoras nos encontros on-line?
- 9) Para o encontro on-line existe algum tipo de preparação pelo tutor? Você já traz algum material, pressupondo o questionamento dos alunos?
- 10) Em termos de números, normalmente, como é a participação dos alunos nos encontros?
- 11) A participação dos alunos nos encontros é avaliada na disciplina?
- 12) No encontro on-line, os alunos interagem entre si ou somente com a professora e com a tutora? Se há interação, ela pode ser classificada como uma conversa paralela ou colaborativa?
- 13) Como você lida com as várias entradas, questões simultâneas dos alunos no encontro on-line? Você responde a todos? É possível atender a todas? Como define qual resposta atender?
- 14) Quando ocorre o silêncio no espaço on-line ou há demora na resposta/manifestação do aluno, isso a incomoda? O que passa pela sua cabeça nesse momento? Como você reage a isso?
- 15) No encontro on-line, você percebe alguma dificuldade dos alunos causada pela falta de habilidade deles com os recursos proporcionados pelo sistema?
- 16) As questões levantadas pelos alunos são respondidas apenas pela professora, pelas tutoras ou há, também, colaboração entre alunos?
- 17) É possível perceber se os alunos se sentem à vontade nesse ambiente virtual? Justifique.

- 18) É possível perceber se os alunos da disciplina se sentem integrantes de uma comunidade, como ocorre, muitas vezes, no ensino presencial? Justifique.
- 19) Há demonstrações do desejo de se conhecerem?
- 20) Depois que ocorre o primeiro encontro presencial, realizado para provas, você notou alteração na interação entre os alunos? Justifique.
- 21) Quantos encontros on-line acontecem por semestre?
- 22) Havendo necessidade podem-se marcar outros?
- 23) Como essa “necessidade” é percebida na EAD?
- 24) Em sua opinião, didaticamente, com relação à preparação da aula, há semelhança entre a aula presencial e os encontros on-line da EAD? Justifique.

ANEXO G – Roteiro da entrevista realizada com os alunos

- 1) Conte sobre sua experiência na EAD. Quando começou, de quais cursos participou, etc.
- 2) Como é sua experiência com a tecnologia digital, fora do espaço da instituição de ensino? No seu dia-a-dia, você participa de chat, MSN, por exemplo? Com qual frequência?
- 3) Quais são as formas de interação (presenciais e não presenciais) previstas para o funcionamento das disciplinas ofertadas virtualmente e como (e com que frequência) vocês, alunos, os tutores e professores, participam delas?
- 4) Você avalia que algumas dessas formas de interação são mais usadas por vocês alunos? Em caso afirmativo, opine sobre a provável causa disso.
- 5) Em qual recurso interativo há maior participação das tutoras e da professora?
- 6) Como você percebe os encontros on-line (os chats)? Em outras palavras, o que seria esse encontro, como você se sente (à vontade, tímido, pertencente a um grupo), para que servem e como funcionam?
- 7) Você se sente integrante de uma comunidade, como ocorre, muitas vezes, no ensino presencial? Justifique.
- 8) Você percebe nos colegas demonstrações do desejo de se conhecerem?
- 9) Depois que ocorre o primeiro encontro presencial, realizado para provas, ocorre alteração na interação entre os alunos? Justifique.
- 10) Para os encontros on-line, os alunos recebem a definição prévia de alguma tarefa ou orientação sobre conteúdo que será discutido, ou seja, vocês vão preparados para a matéria a ser abordada nos encontros?
- 11) Nos encontros on-line, os alunos interagem entre si ou somente com a professora e tutora? Se há interação entre os alunos, ela seria, na sua opinião, classificada como uma conversa paralela ou colaborativa?
- 12) Como você lida com as várias entradas, questões simultâneas dos alunos nos encontros on-line? Você consegue acompanhar tudo ou em algum momento você se perde?
- 13) Durante o chat, ocorre com frequência o silêncio ou a demora na resposta/manifestação dos alunos? Em caso afirmativo, isso lhe incomoda?
- 14) Nos encontros on-line, você vivenciou alguma dificuldade causada pela falta de habilidade com os recursos proporcionados pelo sistema?
- 15) Como é a participação das tutoras nos encontros on-line?
- 16) E a participação da professora?
- 17) As questões levantadas pelos alunos são respondidas apenas pela professora, também pela tutora, ou há, também, a colaboração entre vocês alunos?
- 18) Em sua opinião, na EAD, o que mais se assemelha e o que mais se distancia do ensino presencial? Justifique.

19) Na sua opinião, o que, na EAD, mais representaria a aula, o que mais se assemelharia à aula presencial? Justifique.

ANEXO H – Transcrição da entrevista realizada com P2

Transcrição de áudio. Data de gravação: 07/11/2008

Tempo: 35h55min

Entrevistada: P2

1- Pergunta: Me fale um pouco sobre sua experiência na EAD. Quando começou, de quais cursos participou, etc.

Resposta: Minha experiência é recente, não, mentira, há algum (um) tempo houve um curso e foi até a professora Juliana que me convidou para ministrar uma matéria relacionada a literatura. Então a primeira experiência eu tive muita dificuldade, para lidar com essa novidade, depois mais recentemente, o ano passado eu trabalhei, semestre passado com uma disciplina de leitura de textos. Aí eu construí todo o material, aí eu achei uma coisa mais interessante, eu fiz muito encontros *on-line*, pois eu sinto falta da conversa com o aluno, eu sinto falta dessa conversa com o aluno e fiz de maneira que o curso fosse mais prático e eu gostei muito. Neste semestre, eu estou substituindo a professora S.B, e a matéria é dela, todo o material é dela, ela é uma professora muito rica, de muitos conhecimentos. E quando o material não é da gente, a agente sente uma certa dificuldade para lidar com ele. Então eu estou apenas substituindo, acompanhando aquilo que ela propõe, as atividades que ela propõe. Então vamos dizer que a minha experiência seja de três matérias, essa é a terceira matéria que ministro a distância.

2- Pergunta: Como é sua experiência com a tecnologia digital fora do espaço da EAD? No seu dia a dia você participa de chats, MSN, por exemplo?

Resposta: Muito pouco, muito pouco. MSN de vez em quando, com um amigo ou outro, mas eu sou meio relutante com essa tecnologia. Por exemplo, um amigo, outro dia, eu convidei pra tomar uma cerveja, mas ele disse: – Eu não posso, estou sem tempo. E, quando eu cheguei em casa, ele me convidou para entrar no MSN, aí eu falei: “Seu desafortado, a agente não pode tomar cerveja, mas pode entrar no MSN”. Aí ele disse pra mim: “Enquanto eu estou no MSN, eu fico trabalhando”. Aí eu disse pra ele: “Não, obrigada, eu não quero”. Eu sei que é uma coisa do futuro e muito presente, mas eu tenho uma certa resistência. Por exemplo, minha filha mora longe de mim, e eu não converso com ela via MSN. A gente se telefona todos os dias praticamente, mas a gente não conversa via MSN; e poderíamos, né?

3- Pergunta: É um sentimento seu?

Resposta: É um sentimento de que o mundo está se favorecendo para as distâncias. Eu acho que os afetos têm a ver com o corpo, com a proximidade, e as pessoas se acomodam nessa distância. Para que o esforço de sair para encontrar com alguém, se eu posso conversar da minha casa com o outro? (...) Eu acho que é inevitável, estou lutando contra o inevitável, mas... não consigo me adaptar muito bem a isso.

4- Pergunta: Nas atividades da EAD, podemos perceber uma organização e funcionamento semelhantes a uma sala de aula presencial?

Resposta: Não. Acho que é completamente diferente. Primeiro, você discute com os alunos em sala de aula, você não discute pela internet. Você não conversa com eles sobre as coisas que foram colocadas. Para você ter uma idéia, se não fosse por uma proposta minha, eu nunca saberia nada sobre os meus alunos. Eu propus a eles que escrevessem uma memorial pra mim, para saber como eles são a própria vida, e eu descobri que eu tinha um aluno que morava em meio à floresta, no Pará. E eu nunca saberia disso se não fosse esse memorial. Você não sabe nada do aluno, nada, nada, nada. Você não vê o aluno, não o percebe como ser humano. Eu

acho, sabe? Ele é alguém que lê os textos que você pede, responde às questões, e, não muito mais do que isso.

5- Pergunta: Então se eu continuasse a pergunta, na sua opinião, EAD, o que mais se assemelha e o que mais se distancia do ensino presencial? (4 minutos e 1 segundo)

Resposta: Eu acho pouquíssima, pouquíssima. Eu acho que algumas coisas se assemelham. Tipo assim, por exemplo: eu não tenho convicção de que o meu aluno aprende de verdade, eu tenho determinados parâmetros, tanto presencialmente quanto virtualmente. Mas virtualmente eu tenho menos ainda, eles têm o recurso de fazer uma prova presencial. Mas eu acho que, no debate, o aluno pode participar do debate ou não participar, ele pode entrar, mas isso não é um quesito do funcionamento do curso. E presencialmente você pega mais o aluno, você consegue compreender mais a pessoa que ele é, o nível de aprendizado que ele tem. Eu acho que no ensino a distância há uma perda humana muito grande. Agora ela tem vantagens. Por exemplo, esse meu aluno que mora próximo à Floresta Amazônica, mas pode fazer o curso em Belo Horizonte.

6- Pergunta: O encontro on-line, ele não é avaliativo, não é?

Resposta: Ele pode ser, e pode não ser, é uma opção do professor. Mas como você sabe que nem sempre o computador vai funcionar naquela hora. Há alunos que não têm computador em casa, eles vão à prefeitura, à escola, à *lan-house*. Então nem sempre é possível o encontro simultâneo. Então geralmente a gente pede trabalho em grupo, por exemplo, que não é simultâneo. Você entra agora com a sua opinião, com o seu estudo, e o outro entra daqui a pouco, e o outro entra daqui a três dias. Porque a simultaneidade é difícil, há muitos motivos pelos quais os alunos não poderiam entrar naquele momento. Os alunos me pediram, uma vez, para dar uma aula no curso que dei, que era meu, sábado, às dez horas da noite, porque eles conversaram entre eles, e a prefeitura de determinado lugar, eu não sei onde, liberaria àquela hora, porque durante o dia era impossível. Todas as pessoas trabalhavam com os computadores, e a prefeitura liberou sábado à noite.

7- Pergunta: Por que tinha pensado comigo mesma, se fosse avaliativo, se todos entrariam e isso não facilitaria.

Resposta: Nesse sentido, facilitaria, mas a máquina prevê problemas. Embora a gente tenha problemas presencialmente, o pneu do carro fura. De forma geral, você consegue agregar todo mundo em um horário.

8- Pergunta: Quais são as formas de interação (presenciais e não presenciais) previstas para o funcionamento da disciplina Produção e compreensão de textos? E como, e com que frequência, os alunos, os tutores e você participam delas?

Resposta: Presencialmente, eu tenho experiências melhores com produção de textos. Por exemplo, eu tenho uma sala onde eu preparo alunos para o vestibular. Os meus alunos fazem e refazem o texto, até esgotarem, até aprenderem. Eles fazem o texto oito vezes, dez vezes. Na universidade, como o número de alunos é maior, em algumas matérias eu faço isso. O aluno faz uma vez, duas vezes, três vezes, mas também não faço isso com todos, pois, senão, não dou conta de corrigir. Mas há a possibilidade da feita e da refeita com as minhas explicações, porque, quando você vai explicar para um aluno: “olha, tem uma vírgula aqui”, aí, o aluno pensa: “por quê?” Eu digo: “Eu quero que você pense, fale pra mim essa frase em voz alta”, aí ele fala. Está vendo como tem necessidade, pela entonação? E eu não consigo fazer isso pela internet, a entonação do texto. Eu já tentei pedir em meu outro curso: “Leia em voz alta, veja a entonação”, mas eu percebia que não havia nenhum retorno e nenhum comentário sobre aquela atividade, quando eu ensinei pontuação. Porque eu tenho uma forma

de ensinar pontuação em que o aluno vai... é porque a língua portuguesa tem picos. Por exemplo, quando você fala assim: Ontem eu estava muito cansada, aí eu resolvi viajar. Olha como a voz sobe e desce. Nesse sobe e desce tem uma vírgula. Quando tem serra, você fechou o movimento de montanha. Aí você põe um ponto, aí eu ensino pro meu aluno com o texto, eu desenho a montanha e ponho a frase dele subindo a montanha e fechando. Eu tentei fazer isso na internet, mas não deu o resultado que eu esperava. Os alunos não comentavam, só falavam: “Que esquisito esse tipo de montanha.” Agora, aqui no corpo a corpo com o aluno, frente a frente, eu consigo mostrar isso para o aluno. A minha voz faz a entonação, aí eu peço para ao aluno que leia, aí ele lê. Eu percebo muitas vezes que ele não pontua porque ele não sabe ler, não tem entonação para ler. Aí eu falo: “Não, vamos aprender a ler”. Lá na minha sala, eu ando com os meus alunos no corredor para eles lerem junto comigo. Então, há atividades que só frente a frente você consegue fazer, e acho que a perda na internet é maior. Agora a provas escritas, na internet ou perto de mim, dá na mesma. Mas o processo presencial eu acho melhor. Você acompanha e tem condições de acompanhar o aluno de perto, pegando o texto dele, pegando na mão dele, no olho dele, pra ele processar e te apresentar o movimento do aprendizado. E pela internet eu acho muito mais difícil isso.

9- Pergunta: Pela internet, quais são as formas e interação não presencial utilizadas na disciplina?

Resposta: Primeiro eles fazem os trabalhos em grupo. As leituras que eles fazem e devolvem com resenhas, por exemplo, os encontros *on-line* e a prova presencial. E você nem sabe quem é seu aluno, porque eles juntam todos os alunos de todos os cursos para fazerem a prova em um mesmo dia. Ou seja, quando você teria uma oportunidade para conversar com os seus alunos, você não tem. Porque eu tentei fazer isso, sábado retrasado, quando eu fui para a aula presencial. Eu perguntei: “Quem são os meus alunos?” E eu estava em uma sala onde os alunos nem eram meus, eles fazem provas em vários lugares também, provas m Arcos, Sete Lagoas e Belo Horizonte, Betim, aí você perde os alunos mesmo.

10- Pergunta: Você avalia que algumas dessas formas de interação são mais usadas pelos alunos? Em caso afirmativo, opine sobre a provável causa disso.

Resposta: Eu acho que os trabalhos em grupo eles utilizam mais, acho isso porque os trabalhos são avaliados, porque os encontros *on-line* não são avaliados e eles entram menos. Embora, para falar a verdade, na minha matéria semestre passado, a quantidade de alunos que entravam era muito grande. E foi uma participação muito boa. E uma parte interessante é que tinha uma menina que ria sem parar, ironizava os colegas pelas respostas deles. Eu acho que o mais proveitoso é o encontro *on-line*. Mas acho que eles participam mais nos trabalhos em grupo.

11- Pergunta: Em qual recurso interativo há maior participação das tutoras e da professora?

Resposta: Da professora, nos encontros *on-line*, e todos os recados e mensagens eletrônicas passam pelas tutoras. Caso haja um problema maior, a tutora encaminha para mim. Isso distancia ainda mais o aluno da gente. A tutora está ali para exatamente para fazer a primeira triagem, e aí, caso haja algum problema maior, ela encaminha para mim, mas elas discutem tudo com eles. Agora eu não deixo as minhas tutoras corrigirem os trabalhos. Eu é que corrijo, mas há professores que deixam nas mãos do tutores a correção, mas eu não deixo.

12- Pergunta: Como se insere o encontro on-line nas atividades da disciplina Produção e compreensão de textos? Em outras palavras, o que seria esse encontro on-line, para

que serve e como funciona? Para o encontro que filmamos no dia 20/10, houve a definição de alguma tarefa ou orientação anterior para os alunos e qual foi?

Resposta: No meu caso, o encontro *on-line* serve para eu costurar a matéria dada, os textos que eles leram. Primeiro eu quero saber se eles têm alguma dificuldade, se estão passando por algum problema, isso é geralmente o que eu pergunto primeiro. Mas é para eu costurar os conhecimentos que foram passados a eles pelos textos. De antemão, eu falo com eles quais são os textos que irão para o encontro *on-line*; foram os textos lidos de tal período a tal período, por exemplo. Aí eles vão pra lá com dúvidas e perguntas. Como eu já sei, como professora, que nem sempre eles lerão os textos e nem sempre eles têm perguntas, eu levo um material, como eu levei dessa vez. Por exemplo, piadas, uma peça publicitária, levo um objeto de análise compatível com os textos que eles leram, aí eu consigo movimentar bem a aula.

13-Pergunta: Para o encontro on-line, existe algum tipo de preparação pelo professor a semelhança do que ocorre na preparação de uma aula presencial? Você já traz algum material pressupondo o questionamento dos alunos?

Resposta: Eu trago material como eu disse, mas eu preparo melhor as minhas aulas presenciais. Primeiro, porque das minhas aulas presenciais fazem parte os textos teóricos com os quais eu trabalho. Então eu levo para minha aula presencial os textos teóricos, o texto literário, é o todo, um *corpus* mais consistente para aquelas aulas. Enquanto que, nos encontros *on-line*, eu vou tirar as dúvidas daquilo que eles já leram, eu vou costurar aquilo que já foi feito. Eu não tenho uma aula em si preparada. Agora vale dizer que isso é para esse curso que eu estou dando agora. Porque, para o curso que eu dei antes, uma das aulas mais importantes que eu dei foi um aula completamente preparada para o encontro *on-line*. Ela foi um sucesso, a ponto de outros professores de cursos virtuais dessa Instituição utilizarem. Por exemplo, quando a instituição de ensino quer vender o trabalho virtual, ela leva a minha aula para mostrar. Eles me pediram autorização para utilizar com exemplo, como funciona, para esclarecer algumas dúvidas. Eu estou seguindo o que a professora S.B. propõe, mas no meu curso foi diferente, eu tive com meus alunos cinco encontros *on-line*, trabalhando com cinco textos diferentes: Um foi carta, outro foi peça publicitária, o outro foi um editorial, o outro foi poema. Aí eu dei aula junto com eles, só que eles participando o tempo todo, uma aula bem interativa. Teve uma aula muito famosa, era uma aula com setas, aí eu ia desmontando o texto eu fiz uma brincadeira, eu peguei um poema e perguntei a eles onde eles colocariam tal verso ou tal palavra. É engraçado porque dava diferença de respostas, mas ficava bem no texto, aí eles riam e colocavam kkkkkkkkkk! Que é o riso né?! E eu acho a coisa mais engraçada. Kkkkkkkk, a menina colocava e ficava engraçado naquela construção, eles batiam bastante boca entre eles, discutiam bastante entre eles. Então, essa informação, vamos dizer, uma coisa menos viva, vale para o curso de agora. Para o curso anterior, eu preparava a aula como eu preparo para as minhas aulas ao vivo.

14-Pergunta: No encontro que nós filmamos, você utilizou um livro de apoio, de onde retirou exemplos que digitou para os alunos. Esse é um recurso que você utiliza com frequência nas aulas presenciais?

Resposta: Eu tenho uma coleção didática que eu fiz para um cursinho, de língua portuguesa, e nessa coleção eu trabalho bastante com os gêneros. Como esse curso é leitura e compreensão de textos, eu peguei desse meu material, e levei para lá. Isso é uma prática que eu tenho, porque, inclusive, eu ganho tempo com isso. Aquilo que eu preparo para determinado curso eu levo pra outro. Às vezes, o enfoque é diferente. Por exemplo, essas piadas eu tirei do material do 3º ano do ensino médio, que está muito perto da universidade também. Às vezes eu pego um material que eu trabalhei na 8º e levo para a universidade. Por exemplo, às vezes eu pego uma crônica que eu trabalhei no ensino médio, mas quando eu trago para a Letras, é

para ensinar ao meu aluno como trabalhar com crônica. Eu mudo o processamento do aprendizado, aquilo que é o meu objeto de análise de trabalho. Então é uma prática, às vezes eu retiro de textos que eu já encontro prontos, aí geralmente eu cito a fonte. Ah, esse texto eu encontrei no livro da Costa Val. Mas quando o texto é meu mesmo, eu não falo nada, eu vou apenas utilizar o material.

15- Pergunta: Quantos alunos participaram do encontro on-line filmado?

Resposta: Nesse foram pouquíssimos, cinco alunos, foram poucos.

16- Pergunta: Em termos de números, normalmente como é a participação dos alunos nos encontros?

Resposta: No primeiro curso que eu dei, geralmente participavam 15 alunos, 20. Mas eles espalharam que foi bom, e no seguinte tinha muita gente, o que me motivava. Eu mandava recados para eles, chamam-se avisos lá. Exemplo: “Vai ter um encontro muito interessante, não falte”. Eu ficava convidando os alunos para participarem. Agora nesses têm sido muito poucos, mas a professora S.B. me contou que uma vez era impossível ela trabalhar de tanto aluno. Como eram tantos alunos e eles palpitavam tanto, eu tive que estabelecer assim: “eu vou falar”, ela me dizia, “agora quem vai falar sou eu. Depois que eu falar todos vocês podem perguntar”, porque ela não conseguia dar aula de tanto que eles perguntavam. Então, não é comum poucos alunos. Há encontros dos quais participam muitos alunos.

17- Pergunta: A próxima pergunta seria com relação à avaliação do encontro on-line, que você já respondeu que fica a critério do professor se o encontro será avaliado ou não. É isso?

Resposta: É isso.

18- Pergunta: No encontro on-line, os alunos interagem entre si, ou somente com a professora?

Resposta: Eles interagem entre si.

19- Pergunta: Se há a interação, ela pode ser classificada como uma conversa paralela ou pode ser colaborativa?

Resposta: Ela só é colaborativa. No começo do encontro *on-line*, eles conversam entre eles, uma conversa paralela... “Fulano, gostei daquilo que você falou, me passa seu telefone” (...) e no final também. Mas, a partir do momento em que eu determino que a aula começa, eles não conversam mais paralelamente. Quem chega atrasado fala boa noite, bem-vindo, mas logo a pessoas se encaixam e não tem conversa paralela.

20- Pergunta: Como você lida com as várias entradas e questões simultâneas dos alunos no encontro on-line? Você responde a todos? É possível atender a todos? E como define qual a qual pergunta responder, no caso de muitos alunos participando? (Eu imagino que deve ser complicado manter....)

Resposta: Eu tive uma situação ótima semestre passado, no meu curso, pois eu tinha um aluno que queria discutir paradigma, qualquer matéria que eu ensinava ele falava: “V.L., isso é um paradigma?” Ele era muito engraçado, eu respondia o que era paradigma, dei um exemplo e ele não parava. Aí eu cortei, falei: “João, volte-se para a matéria”. Aí, a L. (essa que ria muito) falava: “Kkkkkkkkkk, João, você levou uma cortada da professora”. Aí, a gente voltava para a discussão, e daqui a pouco ele entrava com o “raio” do paradigma de novo, e eu dizia: “João, vamos voltar para a nossa matéria”. Depois de determinado momento, eu parei. Ele perguntava, eu não respondia... Eu conversava com outros, como a gente age

mesmo presencialmente. Você atende um aluno, e quando ela passa do limite, você nem atende mais, ou você fala, vamos deixar isso para a próxima aula. Os absurdos não são diferentes, as conversas não são diferentes do presencial, a maioria fica dentro daquilo que a gente está trabalhando.

21- Pergunta: Profa. V.L., e quanto ao silêncio? Quando ocorre o silêncio no espaço on-line ou quando há demora na resposta, na manifestação do aluno, isso chega a incomodá-la? E o que passa pela sua cabeça nesse momento? Como você reage?

Resposta: Me incomoda, eu vou acordando eles: “Fulano, você está aí ainda? Olha, eu vou esperar, enquanto você não responder eu não continuo”. Aí ele acaba entrando um pouco, outro responde, e aí eu falo: “Não, espera, que o fulano vai falar”. Eu fico tentando controlar a participação. Como é uma aula interativa, eu não tenho que expor matéria para depois eles conversarem comigo, eu quero que eles venham conversando, eles já leram, já sabem sobre o que é a conversa. Então a questão ali é mesmo participar, não é como uma aula expositiva, a interação é que é importante, eu vou provocando os alunos para eles participarem.

22- Pergunta: No encontro on-line você percebeu alguma dificuldade nos alunos causada pela falta de habilidade deles com os recursos proporcionados pelo sistema?

Resposta: Inúmeras, eles não fazem trabalho em grupo... Vale dizer que a instituição de ensino os prepara, eles têm um período de preparação antes de o curso começar, muitos deles não participam e as consequências são gravíssimas: eles perdem nota, eles perdem trabalho, eles querem entregar a prova depois, eles querem mandar pelo correio, e a gente não pode deixar, tudo tem que ser pelo mecanismo virtual. Se eles se preparassem, eles teriam menos dificuldades, mas, como não se preparam, boa parte deles... a gente já verificou isso, eu acho que a instituição deveria fazer até um estudo, é porque eles não se preparam pra lidar com a máquina.

23- Pergunta: Como é a participação das tutoras nos encontros on-line?

Resposta: Se elas querem. Como a T2 trabalha à noite, e meus encontros têm sido à noite, ela não tem participado, mas eu acho que muitas vezes eles participam se eles podem, esses... são muito interessantes, eles estudam a matéria, eu só trabalhei com dois. A Í. e agora a T2, são atentos, a T2 quer corrigir, eu é que não deixo. Ela verifica pra mim as entradas, as conversas dos grupos, ela faz intromissões. Por exemplo, se um aluno está lendo errado, ela discute com ele. Essa parte eu não faço, poderia fazer também, não faço. Mas a correção mesmo do material, isso vem pra mim e eu devolvo com observações pra eles.

24- Pergunta: E são muitos trabalhos....

Resposta: Agora eu estou com uns 80 alunos, mas são mais, isso é porque eles fazem muitos trabalhos em grupo, porque se fosse individualmente eu estaria perdida.

25- Pergunta: As questões levantadas pelos alunos são respondidas pela professora ou há também colaboração entre os alunos?

Resposta: Há também colaboração entre os alunos, e boa parte delas respondidas por mim e pela tutora também. Como os alunos fazem muitos trabalhos em grupo, eles vão entre si fazendo comentários e tirando dúvidas. Essa é uma dificuldade que eu tenho com a virtual, eu tenho menos domínio e não acho que o aluno é tão autônomo não. Eu acho que ele continua carregando muitas dificuldades, e eu e verifico isso nas provas e verifico isso nos encontros *on-line*, acho que eles precisariam mais da gente.

26- Pergunta: Nos trabalhos isso é percebido também?

Resposta: Nos trabalhos também...

27-Pergunta: Com a mesma intensidade ou menos, por ter a ajuda dos colegas, e por ser em grupo?

Resposta: Quando você acompanha os diálogos dos grupos, você percebe como tem dificuldades ali – e como um deles é eleito pelo próprio grupo para fazer a costura final do trabalho. É claro que eles elegem aquele aluno que tem mais habilidade, mas ficam para trás vários. A gente faz as interferências para dizer: “olha, o caminho da leitura não é esse, a leitura que você fez é equivocada, caminhe por esse lado”, a gente vai dando as instruções.

28-Pergunta: É possível perceber se os alunos se sentem à vontade nesse ambiente virtual?

Resposta: Eles se sentem completamente à vontade. Por exemplo: eu escrevo e corrijo.. se eu escrevi uma palavra errada, porque nem é erro de ortografia e sim de digitação, eu volto e corrijo. Já para os alunos isso é completamente natural. Não há nenhum constrangimento, é a rapidez que importa, é o conteúdo da resposta que importa e não a forma. Ficam muito à vontade, se divertem, eles têm os códigos, tais como o kkkkkkk, os bonequinhos.

29-Pergunta: Os smiles são utilizados nos encontros on-line?

Resposta: Não são utilizados nos encontros *on-line* e sim nas conversas entre eles. Nos encontros *on-line*, eu não admito e até já disse isso para eles. Eu não admito que eles abreviem “também”, têm que escrever... Mas eles demoram para entrar nesse ritmo, eles querem abreviar tudo, usar os códigos. E eu não sei se estou errada ou certa, para falar a verdade, quando eu faço esse gesto. Eu não tenho muita convicção de que eu estou correta ao agir dessa forma. Eu até gostaria de conversar isso com a J., se eu deveria deixar essas abreviaturas, ou se na relação como professora a formalidade deveria existir, como eu faço... Eu não tenho muita certeza disso (...)

30-Pergunta: É possível perceber se os alunos da disciplina se sentem integrantes de uma comunidade, como ocorre muitas vezes no ensino presencial?

Resposta: Eu vou falar mais pelo curso anterior do que por esse em que eu substituí a profa. S.B. Eu acho que eles se sentiam em uma comunidade, marcavam encontros entre si, ficaram amigos, a ponto de... eu via nos encontros *on-line*, de um marcar de ir na casa do outro. Houve uma aluna que marcou de passar férias no Pará, queriam fazer uma festa de despedida, mas os que moravam muito longe não podiam vir, eles desistiram. Esse aspecto social afetivo eu acho que demonstra que eles se sentem parte de uma comunidade, mas não se a universidade faz parte disso. Se é uma comunidade de alunos que se conhecem ou se é uma comunidade acadêmica. Eu acho que não é uma comunidade acadêmica, acho que é mais uma comunidade social. Eu não vejo eles marcando para estudar: “ah, vamos conversar/estudar tal hora, você viu tal texto?”, eu nunca vi esse tipo de conversa. Era mais assim: “Me dá seu telefone”, por exemplo, mandaram vários *e-mails* para mim que uma aluna estava com filha que estava morrendo de câncer. Você não podia alterar a data de prova para essa aluna especificamente. É uma questão muito mais da linha do afeto do que da linha acadêmica.

31-Pergunta: Há demonstração do desejo dos alunos de se conhecerem?

Resposta: Sim.

32-Pergunta: Depois que ocorre o primeiro encontro presencial realizado para provas, foi possível notar alteração na interação entre os alunos?

Resposta: Não houve diferença. Até porque, nos encontros presenciais, eles ficam todos misturados, os cursos todos misturados, eles vão lá, fazem prova e vão embora. Às vezes eu chego na sala de aula e falo: “eu sou a professora Vera”, alguns falam: “ah, que bom te conhecer”, mas os outros nem sabem quem eu sou. Eu estou em uma sala que nem é dos meus alunos, é dos alunos de várias matérias.

33-Pergunta: Deixe-me ver se estou correta: Por exemplo são trezentos alunos na disciplina que você está lecionando, só que cada um pode ser de polos diferentes, não necessariamente você terá um encontro com todos?

Resposta: Sim, e no mesmo polo eles podem não se conhecer porque estão misturados a alunos de outros cursos.

34-Pergunta: Quantos encontros on-line acontecem por semestre?

Resposta: Para esse curso que estou dando agora são três, para o meu outro curso foram cinco ou seis.

35-Pergunta: Havendo a necessidade, pode-se marcar outros encontros? Como essa necessidade é percebida?

Resposta: Pode-se marcar novos encontros, sim. Por exemplo, se eu percebo que os trabalhos não estão saindo com uma qualidade esperada, eu posso conversar com eles para ver quais problemas está havendo ali. Ou eu mesma posso ter a necessidade, se aparecer um texto novo com o qual eu quero trabalhar para complementar os estudos dos alunos. Aí eu levo e falo que preciso de um encontro *on-line* para complementar, saiu uma novidades, às vezes. Às vezes, eu encontro um texto que casa direitinho com o que estou ensinando, ah eu não posso perder isso! aí eu vou pro encontro *on-line*, isso já aconteceu comigo.

36-Pergunta: Em sua opinião, didaticamente, com relação à preparação da aula, há semelhança entre a aula presencial e o encontro on-line da EAD? Justifique.

Resposta: Eu acho que há diferenças. No encontro *on-line*, no curso *on-line*, você prepara o curso. No encontro presencial, você prepara o curso e as aulas. Porque é assim, você não tem aulas internet, você tem o material e você coloca o material lá. Por exemplo, dia 10 entra tal material, eles têm que fazer o trabalho em grupo e entregar dia 20. No dia 20, entra outro material, com as orientações. Você prepara as orientações, isso tudo você tem entregar pra instituição de ensino no começo do seu curso. Você entrega tudo do curso, depois você só vai colocando dentro da internet para os alunos, de tal maneira que você praticamente não modifica o que fez. Presencialmente, não. Você escolhe uma teoria para trabalhar, você prepara o seu curso, mas você vai o tempo todo dizendo: “epa..., não..., tem coisa nova aqui”. No curso *on-line*, você não pode preparar uma aula se não for com antecedência, porque o pessoal da estrutura tem que preparar aquela aula pra você. Você não pode falar “epa..., vou mudar uma aula de hoje para amanhã”, não pode! No presencial, você pode modificar tudo, se falar “vou trabalhar com esse poema”, mas, no dia da aula, você fala: “ah não, esse poema não é o que eu quero trabalhar”, até porque, emocionalmente, não é aquele poema que você quer. Não estou bem para trabalhar com esse poema. Um poema sobre morte, aí meu filho está doente, está hospitalizado, eu não dou conta de trabalhar com esse texto hoje. Eu mexo com literatura, talvez tenha essa diferença. Eu mudo o texto, ou então, eu estou estudando Mário de Andrade, e hoje eu comprei um livro dele que tem um poema que eu nunca tinha lido, e o poema é maravilhoso, eu falo: “eu vou mudar, vou trabalhar com esse texto hoje”. Ao longo do curso, a gente se movimenta mais na presencial, você prepara prova virtual dois meses antes e, na presencial, você pode preparar naquela semana. De acordo com o processo, acho que o processo é melhor no presencial.

37-Pergunta: A gente pode pensar que, na EAD, o aluno precisa ser um pouco autodidata?

Resposta: Ele precisa ser mais autodidata, eu acho que ele não é, mas ele precisaria. Eu não tenho convicção de que eles leiam aqueles textos todos, de jeito nenhum. Até porque o autodidata procura os próprios textos, a sua própria formação. Ele precisa ser mais autônomo, mais do que o aluno presencial. Eu tenho minhas dúvidas de que eles sejam. Eu vejo, por exemplo, a entrada de alunos em trabalhos em grupos, que é só assim, bom dia pessoal, e não fala mais nada, e é trabalho em grupo. Eu tenho uma norma, se aluno não participa com conteúdo, ele não ganha ponto, e não adianta ele entrar. E a entrada dele é que vale ponto, vale cinco pontos. Se ele não comenta, se não há uma comprovação da qualidade do que ele discute, ele ganha meio ponto. Só não ganhou para entrar. Eles reclamam, mas isso é critério meu. “Ah, mas outro professor”... “Olha, não estou preocupada com outros professores, pois meu critério é esse, entrada não é nota”. É um curso que você precisa mostrar, conversar. Eu acho que, presencialmente, a dinâmica favorece o processo e, conseqüentemente, o aprendizado. Porque o aprendizado só é processual, acho que só existe aprendizado processualmente. Se eu der uma prova para os alunos no final do curso, não significa nada, mas se eu aplicar uma prova, se o aluno puder refazê-la, refletir sobre ela, mudar determinado ponto de vista, seria melhor. É claro que não faço presencialmente o tempo todo, porque eu não dou conta. Com uma outra atividade ou outra eu faço. Um aluno apresenta, na hora da apresentação eu faço uma pergunta que se associa a um conhecimento de sala de aula, aí eu consigo amarrar uma coisa à outra, e o aluno também. Estou dizendo pro presencial em detrimento do virtual? Isso pode ter uma causa, pode ser pelo fato de eu ainda não ser uma professora realmente da virtual. Pode ser que em uma outra entrevista com outro professor você encontre exatamente o oposto do que eu estou dizendo. Mas, a minha experiência por enquanto diz isso.

38-Pergunta: Professora, teria alguma outra coisa que você gostaria de dizer?

Resposta: Só gostaria de agradecer, porque é tão importante a gente lidar com essa novidade que é o curso virtual. Porque a gente aprende o tempo todo, e eu preciso aprender a lidar com isso. A sua entrevista trará frutos para mim, porque eu não estou te dizendo a verdade, estou fazendo reflexões sobre a minha experiência, e vindo outras, e junto com a minha novos rumos podem vir. Eu agradeço muito.

Encerramento - (35 minutos e 55 segundos)

1 - Comecei a minha experiência em EAD no segundo semestre de 2007, através da disciplina Produção e Compreensão de Texto, no Curso de Ciências Contábeis, ofertado a distância pela instituição de ensino. Fui contratada para substituir a professora A. e, por isso, não tive muito tempo para o treinamento anual ministrado pela equipe da instituição e tampouco para fazer a especialização em EAD oferecida pela mesma instituição. No entanto, a equipe pedagógica me auxiliou muito, fornecendo um CD Room intitulado “Programa de formação em EAD”, produzido pela equipe da instituição para orientar o professor na modalidade a distância. Recebi também um *Check list* de providências a serem tomadas e arquivos a serem produzidos e enviados à coordenação e à instituição”, cujas orientações me ajudaram bastante, com relação à organização da disciplina e mesmo com relação às formas de interação com a PMV, a equipe pedagógica e os Tutores da disciplina. Tal material foi imprescindível, em função de sua riqueza, para a minha formação em EAD.

2- Sou uma profissional 100% online, se assim podemos dizer. Tenho MSN, Skype, Myspace, Orkut e faço leituras de jornais virtuais e blogs constantemente. Um professor “virtual” precisa se inteirar das ferramentas oferecidas pelas novas tecnologias, a fim de potencializar e de aperfeiçoar recursos em EAD.

3- Na minha opinião, a EAD se assemelha à educação presencial no que tange o princípio que rege a educação, de um modo geral, seja ela virtual ou presencial. Trata-se da relação ensino/aprendizagem subjacente a todas as modalidades de educação. No entanto, as formas de se alcançar esse objetivo vão se diferenciar um pouco, em função da mediação tecnológica, que irá influenciar diretamente a elaboração do material didático, bem como as formas de interação professor/aluno, tutor/aluno.

A principal diferença entre as duas modalidades, a meu ver, é que a EAD conta com uma flexibilidade de horários que seria impossível presencialmente, ou seja, o aluno pode fazer seu próprio horário para se dedicar às disciplinas, podendo trabalhar de madrugada, nos finais de semana, sem ter que sair de casa para assistir às aulas. Isso é um grande atrativo, principalmente para os alunos que precisam trabalhar em horário integral ou que precisam viajar constantemente. Porém, essa “vantagem” pode se tornar uma “desvantagem” se o aluno não for disciplinado e organizado, visto que ele deverá gerir essa autonomia de forma consciente.

Uma outra diferença básica, que costuma gerar uma resistência inicial por parte do aluno, é o raro contato face-a-face com o professor, apesar dos encontros online e das provas presenciais promovidas pela instituição. Alguns estranham num primeiro momento, mas depois acabam se acostumando e até e alguns até se aproveitam das vantagens de ter a “face” protegida pela tecnologia.

4- Na organização do cronograma para a disciplina estavam previstos: a) uma aula inaugural e presencial, na qual os alunos recebiam um material audio-visual e impresso e conheciam os demais colegas e a estrutura curricular do curso; b) três encontros online que aconteciam, em geral, ao final de cada unidade ou antes de uma prova presencial; c) fóruns de discussão, em que os alunos argumentavam sobre um tema relativo ao curso de Ciências Contábeis; d) o correio acadêmico, através do qual os alunos se comunicavam com as tutoras e com a professora e; e) duas provas presenciais, que eram aplicadas nos pólos, para todos os alunos.

5- O correio acadêmico foi, sem dúvida, o veículo mais utilizado pelos alunos, pois tanto as tutoras quanto a professora abriam as mensagens diariamente e tinham até 48 horas para respondê-las ao aluno.

6- O correio acadêmico, como já apresentado na questão 5.

7- Os encontros aconteciam sempre ao final de uma unidade de estudos ou antes de alguma prova presencial, como forma de revisar conteúdos e tirar dúvidas. Os encontros eram também uma excelente maneira de aproximar tutoras, alunos e professora, pois a conversa ganhava um tom mais informal do que o apresentado nos correios e nos fóruns.

8- Era muito comum preparar alguns tópicos com antecedência para viabilizar a orientação no encontro online, que durava em torno de uma hora. Em geral, eu selecionava as dúvidas mais frequentes apresentadas pelos alunos no correio acadêmico e formulava algumas orientações em cima disso. Assim, quando a dúvida surgia no encontro online, eu já tinha uma “resposta” previamente elaborada em um arquivo de Word. É claro que, como acontece presencialmente, não é possível prever tudo....mas, com a ajuda das tutoras, todos recebiam respostas para as dúvidas apresentadas.

Um exemplo desse tipo de elaboração pode ser visto em um dos encontros online....Veja:

P1: E vale para todo mundo. Lá vai:

P1: O resumo do texto “Função Social do Contabilista” deve ser elaborado a partir do posicionamento do autor com relação a essa função, ou seja, o que importa é como o autor vê a função do contabilista. Em outras palavras, o seu resumo deve responder: em que consiste a função social do contabilista, para o autor do texto-base? Note que as palavras-chaves, isto é, aquelas em torno das quais o texto se constitui, estão ligadas a palavras cujo significado se relaciona ao campo social, em detrimento do numérico. A exemplo disso, posso citar as palavras “prosperidade”, “ética”, “aplicação humanística”, “campo social”, “célula social”, etc.

Assim, o autor parece dar ênfase ao lado social da profissão e é isso que deve ser focalizado no resumo. Para entender melhor o texto, seria interessante pesquisar um pouco mais sobre os autores citados, principalmente no percurso histórico feito por Lopes de Sá. No entanto, por serem informações secundárias, creio que vocês não devem se preocupar tanto com elas na elaboração do resumo solicitado. Além disso, outros artigos no mesmo site podem esclarecer alguns pontos importante para a compreensão do texto-base a ser resumido.

9- Isso vc mesma pode verificar nos encontros online, porque eu não tenho todos no meu computador.

Lembro-me que a participação não era muito intensa, pois os encontros eram previamente agendados e, por isso, nem todos podiam comparecer. Além disso, como eram encontros para revisar e tirar dúvidas, alguns alunos não achavam necessário comparecer.

10- Não. A participação é facultativa, mesmo porque não sei se seria viável, em termos de um encontro online, tornar obrigatória a participação dos 175 alunos, que estavam inscritos na disciplina, assim como também não é viável em uma disciplina presencial. Não é possível para o professor deixar todos os alunos falarem simultaneamente. Além disso, em uma interação mediada por computador, na modalidade escrita, os interactantes precisam elaborar as suas “falas” antes de postá-las.

11- No encontro online, toda interação era bem vinda e nenhuma conversa era considerada paralela, mas, em geral, o foco da interação era entre professora e alunos e tutoras e alunos.

Na hora de editar o encontro para publicá-lo no ambiente virtual, costumávamos retirar informações pessoais dos alunos, como telefones e endereços.

12- Como toda a interação ficava registrada no sistema, durante o encontro, quando um aluno entrava atrasado e fazia uma pergunta que já havia sido feita, por exemplo, eu o orientava a ler as interações anteriores em vez de repetir a informação, pois tentava privilegiar as questões novas que apareciam. Eu procurava responder a todas as questões, com a ajuda das tutoras, quando o “fluxo” de questões aumentava consideravelmente. A ajuda das tutoras era imprescindível, mas nem sempre era solicitada, ou seja, eu só recorria às tutoras quando sentia dificuldades em responder a todos com agilidade. Se alguma pergunta ficava sem resposta, nós a acrescentávamos na hora de editar e publicar o encontro online.

13- Os encontros eram muito tranquilos. Eu realmente nunca me senti incomodada com o silêncio do aluno. No entanto, sempre que possível eu chamava a atenção de alguns alunos no sentido de participarem da interação, pois alguns gostavam de ficar meio “offline”, observando a interação dos outros. Eu fazia isso não por me sentir incomodada, já que a presença nos encontros era facultativa, mas porque achava que alguns alunos não se manifestavam por pura timidez ou comodismo mesmo...

14- Como os encontros aconteceram um pouco depois do início das aulas, os alunos tiveram bastante tempo para se acostumarem com o sistema e não apresentaram problemas com relação a isso. Bom, nada que fosse muito relevante ou que impedisse a interação, a não ser quando a internet “caía”, por exemplo. A instituição de ensino possui uma central de atendimento ao aluno, que fica constantemente disponível no caso de problemas tecnológicos ou de acesso ao ambiente virtual.

15- A participação das tutoras se dava quando eu solicitava ou algum aluno solicitava. Elas ficavam disponíveis no encontro, mas eu procurava orientar os alunos na maior parte do tempo, pois o papel das tutoras era um pouco diferente do meu nos encontros online. Eu era responsável pelo encontro e elas auxiliavam, caso fosse necessário. Quando o horário não era compatível com o horário de trabalho delas, eu realizava o encontro sozinha.

16- É preciso ver isso nos encontros gravados, pois não me lembro muito bem....Acredito que, se isso acontecia, não era com muita frequência. Bom, acabei de ver um caso...O do aluno E.Bverton interagindo com a aluna R.B., no encontro do dia 09/11/07

Al. (E.B.): Não sei se ajuda, R.B., mas pense a contabilidade como um sistema de informações e faça relação com um programa de computador.”

Al. (R.B.): Obrigada pela dica E.B.

Mas é preciso ver isso melhor....

17- Na minha opinião, os alunos que participavam se sentiam muito à vontade no ambiente virtual e alguns até pediam para interagir numa linguagem mais informal, para se sentirem ainda mais à vontade. Um exemplo disso é a fala da aluna W.F.

Al. (W.F.): valeu P1. Já entendi?.....(VC pode ver outros casos de uso de linguagem informal)

18- Lu, realmente não sei responder a essa pergunta ☹ Nunca percebi nada parecido com isso.

19- Também não me lembro de nenhuma manifestação desse tipo, mesmo porque os alunos matriculados estavam espalhados por todos os cantos do Brasil, o que acabava dificultando um possível encontro presencial fora do período de provas.

20- Acredito que sim, mas é difícil avaliar, pois os alunos eram distribuídos por ordem alfabética nas salas de aplicação das provas, o que acabava mesclando bastante as turmas e os períodos. Como o curso de Ciências Contábeis é totalmente a distância, os veteranos já estavam mais habituados ao encontro presencial com os demais colegas do curso.

21- Aconteceram 3 encontros virtuais ao longo do semestre.

22- Sim, desde que com agendamento prévio na instituição de ensino.

23- Geralmente, os próprios alunos solicitam, mas no caso da disciplina ministrada por mim, não foi necessário marcar um encontro extra, porque os alunos acabavam utilizando o correio para tirar dúvidas mais pontuais.

24- Embora eu preparasse previamente alguns tópicos para os encontros online, acredito que o objetivo principal era tirar dúvidas dos alunos com relação aos conteúdos ministrados na disciplina. As orientações de estudo de uma dada unidade eram postadas no link “orientações de estudo” e não nos encontros online. A meu ver, tais orientações correspondiam às aulas “expositivas” que costumamos dar presencialmente. Já os encontros online eram mais livres e funcionavam como um espaço para revisar, tirar, dúvidascomo já disse anteriormente.

ANEXO J – Respostas de T1

1- Conheci a EAD em agosto de 2006 quando participei do processo seletivo para ser tutora da disciplina Produção e Compreensão de Textos. Antes, nada sabia sobre essa modalidade de ensino. O que aprendi foi com a prática desempenhada no dia-a-dia na Instituição em que trabalho. Participei de cursos de formação continuada proporcionados pela empresa/instituição que eram realizados em reuniões proporcionadas pela Equipe de Coordenação do Curso de Ciências Contábeis a distância.

2- No meu dia-a-dia, além do ambiente de trabalho, estou sempre conectada a algumas tecnologias digitais. Por exemplo, em casa, faço uso do MSN.

3- Sim, nas atividades da EAD, podemos perceber uma organização e funcionamento muito semelhante à sala de aula presencial. Hoje, com essa ‘experiência’ em EAD e também como professora no presencial nos ensinamentos fundamental e médio, posso dizer que há bastante semelhança entre a organização e o funcionamento das duas modalidades: presencial e virtual. Na EAD, por exemplo, semelhante ao curso presencial, temos alunos interessados/participativos/ativos, alunos que sempre perguntam - via correio acadêmico -, que participam de todas as atividades, que entregam as atividades ‘em dia’. Em contra partida, temos também alunos que pouco, ou nunca, se manifestam que apenas enviam-nos as atividades, que só ‘se manifestam’ na prova presencial e que nunca nos enviaram um “correio acadêmico”. Temos alunos que pedem para estender/adiar o prazo das atividades, alunos que somente na véspera da prova é que nos procuram, alunos que quando estão faltando algumas horas para o prazo de entrega da atividade expirar é que nos enviam correio acadêmico pedindo explicação sobre a proposta da atividade. O que mais diferencia o ensino a distância do presencial é, de fato, a distância! Nós não temos um contato ‘físico’ com o aluno, mas isso não quer dizer que ele não esteja presente em nossas ações, nós não ‘vemos’ o aluno, mas isso não quer dizer que não saibamos quando, por exemplo, ele está sendo sincero e/ou quando ele está nos ‘enganando’ por exemplo, quando deseja ter o prazo de uma entrega de atividade ampliado porque de fato tem dúvidas ou por que está somente desejando mais tempo para realizá-la. Talvez, o que sentimos de maior diferença é que depende muito mais do aluno de querer se aproximar, responder à uma intenção de contato do professor/tutor do que o contrário.

4- É possível estabelecer interação com o aluno através:

- I) Correio Acadêmico
- II) Encontro *on line*
- III) Fórum de Discussões
- IV) Comunicado via e-mail
- V) “Quadro de avisos”
- VI) No dia da Aula Inaugural
- VII) Nos dias da prova presencial

Em todos esses momentos eu participo ativamente. Em alguns deles, como Correio Acadêmico, Fórum, Comunicado, Quadro de Avisos, Encontros presenciais posso ‘manifestar’ sem a participação efetiva do professor, mas claro, com a sua prévia autorização.

5- Os alunos se manifestam mais efetivamente via Correio Acadêmico. Isso, acredito, deve ocorrer por duas razões: primeiro, quando o aluno recebe o “Manual do Aluno”, lá está

informando que é essa a nossa principal ferramenta de contato; segundo porque todos os dias nós tutores ‘abrimos’ essa ‘janela/correio’ em vários momentos do nosso período de trabalho, ou seja é a ferramenta mais rápida e prática para se comunicar conosco.

6- Da tutora: Correio Acadêmico, Comunicados, Fórum, “Quadro de Avisos”, Encontro on line, Aula Inaugural e aplicação de provas presenciais. Do professor: Encontro on line e encontros presenciais.

7- O Encontro on line não tem um modelo rígido a ser seguido. O professor tem a liberdade de escolher a melhor forma de conduzir a reunião. Pode propor questões para os alunos resolverem, pode tirar dúvidas dos alunos sobre a matéria dada, pode elaborar uma aula ‘explicativa/expositiva’. O que não pode deixar de ser feito é o professor deixar, de fato, de conduzir o Encontro. Porque do contrário, os alunos começam a conversar, a se dispersarem... e assim, não temos uma ‘boa aula’.

8- Trabalho dando suporte ao professor e aos alunos. O Encontro é sempre conduzido pelo professor. Quando ele solicita a minha presença no dia do Encontro, ajudo-o tirando alguma dúvida de alunos sobre questões como local e horário de provas, como ‘navegar no sistema’, ‘como funciona o ‘Encontro on line’... Dúvidas sobre o conteúdo das Unidades de ensino, enfim tudo o que o professor solicitar e permitir.

9- Nós estudamos, lemos o conteúdo prévio do encontro. Às vezes, levo sim algumas possíveis respostas prontas para agilizar as respostas aos alunos.

10- Isso depende muito! Mas posso dizer que a participação é relativamente baixa. Há encontros com uma média aproximada de 10, 15, até 22 alunos. Mas não posso afirmar esses números.

11- Não.

12- Alguns alunos participam ativamente do encontro. Às vezes, costumam conversar colaborativamente e, às vezes paralelamente. Como em uma sala de aula presencial. No entanto, o professor sempre solicita que todos os alunos se foquem na ‘aula’, no que é proposto para o dia do Encontro.

13- O Encontro é dinâmico, requer agilidade nas respostas. A todo tempo temos alunos entrando na reunião e contatando conosco... Por isso é importante a presença do tutor. Nós, juntamente com o professor, evitamos deixar o aluno sem resposta. Fazemos o possível para responder a todas. Na maioria das vezes, as dúvidas são comuns, às vezes, um aluno se pronuncia e os demais reafirmam que têm a mesma dúvida. Por algumas, sinto que o aluno vai para o Encontro sem se preparar muito para a aula.

14- O silêncio me incomoda e também me diz muita coisa: penso que o Encontro está ruim para o aluno, penso que não estudaram para esse momento conosco, penso que já está ‘satisfeito’, penso que estão/são passivos, penso que está aguardando encontrar respostas prontas, penso que só está ali para ‘marcarem presença’, ou que estão em silêncio porque estão acompanhando a aula. Quanto o silêncio ocorre, é o momento de o professor provocar, perguntar coisas, lançar questionamentos, para que os alunos reajam.

15- Nos primeiros encontros sim, principalmente quando é a primeira vez que o aluno está tendo contato com as ferramentas da EAD. No entanto, logo se adaptam e não há problema quanto ao manuseio do 'sistema'.

16- Muitas vezes os próprios alunos se ajudam. Não tem regra. Claro que todos os alunos desejam que tutores e professores, respondam às suas dúvidas. No entanto, é muito comum os próprios alunos tirarem dúvidas de outros colegas, isso acontece muito naturalmente no Encontro.

17- Acredito que sim. Nos primeiros Encontros, um aluno ou outro costuma dizer que está estranhando ou que está 'pouco perdido'. Mas a medida que o curso vai caminhando é notável a melhora progressiva na interação dos alunos. Muitas vezes, logo quando a Reunião entra no ar, uns 15 minutos antes do horário marcado pelo professor, os alunos 'chegam' e já vão conversando, tirando suas dúvidas, falando sobre o curso, sobre a disciplina, sobre a prova... Quando o professor inicia a Reunião, os alunos já estão 'aquecidos'.

18- A medida que o curso vai caminhando, sim. Isso é algo que se dá ao longo de um processo. Quando há alunos de períodos mais avançados do curso, isso é bem notável.

19- Sim. Principalmente entre os veteranos com os calouros.

20- Isso depende. No entanto, a participação no Encontro costuma ser maior e mais efetiva quando os alunos têm dificuldades e/ou quando as notas não estão boas. E também, como dito anteriormente, os alunos começam a se interagirem mais a medida que o curso avança.

21- No mínimo quatro encontros.

22- Sim. A necessidade é diagnosticada pelo professor. É marcado um novo Encontro e nós, tutores, comunicamos aos alunos.

23- Às vezes ela pode ser solicitada pelos alunos, ou diagnosticada pelo professor, ou as duas coisas ao mesmo tempo.

24- Sim. No entanto, muitas vezes, os alunos, que ainda não se adaptaram a EAD, vão ao Encontro na expectativa de ouvir tudo do professor, que o professor irá tirar todas as suas dúvidas e que nesse encontro irá ter uma revisão de tudo que já fora dado anteriormente. Muitas vezes isso não ocorre. Se o aluno não apresentar/manifestar as suas dúvidas, ou seja, ter de fato lido/estudado o conteúdo, ele não terá um bom encontro on line com o professor. O que quero dizer é que, no presencial, muitas vezes, nós alunos ficamos 'ali', ouvindo, sem nos manifestar, calados, somente ouvindo o professor. Se o aluno adotar essa postura em um curso virtual, o que alguns fazem, tanto no virtual quanto no presencial, o professor e o tutor não poderão muito ajudá-lo. Didaticamente, para alguns encontros, o professor prepara uma aula, prepara material etc. Em algumas, propositalmente, o professor fica a espera de provocações dos alunos, desejando que eles se pronunciem para em seguida o professor mediar o Encontro.

ANEXO K – Respostas de T2

- 1- Trabalhar com a Educação a distância é muito interessante e ao mesmo tempo desafiador.: interessante porque pratico cada diariamente a produção de textos e desafiador porque a minha elaboração textual precisa responder às dúvidas dos alunos, ou seja, ela ser clara, coerente e consistente. Sou graduada em Letras pela PUC. Estudei no polo São Gabriel. Durante a graduação coloquei em prática toda a minha dedicação, comprometimento, responsabilidade, colaboração com o curso. Todo o meu esforço valeu muito, pois fui convidada a trabalhar com Educação a distancia.
- 2- Acesso a internet na instituição de ensino e em casa. fora do ambiente virtual da instituição somente acesso a internet para pesquisas e e-mails. Não sou freqüentadora de chats, msn, etc
- 3- Sim, pois têm professores, alunos, atividades individuais, em grupos, provas presenciais, exames especiais, etc. O que difere é a presença física do professor, não tem chamada, o aluno pode acessar o ambiente a qualquer hora e qualquer dia, desde que, esteja dentro dos prazos pré-estabelecidos.
- 4- As formas de interações presenciais são as provas. São duas por semestre, mais o exame especial. e as formas virtuais são: correio acadêmico, chats, encontros on-line, comunicados, quadro de avisos, fóruns.
- 5- Uma ou outra forma de interação será mais ou menos usada de acordo com a exigência do cronograma da disciplina. Entre os citados acima o mais usado é o “Correio Acadêmico”. Através desse recurso o aluno envia todas as suas dúvidas para o setor competente, tais, como: tutoria, secretaria, coordenação, helpdesk, suporte tecnológico, etc.
- 6- “Correio Acadêmico” e nos encontros on-line
- 7- Os encontros on-line estão agendados no cronograma da disciplina para todo o semestre letivo. Em tempo real os alunos tiram suas dúvidas de conteúdos para provas presenciais, e também das atividades em andamento naquele momento.
- 8- A tutora auxilia o/a professora nas respostas aos alunos
- 9- Normalmente avisamos a todos os alunos quais serão os assuntos tratados naquele encontro. Assim o aluno nas questiona assuntos que muitas vezes é da competência de outros setores.
- 10- A participação geralmente é satisfatória, levando-se em conta a duração do encontro que normalmente de hora.
- 11- As participações no encontro não são pontuadas, uma vez que, estamos ali respondendo às dúvidas de conteúdos que serão cobrados nas provas presenciais.
- 12- Há um dispositivo em que um aluno consegue interagir com outro aluno individualmente em tempo real, mas somente durante o encontro on-line. Fora dos encontros um aluno também consegue interagir com um ou outros, que nos fóruns de discussões, mas não mais em

tempo real. O aluno deixa a sua mensagem para um ou mais integrantes do seu grupo e aguarda a resposta que poderá ser imediata ou não, pois o seu interlocutor poderá estar ou não conectado no ambiente.

13- Procuramos atender o maior número de alunos possível. Respondemos pela ordem de entrada, mas pode haver perguntas idênticas. Aí pedimos que o aluno leia a resposta dada anteriormente. Vale salientar que esses encontros são editados e disponibilizados para os alunos no ambiente da disciplina. Se por ventura um aluno não foi respondido ou não participou de um determinado encontro, posteriormente ele tem acesso ao que foi perguntado pelos colegas.

14- Isso raramente acontece. Mas se acontecer procuramos conversar com os que estão on-line fazendo-lhe perguntas sobre o assunto que agendado previamente.

15- Nos encontros isso não é tão perceptível, mas percebemos mais essas dificuldades com os alunos do 1º período quando da realização das primeiras atividades. E essa dificuldade se dá porque o aluno muitas vezes não faz a capacitação tecnológica oferecida pela Universidade. Para ele saber ligar com o PC é o suficiente, depois que ele percebe que além saber lidar com computador, também precisa saber navegar no ambiente do curso e conseqüentemente da disciplina.

16- As questões enviadas através do “Correio Acadêmico”, somente são respondidas pelas tutoras e/ou professores, até porque um aluno não acesso às perguntas do colega. Nos encontros on-line isso também não acontece devido à velocidade como esses encontros acontecem e também pela duração.

17- Acredito que eles fiquem a vontade sim, pois procuramos realizá-los sem muita formalidade e a medida em que ele vai se desenrolando os alunos também vão se soltando.

18- O aluno da modalidade virtual tem todos os acessos que um aluno do presencial tem, tais como: D.A., DCE, trabalhos em grupo e todos os departamentos da instituição.

19- Sim, isso é freqüente. Percebemos esse desejo nas atividades fórum quando esses alunos convidam uns aos outros para se encontrarem para fazer os trabalhos propostos. E muitos se conhecem, pois são do mesmo pólo de origem.

20- Muitas vezes eles ficam mais afetivos uns com os outros, principalmente quando esse encontro se dá com alunos de um mesmo grupo de trabalho.

21- Um média de 5 encontros por semestre.

22- Sim, desde que tenha espaço na agenda, todas as disciplinas realizam esses encontros.

23- Quando você percebe que os alunos apresentam certa dificuldade para realizar determinada atividade. Aí, marcamos um encontro extra para melhor orientá-los.

24- Luciana, essa pergunta seria mais bem respondida pela professora. O tutor não prepara aula, essa é uma tarefa exclusiva do professor/a. Deve-se levar em conta que todas as respostas dadas têm olhar da tutora.

ANEXO L – RESPOSTAS DE A1

1- Comecei o curso de Ciências Contábeis a distância em julho/2008, enquanto curso de graduação não participei de mais nenhum outro à distância, porém faço vários cursos de curta duração à distância através, principalmente da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP).

2- Nunca participei de fóruns digitais, apenas utilizo o email, tanto institucional como pessoal.

3- No curso que faço atualmente, existe apenas os encontros on line onde, normalmente, o professor (tutor) apresenta questões que são respondidas (dissertadas) pelos alunos.

4- Não.

5- Nos encontros *on line* e respostas de atividades via e-mail.

6- É uma forma interessante de participação, sinto que nesse momento estou em uma sala de aula

7- Nos momentos dos encontros on line e dias de prova presencial há uma nítida impressão de pertencer à uma comunidade de ensino.

8- Sim, atualmente tenho recebido vários email's através do SGA, onde colegas que fazem o curso de Contábeis tentam uma aproximação.

9- Comigo não ocorreu nenhuma interação em dias de prova.

10- Não.

11- A interação dá-se apenas entre tutor/professor e aluno.

12- Normalmente, o professor aborda inicialmente determinado tema e os alunos discorrem sobre o mesmo.

13- Não.

14- Inicialmente, sim porém imediatamente conseguir resolver as dificuldades.

15- Às vezes assumem a posição da professora.

16- A atitude de mestre.

17- Como disse, a relação basicamente ocorre entre professor/tutor e aluno.

18- O que mais distancia naturalmente é a falta de vivência no mesmo espaço físico. O que mais se assemelha é a necessidade de estudo individual e disciplina.

19- Os momentos de prova presencial.

ANEXO M – Respostas de A2

- 1- Minha iniciação na EAD aconteceu por brincadeira com minha filha que também estuda na instituição de ensino, faz nutrição. Este é meu primeiro curso à distancia. Sempre sonhei em fazer faculdade, mas devido às dificuldades encontradas pela vida, ficou sempre para depois.
- 2- Nesta era da informática é difícil encontrar alguém que já não tenha sido apresentado a um computador. No meu trabalho, estou sempre recebendo e enviando mensagens, às vezes internas e outras vezes externas. Mesmo fora do trabalho, já tenho contato com emails há bastante tempo. Por chat e MSN só passei a ter contato após me ingressar na instituição de ensino.
- 3- As formas de interação presencial prevista em cada semestre letivo são a aula inaugural, duas provas, oficinas e o atendimento tutorial, incluso neste semestre letivo. A participação nas oficinas e atendimento tutorial depende do interesse do aluno. Nas oficinas é exigido o pagamento de taxa de inscrição, já nos atendimentos tutoriais, não. Neste semestre salgo engano, estão previstas 6 (seis) oficinas e 6 atendimentos tutoriais para cada pólo. Na forma de interação não presencial, temos os encontros on-line, e o correio acadêmico. A participação do aluno nos encontros on-line não é obrigatória, mas é aconselhável. Em todas estas formas de interação, há a participação dos professores e/ou tutores. Para este semestre estão previstos, também salvo engano, 15 encontros on-line.
- 4- Eu acredito que por serem diferentes para nós alunos virtuais, as oficinas devem ser mais usadas.
- 5- Nossa interação com os professores e tutores é nos encontros on-line e através do correio acadêmico. Talvez por ser usado sempre que o aluno precise de alguma orientação, acredito que há maior participação delas, pois tanto professores quanto tutores estão sempre à disposição do aluno no correio acadêmico
- 6- Nos encontros on-line é onde você tem a oportunidade de interagir com os professores, tutores e colegas. Eu me sinto a vontade.
- 7- Não. Os alunos do ensino presencial estão todos os dias se encontrado, trabalhando em grupos, se mostrando por aí, ao contrário dos alunos do ensino a distancia que só se encontram virtualmente.
- 8- Este é meu segundo período virtual, e ainda não deu para perceber se existe desejo nos colegas de se conhecerem, eu gostaria.
- 9- Comigo não aconteceu, mesmo porque tudo é muito corrido, às vezes você tem que fazer de 4 a 6 provas em um só dia, e fica muito complicado.
- 10- Não. A base de nosso estudo são os livros textos e as leituras complementares sugeridas pelos professores. Os trabalhos exigem que você estude determinado capítulo ou capítulos dos livros. Os encontros on-line servem para tirar as dúvidas que ficaram após este estudo.
- 11- Existe a interação entre alunos. Desde que a interação esteja voltada para o que se está discutindo, acredito ser uma conversa colaborativa, caso contrário é paralela. Nestes encontros, é permitido que você interaja com uma determinada pessoa isoladamente, sem que haja a participação dos outros.

12- Por ser um encontro on-line, é inevitável que isto aconteça. Quando é um encontro muito participativo com muitas dúvidas simultâneas, que exige a participação do professor ou do tutor fica meio complicado, mas com um pouco mais de concentração, você consegue acompanhar.

13- Nos chats que participei até hoje, isto não ocorreu.

14- Sim. Apesar de ser enfatizado sempre que é necessário você fazer uma boa capacitação tecnológica, e por melhor que você faça, sempre existe nos primeiros encontros, alguma dificuldade.

15- Sinceramente não sei responder, por não ter certeza se nos encontros que participei foram com professores e tutoras, só professores, ou apenas tutoras.

16- Idêntica a anterior.

17- Como afirmei nas perguntas anteriores, não tenho certeza da participação simultânea das professoras e tutoras, mais sempre é solicitada a colaboração dos outros alunos.

18- O que mais se assemelha são as provas presenciais e a dedicação dos professores e tutores, enquanto o que mais se distancia é a forma do aluno aprender. Enquanto no ensino presencial, o professor praticamente resume a matéria para o aluno, no ensino a distância este é obrigado a aprender fazendo a leitura dos livros textos e outras leituras sugeridas, e caso reste alguma dúvida, é que ele recorre ao professor.

19- Sem dúvida são as aulas disponibilizadas através dos CDs distribuídos, onde há a apresentação dos professores e 3 ou 4 aulas sobre a matéria em estudo. É neste momento, quando através do média player ou outro aplicativo, em que o professor ministra sua aula é que você se sente realmente em uma sala de aula.

1- Minha primeira experiência com a educação a distância foi na instituição de ensino. Devido as diversas atividades desenvolvidas durante o dia e a noite, infelizmente não tenho disponibilidade de um ensino presencial. Depois deste contato com a EAD pela instituição de ensino, estou cursando uma Pós-graduação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na mesma modalidade. A princípio eu tinha receio quanto a essa nova forma de educação, por não ter a presença física do professor durante os estudos, mas percebi que a educação se dá mesmo sem um professor presente fisicamente.

2- Tenho alto contato com a tecnologia digital no meu dia-a-dia. Participo de chat's, MSN, entre outros. Meu trabalho depende da tecnologia digital, para que sejam calculados os impostos e taxas. Portanto, a frequência de uso é altíssima, 7 dias na semana.

3- As formas de interação previstas para o funcionamento das disciplinas são: chat's e correio eletrônico. Nem sempre há disponibilidade para participação nos chats, devido aos horários. Mas, o uso do correio eletrônico é utilizado todos os dias.

4- Sim. No meu caso o uso do correio eletrônico é o mais utilizado, pois não tem horário marcado para o uso; a flexibilidade é bem legal.

5- Eu percebo uma participação maior no correio eletrônico.

6- Percebo que a idéia inicial de uma chat é criar um sentimento de pertença a um grupo. Da troca de experiência, como se as pessoas estivessem sentadas numa mesa conversando. Infelizmente, os chat's são confusos, pois são muitos usuários falando (teclando ao mesmo tempo, dificultando o entendimento.

7- Sim. De uma forma bem diferente, é claro. Mas, sempre que posso teclar com meus colegas de turma pelo msn, percebo essa integração, de que participo de uma comunidade.

8- Sim. O desejo de conhecer outras pessoas é da natureza humana. Mesmo que esse desejo seja para suprir uma necessidade, como por exemplo, procurar uma atividade pronta para ser entregue na última hora, com um outro colega.

9- Não percebi nenhuma alteração, tendo em vista que o pólo onde realizo minhas provas é muito distante de onde resido. Portanto, o desejo de retornar para casa é superior ao de conhecer as pessoas mais de perto. Mesmo que a pressa do retorno para casa não existisse, o ambiente avaliativo não permite essa interação. A medida que as provas vão sendo terminadas, cada aluno vai para seu local de origem.

10- Sim. Os professores e tutores apresentam com muita antecedência o assunto a ser tratado nos chat's.

11- Nos chat's que participei, a maior interação é com a professora, pois o desejo de "sugar" conhecimentos do mestre é muito grande. Uma vez ou outra, alguém na sala inicia uma discussão paralela, normalmente um outro assunto.

12- Entendo que o chat é muito confuso, várias pessoas teclando ao mesmo tempo. Não consigo acompanhar tudo, e normalmente fico perdido num raciocínio.

13- Sim. Isso acontece muito com a resposta do professor. Como ele está tentando responder a todos os alunos, normalmente acontece uma fila de espera, e isso causa certo incômodo.

14- Não.

15- Não posso opinar, pois não percebi a participação dos tutores.

16- A participação da professora é intensa. Ela tenta de desdobrar pra responder há tantas perguntas feitas ao mesmo tempo.

17- Só percebi a interação da professora.

18- Percebo a AVALIAÇÃO PRESENCIAL como uma semelhança entre os dois métodos de ensino. O que mais se distancia é a questão da não presença do professor e a dificuldade, às vezes, de fiscalizarmos nós mesmos nossos estudos.

19- Os vídeos enviados pela instituição, de cada disciplina, mais se assemelharia a uma aula presencial.

- 1- A primeira experiência foi em um treinamento oferecido pelo meu trabalho em convênio com a Universidade de Brasília no período de 29.05.2006 a 04.08.2006. Após este evento busquei outras ofertas de cursos no meu ambiente profissional e já fiz vários, mais de dez eu diria, em assuntos relacionados à minha atividade profissional, e cursos de informática.
- 2- Nunca me interessei por interação em ambiente virtual, eu diria mesmo que fui obrigado, pois em todos os ambientes de EAD existem tarefas como reuniões on-line.
- 3- As formas de interação são basicamente através de correio, onde as dúvidas são deixadas e respondidas assincronamente pelo professor ou tutor, e através das reuniões on-line que seriam chats, previamente agendados, onde todos interagem ao vivo. Fora isso raramente há o contato pessoal, agora recentemente está sendo implantado o encontro com os professores/tutores nos diversos pólos para solução de dúvidas de forma presencial e através de oficinas das mais diversas matérias.
- 4- No ambiente da instituição de ensino a participação nos encontros on-line não é pontuada, então alguns alunos simplesmente ignoram tais eventos se limitando a enviar correios com as dúvidas. Já participei de cursos EAD na Fundação Getúlio Vargas onde a participação pontuava então as pessoas não deixavam de participar.
- 5- Acho que nos encontros on-line, mas fica difícil generalizar, depende do professor/tutor.
- 6- Eu sinto o ambiente um tanto desorganizado, claro também dependendo do professor, é difícil o professor conduzir a aula por causa das conversas paralelas, e da insistência de alguns alunos em tirar as dúvidas de pontos que não são objeto da aula, alguns professores simplesmente respondem para o aluno enviar um correio e seguem a aula outros não conseguem.
- 7- Para ser sincero, eu tenho um objetivo muito claro que é ter o material didático e tocar o barco sozinho, portanto não me dedico muito a interagir, por causa da minha limitação de tempo.
- 8- Percebo principalmente quando nos encontramos na aula inaugural ou no dia das provas, fora isso eu é que não me dedico a interagir conforme dito da questão anterior.
- 9- Ocorre com certeza, pois as pessoas depois vão se reconhecendo nos ambientes on-line.
- 10- O normal é irmos para o encontro sabendo o que vai ser abordado, se é uma aula de revisão ou se temos que ler algum material.
- 11- Há de tudo, seria mais, entretanto, conversa paralela, em minha opinião.
- 12- Não me perco mantenho o foco e ignora o que a meu ver não está acrescentando nada. Tendo a ser mais passivo, por outro lado quando há menos 'ruído' participo mais, em um dos encontros com a professora Vera por um acaso interagi bastante.
- 13- Não que eu tenha detectado até agora.
- 14- Eu acho que ainda não domino bastante aquele ambiente, não vejo ninguém usar com frequência o 'quadro negro' por exemplo.

15- Já presenciei alguns tutores atuando quando o professor fica 'off' ou mandando algum comunicado particular para esclarecer algum ponto quando o professor não pode se estender muito na explicação.

16- Se a pergunta se refere à professora Vera eu gostei muito, foi uma aula que eu participei bastante, mas tenho consciência que se a turma estivesse cheia eu teria sido mais passivo conforme dito antes.

17- As questões são respondidas pelo professor, ou as tutores enviam mensagens particulares ou acontece de alguns alunos mais afoitos atravessarem e responderem. Há professores que permitem que isso ocorra.

18- O que mais se distancia é que o aluno tem que ser disciplinado senão ele se enrola, o que mais se aproxima é que ele terá que saber a matéria para poder fazer a prova presencial.

19- O chat representaria a aula presencial. Pois interagimos diretamente com o professor.

1- Minha experiência na EAD se iniciou em 08/2008, ao ingressar no Curso Ciências Contábeis da instituição de ensino.

2- Minha experiência com a tecnologia fora do espaço da instituição de ensino é razoável. Participo regularmente de chat's em lojas, cartões, editoras, etc. Tenho contato com algumas pessoas pelo MSN algumas vezes durante a semana.

3- Forma de interação presencial: Oficina de Contabilidade. Em 2008, teve apenas uma e eu participei. Também há as provas presenciais e eu participei de todas.

Formas de interação não presenciais: Correio Acadêmico – Participo sempre.
 Fórum de Discussão – Participo sempre.
 Encontros on-line – Participei de quase todos.

4- Para mim, o mais utilizado é o correio acadêmico. É a forma mais rápida de ter contato com os professores/tutores.

5- Correio Acadêmico.

6- Embora seja virtual, eu me sinto tímida ao participar dos encontros on-line. É uma forma de esclarecer dúvidas com os professores/tutores. O funcionamento consiste de alunos fazerem perguntas ou mesmo os professores fazerem as perguntas para os alunos responderem. Outros professores preferem revisar a matéria.

7- Não me sinto integrante de uma comunidade com a mesma intensidade que seria presencialmente. Para mim, ainda há uma certa distância. No encontro presencial há maior interação entre alunos e professores.

8- O desejo dos colegas se conhecerem ainda é muito pouco. Com o tempo isso pode vir a ser modificado.

9- Há interação sim. Os alunos que realizaram as provas comentam quais foram suas respostas e com isso, conversam, trocam telefones, e-mails, etc.

10- No primeiro período (2008), não houve essa prévia orientação do conteúdo a ser discutido no encontro on-line. Nesse semestre agora (2009) é que alguns professores estão disponibilizando o conteúdo que será abordado no encontro.

11- Há interação entre alunos e professores/tutores. Quando há interação somente entre alunos, não vejo como conversa paralela porque há outros meios de comunicação. Naquele momento do encontro, pode haver uma necessidade de comunicação entre alunos sobre algo referente à aquela aula. Ou até mesmo entre aluno/professor. Acho uma forma interessante de interagir.

12- Não sinto dificuldades em acompanhar as perguntas dos alunos embora algumas vezes alguns fogem do tema em questão.

13- Ocorre silêncio sim, mas não me incomoda. O tempo às vezes é necessário para pensar em dar a resposta, de preferência correta.

14- No início tive muitas dificuldades por não ter habilidade com esse tipo de ensino (virtual), com a sala de reuniões, etc. Perdi muito tempo e até encontros on-line. Depois fui me adaptando ao ambiente virtual.

15- Cooperação.

16- Significativa.

17- Há também alunos que ajudam a esclarecer dúvidas de outros alunos. Isso é bom.

18- O que mais se assemelha o EAD com o ensino presencial é a abordagem dos conteúdos e o que mais se distancia é não estar frente à frente com professores e colegas de classe.

19- No EAD o que mais representaria a aula são os CD's. Eles vem com as apresentações, aulas e revisões, etc.